



Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ciências Humanas, Letras e Arte
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

CIÊNCIA E GÊNERO: O COTIDIANO DE MULHERES PESQUISADORAS EM
PSICOLOGIA

Rocelly Dayane Teotonio da Cunha Souza

Natal - RN

2021

Rocelly Dayane Teotonio da Cunha Souza

CIÊNCIA E GÊNERO:
O COTIDIANO DE MULHERES PESQUISADORAS EM PSICOLOGIA

Tese elaborada sob orientação da Prof.^a Dr.^a Magda Diniz Bezerra Dimenstein e da Prof.^a Dr.^a Candida Maria Bezerra Dantas apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial à obtenção do título de doutora em Psicologia.

Natal - RN

2021

i

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte.
UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – CCHLA

Cunha, Rocelly Dayane Teotonio da.
Ciência e gênero: o cotidiano de mulheres pesquisadoras em
Psicologia / Rocelly Dayane Teotonio da Cunha. - 2021.
230f.: il.

Tese (doutorado) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do
Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2022.
Orientador: Prof.^a Dr.^a Magda Diniz Bezerra Dimenstein.

1. Psicologia - Tese. 2. Excelência científica - Tese. 3. Gênero
- Tese. I. Dimenstein, Magda Diniz Bezerra. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 159.9

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

A tese **Ciência e gênero: o cotidiano de mulheres pesquisadoras em Psicologia** elaborada por Rocelly Dayane Teotonio da Cunha Souza, foi considerada aprovada por todos os membros da Banca Examinadora e aceita pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia, como requisito parcial à obtenção do título de DOUTORA EM PSICOLOGIA.

Natal, RN, _____ de _____ de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof. ^a Dr. ^a Magda B. Diniz Dimenstein (Orientadora, UFRN)	_____
Prof. ^a Dr. ^a Candida M. Bezerra Dantas (Co-orientadora, UFRN)	_____
Prof. ^a Dr. ^a Maria Juracy Toneli (UFSC)	_____
Prof. ^a Dr. ^a Maria Helena Rodrigues Navas Zamora (PUC)	_____
Prof. ^a Dr. ^a Maria da Graça Silveira Gomes da Costa (UFRN)	_____
Prof. Dr. João Paulo Pereira Barros (UFC)	_____

A Ivonete Teotônio e Ronaldo Cunha.
Mãe, Pai e grandes inspiradores, dedico.

Agradecimentos

À minha querida família pela torcida e compreensão nesses anos dedicados a elaboração desta tese.

À Magda Dimenstein e Candida Dantas, pelo aprendizado que tanto contribuiu para a profissionalização de meu percurso acadêmico-científico. Obrigada por acolherem e confiarem em meu trabalho!

Às professoras Maria Juracy Toneli, Maria Helena Rodrigues Navas Zamora, Maria da Graça Silveira Gomes da Costa e ao professor João Paulo Pereira Barros por aceitarem participar da banca.

Agradeço também à Maria Laís, Maria Fernanda e Alessandra Oliveira pela amizade e por partilharem comigo os desafios da vida, dentro e fora da universidade.

Sumário

Lista de tabelas.....	ix
Lista de siglas	xi
Resumo.....	xiii
Abstract	xv
Resumen.....	xvii
1. Introdução	19
2. Considerações teórico-metodológicas	27
2.1. Desenho de pesquisa: sujeitas-participantes, instrumentos, procedimentos e tratamento dos dados	29
2.2. Instrumentos e procedimentos	31
2.3. Tratamento dos dados	32
3. Estudo I - Desigualdades de gênero na ciência brasileira: panorama das bolsistas PQ/CNPq nas CHSSALLA e na Psicologia	34
3.1. Perfil geral de distribuição de bolsa PQ/CNPq.....	38
3.2. Perfil de distribuição de bolsa PQ/CNPq das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes (CHSSALLA)	50
3.3. Perfil de distribuição de bolsa PQ na Psicologia	59
4. Estudo II - Excelência científica na Psicologia brasileira: obstáculos e desafios enfrentados por pesquisadoras PQ/CNPq	64
4.1. Perfil sociodemográfico das bolsistas PQ/CNPq da Psicologia	67

4.2. Perfil acadêmico-científico das bolsistas PQ/CNPq da Psicologia.....	70
4.3. Atuação acadêmica-científica das bolsistas PQ/CNPq da Psicologia: a questão de gênero no âmbito da excelência científica.....	76
4.4. Para além da Psicologia clínica: a motivação pela carreira científica em Psicologia	82
4.5. Excelência científica na Psicologia brasileira: questões sobre a performance acadêmica exigida às pesquisadoras PQ/CNPq.....	88
5. Estudo III - Cotidiano de mulheres bolsistas PQ da Psicologia	97
5.1. Perfil sociodemográfico e acadêmico-científico das bolsistas PQ/CNPq da Psicologia	101
5.2. Perfil da jornada de trabalho das bolsistas PQ/CNPq da Psicologia	103
5.3. Dinâmica doméstica-familiar das bolsistas PQ/CNPq da Psicologia	106
5.4. Relacionamentos afetivos e a excelência científica	120
6. Estudo IV - O impacto da excelência científica na saúde de pesquisadoras PQ/CNPq da Psicologia.....	130
6.1. Perfil sociodemográfico, acadêmico-científico e jornada de trabalho das bolsistas PQ/CNPq da Psicologia.....	132
6.2. Indicadores de adoecimento físico e sofrimento psíquico, da rotina alimentar, de exercício físicos e de lazer das bolsistas PQ do CNPq da Psicologia das Bolsistas PQ da Psicologia	135
6.3. Violências de gênero e saúde mental	142
7. Estudo V – Desigualdades de gênero no trabalho científico: permanências e desmantelamentos em processo	151
7.1. A pandemia e o recrudescimento das desigualdades de gênero entre pesquisadoras PQ/CNPq.....	156

7.2. O trabalho científico em tempos de Covid-19 e os efeitos no cotidiano das pesquisadoras PQ/CNPq.....	165
8. Considerações Finais	173
Referências	176
Apêndices.....	202
Apêndice A – Convite à participação em pesquisa e Termo de consentimento livre e esclarecido – TCLE	202
Apêndice B - Formulário eletrônico “O cotidiano de mulheres pesquisadoras em Psicologia”.....	204
Apêndice C – Roteiro de entrevista	228

Lista de tabelas

Tabela 1. Sistematização das partes da tese, distribuição dos capítulos e seus objetivos, etapas da pesquisa e ferramentas de produção de dados utilizadas	30
Tabela 2. Distribuição das bolsas PQ/CNPq por Grande área do Conhecimento e região do país (N, frequências, V-p, valor-p)	39
Tabela 3. Distribuição de mulheres e homens bolsistas PQ/CNPq por Grande área do conhecimento N, frequências, RA, resíduos ajustados, V-p, valor-p)	41
Tabela 4. Distribuição de mulheres e homens bolsistas PQ/CNPq das Grandes áreas do conhecimento por modalidade de bolsa (N, frequências, V-p, valor-p)	47
Tabela 5. Distribuição de mulheres e homens bolsistas PQ/CNPq das áreas das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes (CHSSALLA) (N, frequências, V-p, valor-p)	50
Tabela 6. Distribuição de mulheres e homens bolsistas PQ/CNPq das áreas das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes (CHSSALLA) por perfil étnico-racial (N, frequências, V-p, valor-p)	54
Tabela 7. Distribuição de mulheres e homens bolsistas PQ/CNPq por modalidade de bolsa na Psicologia (N, frequências, RA, Resíduos ajustados)	60
Tabela 8. Distribuição das mulheres bolsistas PQ/CNPq da área Psicologia por identificação étnico-racial (N, frequência, % porcentagem)	61
Tabela 9. Síntese do Estudo ‘Desigualdades de gênero na ciência brasileira: panorama das bolsistas PQ/CNPq nas CHSSALLA e na Psicologia’	63
Tabela 10. Distribuição das bolsistas PQ/CNPq da Psicologia por faixa etária, estado civil, identificação étnico-racial, localização de residência e região do país (n, frequência, % porcentagem)	68

Tabela 11. <i>Período de início da atuação docente, tipo de instituição, classe e nível atual da carreira, subárea, modalidade de bolsa, ano de ingresso no sistema PQ e tempo atual da bolsa das bolsistas PQ do CNPq da Psicologia (n, frequência, % porcentagem)</i>	72
Tabela 12. <i>Síntese do Estudo ‘Excelência científica na Psicologia brasileira: obstáculos e desafios enfrentados por pesquisadoras PQ/CNPq’</i>	96
Tabela 13. <i>Dinâmica doméstica-familiar das pesquisadoras PQ da Psicologia em relação a maternidade e a unidade doméstica (n, frequência, % porcentagem))</i>	106
Tabela 14. <i>Dinâmica doméstica-familiar das pesquisadoras PQ da Psicologia em relação aos relacionamentos afetivos/conjugais (n, frequência, % porcentagem)</i>	122
Tabela 15. <i>Síntese do Estudo ‘Cotidiano de mulheres bolsistas PQ da Psicologia’</i>	129
Tabela 16. <i>Indicadores de adoecimento físico e sofrimento psíquico, da rotina alimentar, de exercício físicos e de lazer das bolsistas PQ do CNPq da Psicologia (n, frequência, % porcentagem).....</i>	136
Tabela 17. <i>Síntese do Estudo ‘O impacto da excelência científica na saúde de pesquisadoras PQ/CNPq da Psicologia’</i>	150
Tabela 18. <i>Síntese do Estudo ‘Desigualdades de gênero no trabalho científico: permanências e dismantelamentos em processo’</i>	172

Lista de siglas

ANPEPP	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia
CA	Comitê de Assessoramento
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CH	Ciências Humanas
CHSSALLA	Ciências Humanas Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes
CV	Ciências da Vida
CSA	Ciências Sociais Aplicadas
ECET	Engenharias, Ciências Exatas e da Terra
FAPERJ	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro
FAPERGS	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul
FURG	Universidade Federal do Rio Grande
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LLA	Letras, Linguística e Artes
SBPC	Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UEPG	Universidade Estadual de Ponta Grossa
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UNIPAMPA Universidade Federal do Pampa

UFPEL Universidade Federal de Pelotas

UFRPE Universidade Federal Rural de Pernambuco

UFRGS Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

Essa pesquisa volta-se para a relação entre ciência e gênero, com foco nos impactos das exigências de excelência científica no cotidiano das bolsistas PQ da Psicologia brasileira. Adotou-se uma abordagem multimétodo estabelecida em três etapas: análise de dados de domínio público; aplicação de um formulário eletrônico e realização de entrevistas semiestruturadas. Dessas etapas, resultaram cinco estudos, cujo achados demonstram que: a) na Psicologia, as mulheres ocupam proporcionalmente menos posições no topo da carreira; b) o perfil da bolsista PQ da área é de mulheres brancas, cis, de classe média, casadas, heterossexuais e do sudeste do país e os principais problemas que enfrentam relacionam-se ao cenário de disputa e concorrência interna que tem se acirrado no âmbito da C&T no país e à atual configuração do trabalho acadêmico marcada pela sobrecarga de atividades e funções, gerando sentimentos de satisfação e de desânimo; c) essas condições produzem impactos no cotidiano das pesquisadoras, que somadas às demandas domésticas, familiares e conjugais, exigem a invenção de múltiplas estratégias de conciliação; d) e, associam-se à ampliação da vulnerabilidade ao sofrimento psíquico e outros agravos à saúde; e) apesar disso, a adesão das bolsistas PQ da Psicologia à racionalidade individualizante hegemônica, embaraça a compreensão de que, no atual cenário neoliberal e pandêmico, ser professora do magistério federal e pesquisadora PQ/CNPq não garante necessariamente um lugar de destaque na sociedade ou a garantia de privilégios, já que são trabalhadoras submetidas a níveis de exploração e precarização cada vez mais ampliados. Porém, o mal-estar experimentado desde a eclosão dessa realidade tem provocado fissuras nas concepções que naturalizam as disparidades entre homens e mulheres e entre as diversas mulheres. Concluímos que as

pesquisadoras enfrentam um tensionamento de forças que reposicionam seu lugar subjetivo em direção ao questionamento das desigualdades de gênero, classe e raça na Psicologia.

Palavras-chave: Psicologia; Excelência Científica; Gênero; Cotidiano.

Abstract

This research focuses on the relationship between science and gender, focusing on the impacts of scientific excellence requirements on the daily lives of PQ scholarship holders in Brazilian Psychology. A multi-method approach established in three stages was adopted: analysis of public domain data; application of an electronic form and conducting semi-structured interviews. These steps resulted in five studies, whose findings show that: a) in Psychology, women occupy proportionally fewer positions at the top of the career; b) the profile of the PQ scholarship holder in the area is white, cis, middle class, married, heterosexual and from the Southeast of the country and the main problems they face are related to the scenario of internal dispute and competition that has been intensifying in the context of S&T in the country and the current configuration of academic work marked by the overload of activities and functions, generating feelings of satisfaction and discouragement; c) these conditions produce impacts on the researchers' daily lives, which, added to the domestic, family and marital demands, require the invention of multiple conciliation strategies; d) e, are associated with the expansion of vulnerability to psychological distress and other health problems; e) despite this, the adherence of PQ Psychology fellows to the hegemonic individualizing rationality, hinders the understanding that, in the current neoliberal and pandemic scenario, being a federal teacher and researcher PQ/CNPq does not necessarily guarantee a prominent place in society or the guarantee of privileges, since they are workers subjected to increasingly increased levels of exploitation and precariousness. However, the discomfort experienced since the outbreak of this reality has caused cracks in the conceptions that naturalize the disparities between men and women and between the different women. We conclude that the researchers face a tensioning

of forces that reposition their subjective place towards the questioning of inequalities of gender, class and race in Psychology.

Keywords: Psychology; Scientific Excellence; Gender; Daily Life.

Resumen

Esta investigación se enfoca en la relación entre ciencia y género, enfocándose en los impactos de los requisitos de excelencia científica en la vida diaria de los becarios PQ en Psicología Brasileña. Se adoptó un enfoque de múltiples métodos establecido en tres etapas: análisis de datos de dominio público; aplicación de un formulario electrónico y realización de entrevistas semiestructuradas. Estos pasos dieron como resultado cinco estudios, cuyos hallazgos muestran que: a) en Psicología, las mujeres ocupan proporcionalmente menos puestos en la cima de la carrera; b) el perfil del becario PQ en la zona es blanco, cis, clase media, casado, heterosexual y del sureste del país y los principales problemas que enfrenta están relacionados con el escenario de disputa interna y competencia que se ha ido intensificando en el contexto de la C&T en el país y la configuración actual del trabajo académico marcado por la sobrecarga de actividades y funciones, generando sentimientos de satisfacción y desánimo; c) estas condiciones repercuten en la vida cotidiana de los investigadores, que, sumada a las demandas domésticas, familiares y maritales, requieren la invención de múltiples estrategias de conciliación; d) e, están asociados con la expansión de la vulnerabilidad al malestar psicológico y otros problemas de salud; e) a pesar de ello, la adhesión de los becarios de PQ Psicología a la racionalidad hegemónica individualizadora dificulta la comprensión de que, en el actual escenario neoliberal y pandémico, ser docente e investigador federal PQ/CNPq no garantiza necesariamente un lugar destacado en la sociedad ni la garantía de privilegios, ya que son trabajadores sometidos a niveles cada vez mayores de explotación y precariedad. Sin embargo, el malestar vivido desde el estallido de esta realidad ha provocado fisuras en las concepciones que naturalizan las disparidades entre hombres y mujeres y entre las diferentes mujeres.

Concluimos que los investigadores enfrentan una tensión de fuerzas que reposicionan su lugar subjetivo hacia el cuestionamiento de las desigualdades de género, clase y raza en Psicología.

Palabras clave: Psicología; Excelencia Científica; Género; Vida Cotidiana.

1. Introdução

Inquietei-me com os desafios e obstáculos conferidos às mulheres no campo acadêmico-científico quando iniciei a carreira docente em Psicologia no ano de 2015¹. Desde então, utilizei diferentes estratégias para sobreviver às dificuldades e à violência (acentuada ou sutil) existente no cotidiano universitário. Certamente, a estrutura das relações acadêmicas já repercutia em diferentes esferas de minha vida enquanto estudante, mas foi como docente que passei a analisar, questionar e tentar romper com essa realidade. Desse período até aqui, resgatei algumas das experiências mais marcantes ocorridas na academia e identifiquei características e particularidades entre elas que precisam ser problematizadas. De modo geral, todas elas remetiam/remetem a uma especificidade incômoda ao ambiente acadêmico-científico brasileiro: sou mulher, negra, oriunda de uma classe empobrecida, que se propôs ascender socialmente a partir do campo da intelectualidade².

Em decorrência dessa percepção, nasceu o desejo pela temática da participação das mulheres na carreira acadêmica-científica, principalmente das que alcançam posições científicas de alta performance. Na busca por uma aproximação detalhada sobre a temática realizei no início do curso de doutoramento em 2018 uma pesquisa bibliográfica na literatura especializada e deparei-me com as principais problemáticas em relação às mulheres

¹ Na presente tese, utilizei 1ª pessoa do singular nas seções que partem da trajetória individual e 1ª pessoa do plural nas seções que dizem respeito a reflexões coletivas.

² Ressalto que sou uma mulher negra de pele clara, filha e neta de uma família inter-racial, relações afetivo-sexuais comuns no Brasil e que tem íntimas conexão com os efeitos da ideologia do embranquecimento, aceita e defendida entre 1889 e 1914 pela elite nacional. Além disso, sou uma das poucas dessa mesma família que teve a oportunidade de cursar uma graduação e a única cursando doutorado.

pesquisadoras em nosso país: a) ainda são menos contempladas com bolsas de pesquisa (Valentova, Otta, Silva, McElligott, 2017; Barros & Mourão, 2018); b) têm maior probabilidade de sofrer impactos, em decorrência da maternidade e/ou das relações conjugais, do que seus colegas pesquisadores (Parent in Science, 2018; Machado et al., 2019; Oliveira et al., 2020; Staniscuaski et al., 2020; Barros & Mourão, 2020; Prado & Fleith, 2012; Fabbro & Heloani, 2010); c) estão concentradas em áreas científicas associadas a profissões consideradas femininas (Moschkovich & Almeida, 2015; Olinto, 2011); d) estão mais vulneráveis à discursos que inferiorizam a capacidade intelectual feminina, bem como, a assédios (morais e/ou sexuais) nas instituições universitárias e de pesquisa (Rosa et al., 2020; Barros & Mourão, 2020; Silva & Ribeiro, 2014) e) sofrem mais impactos na saúde em decorrência das demandas despropositadas do trabalho acadêmico (Borsoi & Pereira, 2013) e; f) ocupam posições mais baixas na hierarquia da política de Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I) do país (Barros & Mourão, 2019; Ferrari et al., 2018), revelando que há uma desigualdade de gênero na ciência brasileira ainda por ser superada.

Nesse mesmo período, também empreendi um mapeamento sobre a participação de pesquisadoras em postos da hierarquia da política científica do país e constatei que apesar da ampliação da participação de mulheres entre os bolsistas de Produtividade em Pesquisa (PQ/CNPq), há uma expressiva presença de pesquisadores homens nas bolsas com maior prestígio da carreira de pesquisador(a) (PQ-1A) em diferentes áreas do conhecimento. Além disso, os homens são predominantemente: b) os(a) pesquisadores(a) homenageados pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - SBPC (52, 89,7% receberam essa homenagem desde o início dessa solenidade); c) da equipe do Conselho deliberativo do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq (15, 83,3%); d) da diretoria executiva do CNPq (4, 66,7%); e) do Conselho Superior da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) (15,78,95%), bem como, f) da

Comissão Nacional de acompanhamento do Plano Nacional de Pós-graduação 2011-2020 (12,60%) e; g) advém das Engenharias e Ciências Exatas, áreas com menor inserção de profissionais mulheres³.

A condição desigual conferida às mulheres na carreira científica nos países ocidentais relaciona-se à exclusão da intelectualidade feminina que marcou a concepção de ciência moderna (Kerr & Faulkner, 2003; Löwy, 2009). O estudo de Schiebinger (2001) deu-me pistas de que a supressão de mulheres pesquisadoras do campo científico (moderno) se constituiu com a formalização das ciências em universidades, se distanciando dos laboratórios e observatórios mantidos outrora em ambiente familiar – como o caso das famílias aristocratas europeias, já que o acesso delas à universidade não era permitido. Nas instituições universitárias, entre os séculos XVII e XVIII, defendia-se amplamente o afastamento das mulheres do campo científico em razão de sua considerada menor capacidade científica/intelectual, bem como, da incompatibilidade da ciência com o desempenho das tarefas domésticas-familiares, dadas como femininas. Para a autora, esse modo de operar das instituições acadêmicas baseou-se em experiências masculinas, na medida em que se estruturou sobre a suposição de que os cientistas seriam homens com esposas em casa para cuidar deles e de suas famílias” (p. 69).

Porém, os estudos de Elisabeth Lloyd (1995); Genevieve Lloyd (1996); Evelyn Fox Keller (1996); Helen Longino (1996); Emily Martin (1996); Sandra Harding (1996), atentou-me que mais do que constituir instituições científicas a partir do descrédito da intelectualidade das mulheres, assim como, da incitação ao isolamento das mulheres em atividades no âmbito privado, da casa, a ciência moderna constituiu-se pela defesa de princípios (racionalidade,

³ Dados coletados no primeiro ano do curso de doutorado. Sobre os dados da SBPC, identificamos que somente 6 (10,3%) mulheres foram homenageadas e as mulheres são minoritárias entre os membros da equipe do Conselho deliberativo do CNPq (n=3, %=16,7); da diretoria executiva do CNPq (n=3, %= 33,3); do Conselho Superior da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) (n=4, %=21,05), assim como, da Comissão Nacional de acompanhamento do Plano Nacional de Pós-graduação 2011-2020 (n= %=8, 40).

universalidade e objetividade), que construídos a partir de estereótipos de gênero, reproduziram estrategicamente as relações de gênero como instrumento de poder. Um exemplo é a naturalização das noções de sujeito, mente, razão, objetividade, transcendência, cultura, que foram identificados como masculinos e mais valorizados nas produções científicas de diversas áreas (Lloyd, 1996). Segundo Harding (1996), ao contrário do que a ciência ocidental defendeu/defende, a produção do conhecimento científico é impregnada de valores culturais e os princípios de racionalidade, universalidade e objetividade foram determinantes para uma dupla exclusão das mulheres pesquisadoras: foram impedidas de acessar instituições acadêmicas-científicas e impossibilitadas de intervir nas noções de cientificidade que determinaram a desigualdade de gênero no campo científico.

Um conjunto importante de produções feministas implicaram-se em denunciar os efeitos dessa desigualdade na ciência para as mulheres. Sobre isso, a classificação realizada por Harding (1996) na área de gênero e ciência e estudos feministas é clássica entre os países anglo-saxões. A autora identificou cinco tendências de investigação: a) estudos que abordam os obstáculos enfrentados por mulheres no campo acadêmico-científico; b) estudos que identificaram a reprodução de projetos sexistas, racistas, homofóbicos e classistas em diferentes áreas de conhecimento; c) aqueles que questionaram a existência de ciências puras; d) estudos sobre os sentidos simbólicos das práticas científicas a partir da crítica literária, da história e da psicanálise e; e) produções que propuseram-se compreender o fundamento das crenças sociais, assim como, conhecer qual tipo de experiência social constitui o saber científico. De acordo com Minella (2013), no contexto dos estudos brasileiros, somente três tendências têm preponderado: a) aquelas que abrangem análises acerca da participação das mulheres na carreira acadêmica-científica; b) estudos críticos à ciência, que refletem sobre a estrutura de gênero na ciência e na tecnologia e o impacto sobre o trabalho e à saúde das mulheres e, por fim, c) produções relacionadas à trajetória de mulheres pesquisadoras.

Com vistas a identificar os principais desafios dirigidos às mulheres no interior das instituições científicas, focalizei nos estudos da primeira e da segunda tendências de investigação. Nessa análise, identifiquei que dentre as publicações, a conciliação trabalho-família constitui-se como uma questão fundamental. No âmbito dos estudos brasileiros, têm-se apontado que sem considerar o impacto de gênero nessa relação, o sistema científico tem penalizado, cada vez mais as mulheres pesquisadoras, dado que o tempo de permanência na universidade e em instituições de pesquisa é insuficiente para realizar todas as tarefas exigidas pelo campo acadêmico-científico, sendo necessário a extensão da jornada de trabalho para o espaço doméstico e familiar (Santos, 2016; Silva & Ribeiro, 2014), lugar onde as mulheres são em maior parte responsáveis pelas tarefas domésticas e de cuidado, enfrentando uma dupla ou tripla carga horária de trabalho.

Apesar disso, essa múltipla jornada permanece invisível entre as pautas do sistema científico nacional e entre muitas das pesquisadoras. Na realidade, tem-se notado que a maioria das pesquisadoras tem almejado realizar as demandas acadêmicas e familiares sob o impulso de um tempo de trabalho sem medida, rompendo com os limites que separam o tempo de trabalho na instituição, na família e o tempo pessoal. Tomamos a pesquisa de Solís e Abreu (2017) com pesquisadoras mexicanas. Nessa investigação, as autoras defenderam que na atualidade as mulheres pesquisadoras são atravessadas por uma autoimposição do trabalho que as fazem buscar ser eficiente em todos os domínios da vida, ou seja, buscam ser excelentes acadêmicas, bem como, desejam ter êxito como mães, esposas, amigas e filhas. Os estudos de Santos (2016) e de Lima (2013) notaram que entre os relatos das pesquisadoras brasileiras também há uma autoexigência para atender todas as demandas dessas esferas de modo eficiente. Apesar desse aspecto, os resultados analisados por Silva & Ribeiro (2014) evidenciaram que muitas das pesquisadoras brasileiras são tomadas comumente pelo sentimento de culpa,

quando a limitação dos campos acadêmicos com os da vida familiar se apresenta de forma irreconciliável.

Para refletir acerca dessa questão, tomei como referencial analítico as contribuições teórica-metodológicas do feminismo negro e decolonial, composto pela produção intelectual de autoras negras, chicanas, populares, autônomas latino-americanas e indígenas, bem como, pelos estudos de autoras e autores da teoria decolonial (Breny Mendoza, 2019; Ana Marcela Mena, 2017; Ochy Curiel, 2014). Dada sua diversidade teórica, destaco que a intenção desta pesquisa se orienta pela busca de diálogos que proporcionam a abertura para a reflexão acerca da temática em pauta, sem abordar de modo exaustivo as aproximações e/ou os afastamentos teóricos existentes nessa perspectiva epistemológica e metodológica. Na realidade, o intuito deste trabalho circunscreve-se na adoção de um deslocamento das compreensões oferecidas pelo feminismo hegemônico em direção as explanações que partem das experiências reivindicadas pelos feminismos e demais epistemologias do Sul.

Partindo dessas compreensões, intencionamos contribuir com o debate acerca das persistentes desigualdades de gênero na ciência brasileira e na Psicologia, a partir das experiências das bolsistas de produtividade em pesquisa (PQ/CNPq) da área. Para o alcance disso, elegemos como **objetivo geral** dessa investigação analisar os impactos das exigências de excelência científica no cotidiano das bolsistas PQ da Psicologia.

Definimos como **objetivos específicos**:

1. Apresentar o panorama de distribuição das mulheres bolsistas PQ do CNPq nas grandes áreas do conhecimento, detendo-se nas CHSSALLA e Psicologia;
2. Mapear o perfil e o conjunto de atividades desempenhadas pelas bolsistas PQ/CNPq da Psicologia;
3. Investigar os impactos das exigências de excelência científica na dinâmica doméstica e familiar, bem como, na saúde das mulheres bolsistas PQ/CNPq da Psicologia;

4. Analisar o recrudescimento das desigualdades de gênero na ciência brasileira, no atual cenário de intensificação das relações patriarcais e racistas, a partir da realidade das bolsistas PQ/CNPq da Psicologia.

Quanto à estrutura dessa tese, a seção 2 diz respeito ao percurso metodológico da pesquisa. Optamos pela apresentação dos resultados e discussões no formato de estudos.

No estudo I **“Desigualdades de gênero na ciência brasileira: panorama das bolsistas PQ/CNPq nas CHSSALLA e na Psicologia”** apresentamos o panorama geral da posição das mulheres na ciência brasileira e discutimos as assimetrias de gênero e raça nas diferentes áreas do conhecimento, em particular na Psicologia, tomando como analisador a distribuição de bolsas de produtividade em pesquisa (PQ) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

No estudo II **“Excelência científica na Psicologia brasileira: obstáculos e desafios enfrentados por pesquisadoras PQ/CNPq”** propomos, a partir da apresentação de um mapeamento sociodemográfico e acadêmico-científico, conhecer a realidade das bolsistas PQ da Psicologia, a partir do conjunto de atividades desempenhadas, bem como os aspectos contextuais e institucionais associados ao seu desempenho, especialmente no cenário de retração dos investimentos em ciência e tecnologia no país e da pandemia da Covid-19.

No estudo III **“Cotidiano de mulheres bolsistas PQ da Psicologia”** analisamos as repercussões da atual configuração do trabalho acadêmico no cotidiano doméstico-familiar das bolsistas PQ/CNPq da Psicologia. Discutimos, a partir desse cotidiano, os efeitos que emergem da relação entre as cobranças acadêmicas e domésticas-familiares no dia a dia dessas profissionais, bem como, debatemos como as responsabilidades presentes em ambos os ambientes rebatem em seus processos de subjetivação.

No estudo IV **“O impacto da excelência científica na saúde de pesquisadoras PQ/CNPq da Psicologia”** discutimos os efeitos das exigências da excelência científica na saúde das bolsistas PQ/CNPq da Psicologia, tomando em consideração que na atualidade o modo de organização do trabalho docente e de pesquisa nas universidades brasileiras e programas de pós-graduação tem gerado profundos impactos na saúde das(os) docentes-pesquisadoras(es), sobretudo, entre bolsistas PQ.

No estudo V **“Desigualdades de gênero no trabalho científico: permanências e desmantelamentos em processo”** analisamos os efeitos do recrudescimento das desigualdades de gênero da ciência nacional, a partir do cotidiano das bolsistas PQ da Psicologia. Nesse estudo, tomou-se como analisador o atual cenário de instabilidade política e de pandemia do Novo Coronavírus (SARS-CoV-2) no país.

2. Considerações teórico-metodológicas

Nossa investigação objetivou conhecer os impactos das desigualdades presentes na relação Ciência e Gênero na vida de mulheres pesquisadoras em Psicologia. Com vistas a analisar os acontecimentos que se desenrolam no cotidiano dessas profissionais a partir de um olhar atento às manifestações do sistema de gênero, nos ancoramos no referencial teórico da epistemologia feminista decolonial.

Do nosso ponto de vista, acreditamos que uma análise sob essa perspectiva teórica-metodológica-política se faz imprescindível dentre as pesquisas que buscam dissecar as desigualdades de gênero no campo acadêmico-científico, uma vez que tem sido urgente a descolonização dos saberes hegemônicos difundidos na academia. Ao defendermos uma investigação sob tal viés, ou seja, desde a epistemologia feminista decolonial, apostamos na análise da temática a partir das contribuições de suas correntes teóricas, isto é: tanto de produções das intelectuais feministas negras, chicanas, populares, autônomas latino-americanas, indígenas, dentre outras; quanto de produções de pensadoras e pensadores do que se denomina teoria decolonial ou projeto decolonial (Breny Mendoza, 2019; Ana Marcela Mena, 2017; Ochy Curiel, 2014).

Nesse sentido, a compreensão empreendida nesse estudo assume compatibilidade com as seguintes posições: a) que as relações de poder do sistema-mundo atual foram construídas a partir da intrusão dos colonizadores europeus na América (Latina) (Aníbal Quijano, 2000), e desde lá não houve uma transformação significativa das formas de dominação, embora estejam com novas roupagens (Ramón Grosfoguel, 2010); b) que essas relações foram baseadas na noção de raça que, por sua vez, estabeleceu a ideia de superioridade dos europeus e de

inferioridade dos povos que foram colonizados e escravizados (negras(o) e indígenas), ideia que permanece viva em razão das formas de dominação a partir da colonialidade do poder (Aníbal Quijano, 2000), do ser (Dasein) (Maldonado-Torres, 2007) e do saber (Walter Mignolo, 2003); c) que não apenas a raça determinou a colonialidade de poder, mas também o gênero e seu formato heterossexual (Lugones, 2008). Isso resultou num sistema multifacetado de gênero, com diferenças substanciais entre o que foi imposto às mulheres europeias (brancas) e às mulheres racializadas (negras e demais não-brancas) no território latino-americano e outros territórios do Sul Global (Lugones, 2008). Esse sistema subordinou as mulheres europeias e desumanizou as mulheres (e os homens) africanas(o) e indígenas.

Para nós, o entendimento dessas questões é um fator decisivo, tendo em vista que é essa configuração de poder que determinou/determina a racionalidade científica e as relações de gênero experimentadas pelas mulheres no território latino-americano. Apostamos que por essa via seja possível analisar os modos de existência e o cotidiano das pesquisadoras em Psicologia sem cair nas armadilhas do sexismo, do racismo, do classismo, da etnia e de outras formas de discriminações tão arraigadas nessa realidade (Salgado et al., 2019).

Desse ponto de vista, também tomamos como indispensável a adoção da perspectiva teórico-metodológica interseccional, dado que essa “permite-nos analisar [...] a interação simultânea das avenidas identitárias” (Akotirene, 2019, p. 19) e enxergar como o racismo interage de modo indissociável da heterossexualidade, do colonialismo e do classismo na construção de uma matriz de dominação que subsidia elementos jurídicos, disciplinares, científicos e interpessoais que atravessam a experiência cotidiana, notadamente das mulheres negras e demais não-brancas (Collins, 1998).

2.1. Desenho de pesquisa: sujeitas-participantes, instrumentos, procedimentos e tratamento dos dados

Nesse estudo, escolhemos enquanto sujeitas-participantes, as bolsistas de produtividade em pesquisa (PQ) do CNPq da área de Psicologia. A escolha de tais pesquisadoras deu-se em razão da compreensão de que essas especialistas, assim como os pesquisadores homens da Psicologia e pesquisadoras(es) das demais áreas do conhecimento, são as(os) responsáveis pela maior parte da produção científica nacional e formação de recursos humanos em pesquisa. Em razão disso, encontram-se no centro das atuais disputas na condução de C&T no país. Porém, dada a desigualdade de gênero na ciência brasileira ainda por ser superada, as mulheres sofrem repercussões em diferentes esferas da vida e isso exige a busca por investigações e reivindicações particulares. Além disso, a escolha pelas bolsistas PQ deu-se por ser essa a principal modalidade de fomento à pesquisa científica e reconhecimento às pesquisadoras(es) com destacada produção científica, que são líderes em seu campo de atuação e destaque entre seus pares no país. Nesse sentido, focamos nas 204 mulheres pesquisadoras da Psicologia ativas no sistema PQ em julho de 2019.

Para a coleta e produção de dados dessa pesquisa, optamos pela abordagem multimétodo, aquela que parte da combinação de técnicas quantitativas e qualitativas com a finalidade de oferecer a construção de um desenho de pesquisa mais robusto (Creswell, 2016; Paranhos, Figueiredo Filho, Rocha, Silva Júnior & Freitas, 2016; Creswell & Plano Clark, 2011). Ressaltamos que a coleta dos dados quantitativos acerca da participação das mulheres pesquisadoras no sistema de bolsas PQ baseou-se na variável '*sexo*', por possibilitar a análise e a apresentação dos dados estatísticos. Nos estudos I, II, III e IV descrevemos a conduta de determinada variável a partir do uso do termo '*gênero*', embora saibamos que esse último expressa todo um sistema de relações desiguais que transcende a diferença biológica dos corpos

humanos e que se entrecruza com outros marcadores sociais – acerca disso, desenvolvemos melhor problematização no Estudo V.

Fazendo uso dessa abordagem multimétodo e correspondendo aos objetivos específicos dessa tese, desenvolvemos cinco estudos no formato de artigos científicos. Na tabela 1 constam todas as informações quanto a essa organização, distribuição dos estudos e seus respectivos objetivos específicos, etapas realizadas e, por fim, os instrumentos e procedimentos de produção de dados utilizados.

Tabela 1

Sistematização dos estudos e seus objetivos, etapas da pesquisa e instrumentos e procedimentos utilizados

Estudos	Objetivos	Etapas	Instrumentos e procedimentos
Estudo I	Apresentar o panorama de distribuição das mulheres bolsistas PQ do CNPq nas grandes áreas do conhecimento, detendo-se a CHSSALLA e Psicologia	I	Dados de domínio público
		II	Formulário eletrônico (<i>SurveyMonkey</i>)
Estudo II	Mapear o perfil e o conjunto de atividades desempenhadas pelas mulheres bolsistas PQ do CNPq da Psicologia	II	Formulário eletrônico (<i>SurveyMonkey</i>)
Estudo III	Investigar os impactos das exigências de excelência científica na dinâmica doméstica e familiar, bem como na saúde das mulheres bolsistas PQ/CNPq da Psicologia	III	Entrevista semiestruturada (online por meio de softwares)
Estudo IV			

Estudo V	Analisar o recrudescimento das desigualdades de gênero na ciência brasileira, no atual cenário de intensificação das relações patriarcais e racistas, a partir da realidade das bolsistas PQ/CNPq da Psicologia.	III	Entrevista semiestruturada (online por meio de softwares)
----------	--	-----	---

Nos próximos tópicos, abordamos de modo detalhado, como se construiu a sistematização dos instrumentos e procedimentos, bem como, da análise dos dados obtidos nessa investigação.

2.2. Instrumentos e procedimentos

Na primeira etapa da pesquisa, procedemos com a coleta de dados no banco de pesquisadora(es) ativas(os) disponibilizado pelo CNPq, constituído por 12.917 bolsistas PQ, incluindo todas as áreas: as Ciências da Vida (CV), das Engenharias, Ciências Exatas e da Terra (ECET), das Ciências Humanas, Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes (CHSSALLA). Essa etapa de cunho quantitativo, consistiu na análise descritiva dos dados referentes às bolsistas PQ de cada área do conhecimento, dando especial atenção às CHSSALLA e da Psicologia.

Na segunda etapa, aplicamos um formulário eletrônico, composto de questões abertas e fechadas junto a 85 pesquisadoras da Psicologia, das 204 bolsistas PQ cadastradas no sistema PQ/CNPq em julho de 2019 (período da coleta) (Apêndice B). Utilizamos as seguintes estratégias para a formação dessa amostra não-probabilística: a) mapeamento das bolsistas ativas no sistema PQ em abril de 2020; b) envio de e-mail às mulheres bolsistas PQ da Psicologia e c) compartilhamento do link do formulário eletrônico, cadastrado na plataforma

SurveyMonkey, em determinados ambientes virtuais. A qualidade da referida amostra foi avaliada no GPower 3.1, indicando que uma amostra mínima de 80 participantes era suficiente para a realização da pesquisa (t^3 1,98; π^3 0,95; $p < 0,05$). Em relação a multicolinearidade entre as variáveis, estas foram de -0,32 a 0,88 e no teste de normalidade de Shapiro-Wilk (S-W), observou-se sua adequabilidade (S-W = 0,47; $p < 0,25$).

Na **terceira etapa**, realizamos entrevistas do tipo individual e semiestruturada com 24 bolsistas PQ, pertencentes ao conjunto amostral de 85 bolsistas PQ, que demonstraram interesse em participar. Utilizamos um roteiro que combinou questões previamente formuladas e outras abertas, possibilitando um espaço para a reflexão espontânea das respondentes sobre os tópicos assinalados (Minayo & Costa, 2018) (Apêndice C). Em função das implicações para a condução das pesquisas resultantes do distanciamento social (pandemia da COVID-19), a realização delas se deram através do uso de plataformas de videoconferência do tipo Google Meet, Skype ou WhatsApp, de forma síncrona, com interação simultânea. Embora, no início desse estudo tenha sido idealizada a realização de entrevistas presenciais, a aplicação de entrevistas on-line possibilitou uma maior abrangência geográfica, com a inclusão de pesquisadoras participantes de diferentes regiões do país.

2.3. Tratamento dos dados

Os **dados quantitativos** foram analisados a partir da análise descritiva, utilizada para descrever e resumir um conjunto de características observadas (Edna Reis & Ilka Reis, 2002). Para análise dos **dados qualitativos** baseamo-nos nas proposições de Gaskell (2018). Procedemos da seguinte forma: a) realizamos leituras e releituras das transcrições das entrevistas, tomando notas e adicionando realces no conjunto de dados; b) buscamos padrões

de conexões para a formação de códigos e temas e; c) inserimos esses códigos e temas em uma matriz construída a partir das questões norteadoras da pesquisa.

Por fim, ressaltamos que esse estudo obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande Norte-UFRN, sob o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética - CAAE nº 32033620.0.0000.5537 de acordo com o parecer nº 4.072.688.

3. Estudo I - Desigualdades de gênero na ciência brasileira: panorama das bolsistas PQ/CNPq nas CHSSALLA⁴ e na Psicologia

Esse estudo visa contribuir com o debate acerca da participação das mulheres na produção de conhecimento e das profundas desigualdades de gênero existentes na ciência. Pretende, a partir da apresentação do panorama geral da posição das mulheres na ciência brasileira, discutir as assimetrias de gênero e raça nas diferentes áreas do conhecimento, em particular na Psicologia, tomando como analisador a distribuição de bolsas de produtividade em pesquisa (PQ) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

A desigualdade de gênero na ciência é uma realidade em diferentes regiões e países do mundo. De acordo com a Unesco (2020), as mulheres representam atualmente apenas 30% dos pesquisadores no mundo. Estudos realizados por Mason e Ekman (2007) nos Estados Unidos, Alonso, Diz e Lois (2016) na Espanha, Bargillole e Goode (2001) no Reino Unido, bem como por instituições como a Elsevier (2017), revelaram a existência de padrões desiguais estruturados em pelo quatro dimensões: a) mulheres ainda representam parcela minoritária na ciência mundial; b) concentram-se em determinadas áreas de conhecimento; c) predominam

⁴ O escopo inicial desse estudo previa um diagnóstico da distribuição de bolsas de produtividade em pesquisa (PQ/CNPq) por gênero no âmbito das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (CHSA), portanto, de acordo com a classificação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Porém, na fase de coleta de dados observamos que o CNPq incorpora nas CHSA, as áreas de conhecimento referentes à Linguística, às Letras e às Artes (LLA). Em razão disso, optamos por adotar o termo Ciências Humanas, Sociais, Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes (CHSSALLA), nomenclatura utilizada pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE, 2020). Recuperado de <https://www.cgEE.org.br/documents/10195/734063/CGEE-2020-CHSSALLA.pdf>.

nos níveis iniciais da carreira e, d) estão sub representadas em posições deliberativas da política científica e tecnológica.

Estudos desenvolvidos no Brasil revelam o mesmo cenário. Valentova et al. (2017), Tabak (2002), Leta (2003), Vasconcelos e Brisolla (2009) e Velho e Léon (2012) constataram desigualdade entre mulheres e homens em termos de segregação horizontal e vertical, isto é, as mulheres são maioria em áreas do conhecimento relacionadas às profissões socialmente identificadas como femininas e há uma proporção expressiva de mulheres em posições mais baixas na hierarquia da Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I).

Apesar das mudanças recentes em relação à ampliação da participação das mulheres nas posições de destaque em Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I) – a exemplo da bolsa de Produtividade em Pesquisa (PQ/CNPq) - ainda há muita assimetria em várias áreas do conhecimento, em especial, naquelas historicamente dominadas pelos homens. Ao analisar tais desigualdades - levando em conta marcadores sociais como raça/etnia - o cenário torna-se mais devastador, especialmente nos países periféricos. No Brasil, estima-se que apenas 10,4% das mulheres negras têm acesso ao ensino superior e menos 3% à atividade de ensino e pesquisa nas instituições acadêmicas (Ministério da Educação, 2016). Esse quadro está intimamente relacionado às sobreposições entre gênero, raça e classe social, na medida em que mulheres negras e pobres têm menos acesso, enfrentam mais obstáculos e competição do que mulheres brancas e de segmentos sociais privilegiados, em relação à educação superior e à carreira acadêmica.

Na Psicologia, o cenário de desequilíbrio étnico-racial tem a mesma configuração: entre as pós-graduandas em Psicologia do País, menos de 12% são mulheres negras, e menos de 1% é mulher indígena (CAPES, 2018). Essa situação relaciona-se com o histórico da área, majoritariamente ocupada pela população branca (Lhullier, 2013) e afeiçoada aos interesses da

elite brasileira (Bock, 2003), aquela que tem mantido há séculos a exploração de indivíduos não brancos, perpetuado e ampliado as desigualdades sociais (Souza, 2018).

As desvantagens observadas em relação às mulheres, principalmente as negras e indígenas (CAPES, 2018), estão associadas às relações de poder e dominação que penetram a vida social e cotidiana e organizam o funcionamento das instituições acadêmico-científicas. Sobre isso, cabe destacar que, no Brasil, para que as cientistas alcancem posições de destaque em CT&I, como a bolsa PQ do CNPq, elas precisam, assim como os demais pesquisadores, submeter-se a um processo baseado em critérios gerais estabelecidos pelo CNPq e em critérios específicos, definidos pelo Comitê de Assessoramento (CA) de cada área de conhecimento (Wendt et al., 2013). Nesse processo, o CA é um elemento central já que é a partir do juízo emitido pelas(os) especialistas de cada área que é definida a concessão das bolsas para essas profissionais.

No entanto, sua composição hegemonicamente masculina (somente 31% dos membros são mulheres) revela como as desigualdades de gênero presentes nos estágios mais avançados da carreira acadêmica precisam ser questionadas (Parente in Science, 2021). Os estudos de González e Benavente (2017) e de Davyt e Velho (2000) alertam que as desigualdades mantidas no interior dos sistemas científicos estão relacionadas com os discursos de “objetividade” e de “neutralidade” que moldam os processos de avaliação e reconhecimento de pesquisadoras e pesquisadores. Isso porque, ao defender cegamente esses princípios, continuamente, tem-se escondido o lócus de enunciação dos sujeitos que decidem os rumos dos recursos científicos (Gonzalez, & Benavente, 2017), e essa condição tem provocado consequências bastante desvantajosas para as mulheres na carreira científica, principalmente no sentido de excluí-las dos processos de investigação e de negar-lhes(nos) autoridade epistêmica (Sardenberg, 2002).

Tomando tais críticas como referência, este artigo objetiva apresentar o panorama geral de distribuição das mulheres bolsistas PQ do CNPq nas várias áreas do conhecimento, detendo-

se na área da Psicologia, com vistas a problematizar as desigualdades existentes na ciência brasileira, especialmente nas ciências humanas e sociais.

A primeira etapa incluiu uma amostra total de 12.917 pesquisadoras(e) PQ/CNPq das Ciências da Vida (CV), Engenharias, Ciências Exatas e da Terra (ECET) e Ciências Humanas, Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes (CHSSALLA), de acordo com as informações disponíveis no site do CNPq em julho de 2019. A amostra foi distribuída em dois conjuntos de dados: a) distribuição das(o) bolsistas nas Ciências da Vida [$N=5401$]; nas Engenharias, Ciências Exatas e da Terra, [$N=4181$] e nas Ciências Humanas, Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes [$N=3335$] e; b) distribuição das(o) bolsistas na área da Psicologia [$N=314$]. Para investigação da distribuição das cotas PQ referente às Ciências da Vida, Engenharias, Ciências Exatas e da Terra, Ciências Humanas, Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes (CHSSALLA), as variáveis categóricas nominais sexo, área de conhecimento, modalidade de bolsa e região foram comparadas através do teste não-paramétrico qui-quadrado (X^2) no *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS v. 22) (Tabelas 2, 3, 4, 5 e 7).

Utilizamos o procedimento de tabelas cruzadas para testar a independência dessas variáveis categóricas. Quando o qui-quadrado foi significativo ($p<0,05$) indicou uma iniquidade entre as variáveis. Por intermédio dos valores dos resíduos ajustados, procedemos o teste *post-hoc* Bonferroni com a finalidade de evitar erros derivados de múltiplas comparações (MacDonald, & Gardner, 2000). Destacamos que os resultados não são baseados na expectativa de 50% de cada variável, em cada categoria, mas o cálculo de cada valor esperado é baseado no total de linhas, total de colunas e no valor do N de acordo com o teste do qui-quadrado (Valentova et al., 2017).

Na primeira etapa ainda, incluiu uma amostra de 18.354 bolsistas PQ das Ciências Humanas, Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes (CHSSALLA). Nessa fase, analisamos um conjunto de dados abertos do CNPq da CHSSALLA, disponibilizados em domínio público

pela plataforma *Gênero e Número*. Para investigação dessas cotas, foram comparadas as variáveis categóricas nominais sexo, áreas de conhecimento das CHSSALLA (Ciências Humanas - CH; Ciências Sociais Aplicadas - CSA e Linguística, Letras e Artes - LLA), modalidade de bolsa e raça/etnia por meio do teste não-paramétrico qui-quadrado (X^2) no *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS v. 22) (Tabela 6).

A segunda etapa desenvolveu-se a partir de uma amostra adicional, não-probabilística, de 85 mulheres bolsistas da área da Psicologia, coletadas entre abril e junho de 2020. Para a seleção da amostra adicional, foram utilizadas duas estratégias: a) envio de e-mail às mulheres bolsistas PQ da Psicologia, ativas no sistema do CNPq em abril de 2020; b) compartilhamento do link do formulário eletrônico cadastrado na plataforma *SurveyMonkey*, em determinados ambientes virtuais. Para análise dos dados respectivos à área de conhecimento Psicologia, inserimos raça/etnia. Essa última variável não é de domínio público. Dessa maneira, tais dados foram concedidos pelas próprias respondentes do questionário *on-line* (Tabela 8).

3.1. Perfil geral de distribuição de bolsa PQ/CNPq

Identificamos uma disparidade entre a quantidade de bolsas distribuídas por Grande Área do Conhecimento e Região do país, a julgar por [X^2 (2) = 115.664; $p < 0,00$]. Dentre as 12.917 bolsas PQ/CNPq existentes, a maior parte se concentra nas Ciências da Vida (CV) ($n=5.401$), o que corresponde a 42%, seguida das Engenharias, Ciências Exatas e da Terra (ECET) ($n=4.181$), representando 32%, e por fim, das Ciências Humanas, Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes (CHSSALLA) ($n=3.335$), área de menor prestígio na ciência nacional, que tem sofrido muitos ataques no atual governo, e que detém apenas 26% das cotas (Tabela 2).

Tabela 2

Distribuição das bolsas PQ/CNPq por Grande área do Conhecimento e região do país (N, frequências, V-p, valor-p)

Grande área (CNPq)	Nordeste	Norte	Centro-oeste	Sudeste	Sul	Total (n)	V-p
Ciências da Vida	560	116	378	3278	1069	5401	0
Engenharias, Ciências Exatas e da Terra	598	55	159	2625	748	4181	0
Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	375	82	189	1941	744	3335	0
Total região (n)	1533	253	726	7844	2561		

A desvalorização das CHSSALLA no processo de distribuição das cotas de bolsas PQ no Brasil, é, na realidade, um padrão da trajetória científica nacional. Dados recuperados do CNPq informam que entre 2001 e 2015, o órgão investiu um total de 163.198 bolsas de produtividade em pesquisa: 67.862 foram concedidas para CV, 59.628 para ECET e somente 35.708 destinaram-se às CHSSALLA, o que indica um histórico de investimento concentrado na primeira e na segunda, em prejuízo da última.

No cenário atual - diante da queda brutal do orçamento do CNPq (2019) que passou de R\$ 2,3 bilhões em 2013 para R\$ 1,2 bilhão em 2019 e que “está menor do que esteve no início dos anos 2000, quando os fundos setoriais ainda estavam sendo criados” (Negri & Koeller, 2019, p. 7), assim como - da escalada da perseguição às CHSSALLA pelo governo federal, com vistas a estrangular o já curto investimento na área, acreditamos que o desprivilegio da CHSSALLA tende a se tornar mais drástico. No que tange ao CNPq, sendo o principal órgão de fomento à pesquisa científica e tecnológica e incentivo a formação de pesquisadoras(e) brasileiras(o) do país, seu colapso implica que pesquisadoras(e), especialmente das CHSSALLA, podem ficar sem fonte de recursos para financiar os projetos de pesquisa. No

Brasil, o setor produtivo, além do âmbito público, é um importante investidor em CT&I, o qual dificilmente vai financiar pesquisas que não gerem produtos de valor agregado aos interesses empresariais (Oliveira, 2003).

As pesquisadoras(e) das CHSSALLA atuantes fora do eixo Sul-Sudeste se encontram em condições mais adversas, tendo em vista que a distribuição das bolsas PQ acompanha as diferenças existentes entre as regiões do país. Verificamos que o eixo Sul-Sudeste, apesar das diferenças entre ambas as regiões, recebe, historicamente, mais recursos nas áreas da CV e ECET. A Região Nordeste ocupa o terceiro lugar, com uma distribuição mais equitativa entre as áreas, ainda que a maioria esteja nas CV e ECET. Contudo, obtém número de bolsas, indiscutivelmente inferior ao segundo lugar. As regiões Norte e Centro-Oeste recebem os menores recursos, com predomínio das CV e ECET.

Esses dados mostram que as CHSSALLA recebem o menor quantitativo de bolsas em todas as regiões do país e que a situação é ainda pior para as(o) bolsistas da CHSSALLA que atuam no Nordeste, Norte e Centro-Oeste, regiões que sofrem as sequelas das estratégias desenvolvimentistas adotadas por governos brasileiros desde a década de 1930, que visavam à industrialização do país e resultaram numa desigualdade das atividades produtivas - na região Sul e Sudeste - em relação às demais regiões (Guimarães Neto, 1997).

A desvantagem das CHSSALLA em relação as CV e ECET na ciência nacional tem raízes alicerçadas na hierarquia entre os saberes que se estabeleceram no berço da ciência ocidental. Como sabemos, na ciência moderna, as ciências naturais, base disciplinar da CV e da ECET, assumem, historicamente, uma posição de autoridade cognitiva frente às demais áreas de conhecimento. Nos dias atuais, dada a configuração da ciência em termos neoliberais, a lacuna, principalmente, entre as Ciências da vida, área de maior investimento e às CHSSALLA, de menor prestígio, aumenta ainda mais tendo em vista que as Ciências biológicas e biomédicas têm sido amplamente requisitadas em razão das possibilidades de produção de conhecimento

voltada para produtos comerciais (Lander, 2008). Apesar dessa condição, também sabemos que as Ciências Humanas se forjaram nos interstícios das ciências naturais a fim de alcançar o *status* científico, reproduzindo suas premissas epistemológicas e estratégias metodológicas (Foucault, 2012) que tem sido objeto de diferentes críticas teóricas.

Dentre críticas, destacamos que desde 1960 teóricas feministas buscam descortinar os valores culturais da ciência (Keller, & Longino. 1996). Nessa busca, constatam que além da desigualdade entre as áreas de conhecimento, a ciência origina-se a partir de uma hierarquia de gênero que subalterniza a existência e dificulta a presença de mulheres na carreira científica.

Sobre esse aspecto, os dados mostraram diferenças significativas entre mulheres e homens na distribuição das bolsas pelo país. A primeira conclusão do estudo é que as mulheres ainda são minoria na ciência brasileira. Do total de 12.917 bolsas, 8.316 (64,4%) são ocupadas por homens e somente 4.601 (35,6%) das bolsas pelas mulheres (Tabela 3).

Tabela 3

Distribuição de mulheres e homens bolsistas PQ/CNPq por Grande área do conhecimento N, frequências, RA, resíduos ajustados, V-p, valor-p)

Grandes áreas do conhecimento (CNPq)	Feminino (n)	Masculino (n)	RA	V-p
Ciências da Vida	2188	3213	9.8/-9.8	0
Engenharia, Ciências Exatas e da Terra	763	3418	28.5/28.5	0
Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	1650	1685	19.4/-19.4	0
Total	4601	8316	12.917	

Ciências da Vida (CV)

Área do conhecimento	M (n)	F (n)	Total (n)	V-p
Agronomia	627	165	792	0
Biologia Geral	1	5	6	0,02
Botânica	119	95	214	0,01
Ciência e Tecnologia de Alimentos	85	96	181	0
Educação Física	76	18	94	0
Enfermagem	11	169	180	0
Farmácia	78	86	164	0
Farmacologia	98	99	197	0
Fisiologia	109	86	195	0,01
Fisioterapia e Terapia Ocupacional	34	34	68	0,01
Fonoaudiologia	3	51	54	0
Genética	125	137	262	0
Imunologia	76	99	175	0
Microbiologia	85	107	192	0
Nutrição	27	61	88	0
Parasitologia	77	75	152	0
Recursos Florestais e Engenharia Florestal	119	27	146	0
Recursos Pesqueiros e Engenharias de Pesca	80	31	111	0,09
Saúde Coletiva	99	114	213	0

Zoologia	171	55	226	0
Zootecnia	197	65	262	0

Engenharia, Ciências Exatas e da Terra (ECET)

Área do conhecimento	M (n)	F (n)	Total (n)	V-p
Astronomia	85	27	112	0,01
Engenharia Aeroespacial	51	11	62	0
Engenharia Biomédica	57	4	61	0
Engenharia Civil	227	59	286	0
Engenharia de Minas	21	3	24	0,02
Engenharia de Produção	116	37	153	0
Engenharia Elétrica	272	18	290	0
Engenharia Mecânica	264	32	296	0
Engenharia Naval e Oceânica	10	0	10	0,02
Física	890	80	970	0
Matemática	313	26	339	0
Oceanografia	96	31	127	0,01
Probabilidade e Estatística	55	14	69	0,01
Química	507	203	710	0

Ciências Humanas, Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes (CHSSALLA)

Área do conhecimento	M (n)	F (n)	Total (n)	V-p
Administração	140	56	196	0,04
Antropologia	73	85	158	0

Arquitetura e Urbanismo	52	57	109	0
Artes	47	67	114	0
Ciência da Informação	22	28	50	0
Comunicação	67	65	132	0
Economia	180	29	209	0
Educação	144	253	397	0
Filosofia	120	32	152	0
História	136	119	255	0
Letras	107	131	238	0
Linguística	67	165	232	0
Planejamento Urbano e Regional	43	43	86	0,01
Psicologia	110	204	314	0
Serviço Social	11	69	80	0
Turismo	4	13	17	0

Desde que Rossi (1965) se questionou “por que tão poucas?”, a questão da ausência e invisibilidade das mulheres na ciência vem se consolidando como uma temática recorrente nos estudos de Gênero, pois apesar das mudanças nesses padrões apontadas pela Elsevier (2017), a sub-representação de pesquisadoras na carreira científica é um fenômeno atual, no âmbito internacional e nacional.

Dados recentes revelam que as mulheres representam uma parcela minoritária na ciência mundial, com uma média regional de participação de 41,5% nos países Árabes, 39,3% na Europa Central e Oriental, 48,2% na Ásia Central, 23,9% na Ásia Oriental e o Pacífico, 45,1%

na América Latina e Caribe, 32,7% na América do Norte e Europa Ocidental, 18,5% no Sul e Oeste da Ásia e 31,8% na África Subsaariana (Unesco, 2020). Em anos anteriores, os estudos de Fox (2001) nos Estados Unidos; Musselin (2008) na França e Alemanha; Probert (2005) na Austrália; Gupta e Sharma (2002) na Índia e Zhao, Gong, Sun, Zheng (2018) na China, constataram que as mulheres eram minoria entre pesquisadores com bolsas de pesquisa e que a desvantagem das mulheres persiste mesmo quando possuíam nível educacional elevado. No Brasil, a presença feminina é preponderante entre os matriculados na formação graduada e pós-graduada, representando 57,2% (MEC, 2016) e 54% (CAPES, 2018), respectivamente. No entanto, no âmbito do CNPq, ocuparam, em média, 36% das bolsas entre os anos 2013 e 2017 (Assis, 2018).

A segunda conclusão oriunda da análise dos dados é o fato das pesquisadoras e pesquisadores se concentrarem em determinadas áreas do conhecimento, considerando [χ^2 (2) = 885.663; $p < 0,00$] (Tabela 3). A avaliação da distribuição das(o) bolsistas na Ciências da Vida revelou uma assimetria de gênero significativa. Por intermédio do teste Bonferroni detectamos diferenças em 21 cursos, [$\chi^2(2) = 2206,15$; $p < 0,00$]. O número de mulheres foi inferior ao esperado na distribuição de cursos hegemonicamente frequentados por homens a exemplo da Agronomia ($p < 0,00$), Recursos Florestais e Engenharia Florestal ($p < 0,00$) e Zootecnia ($p < 0,00$), dentre outros. Já o número de homens foi inferior em 14 áreas, dentre as quais Enfermagem ($p < 0,00$), Fisioterapia e Terapia Ocupacional ($p < 0,01$), Fonoaudiologia ($p < 0,00$) e Saúde Coletiva ($p < 0,00$).

A análise apontou o mesmo resultado em algumas áreas das Engenharias, Ciências Exatas e da Terra (ECET), tendo em vista [$\chi^2(2) = 2206,75$; $p < 0,00$]. Nesse caso, a contagem esperada e observada foi desfavorável para as mulheres. Posteriormente, o teste *post hoc* Bonferroni revelou que essas diferenças significativas se encontravam, especificamente, nas

áreas da Astronomia ($p < 0,01$), Física ($p < 0,00$) e nas engenharias de uma forma geral, dentre outros cursos.

Nas Ciências Humanas, Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes (CHSSALLA), uma diferença estatisticamente significativa entre sexo e áreas de conhecimento também foi encontrada [$X^2 (2) = 2206,75^a$; $p < 0,00$]. A análise revelou que 16 áreas contribuíram para essa distribuição sem equidade, indicando que há uma concentração de mulheres em Antropologia, Arquitetura e Urbanismo, Artes, Ciência da Informação, Comunicação, Educação, História, Letras, Linguística, Psicologia, Serviço Social e Turismo. Por outro lado, o número de mulheres foi menor ao esperado em Administração ($p < 0,04$), Economia ($p < 0,00$) e Filosofia ($p < 0,00$), áreas com quantitativo elevado de bolsistas homens.

Os resultados das CV, ECET e CHSSALLA indicam uma proporção mais alta de mulheres bolsistas em áreas profissionais historicamente associadas ao trabalho doméstico, familiar, reprodutivo e ao cuidado. Por outro lado, observa-se a concentração de homens em disciplinas científicas ligadas à política, ao setor econômico e ciências da natureza, o que remonta, de acordo com Olinto (2012), Tabak (2002), Leta (2003), para uma segregação horizontal, ou seja, uma proporção maior de um dos sexos em algumas áreas profissionais.

Dados publicados pela Elsevier (2017) diagnosticaram um padrão semelhante em diferentes países e regiões do globo. As mulheres são melhor representadas nas áreas temáticas da Bioquímica, Genética, Biologia Molecular, Imunologia, Microbiologia, Medicina, Enfermagem e Psicologia, sendo pelo menos, 40% do total pesquisadores de cada área. De modo oposto, em Ciência da Computação, Energia, Engenharia, Matemática, Física e Astronomia, os homens são predominantes, tendo em vista que são áreas associadas à racionalidade, à razão, valor socialmente construído como masculino em contraponto às áreas relacionadas socialmente à 'natureza feminina'.

A terceira conclusão do estudo é que há uma desigualdade na distribuição entre homens e mulheres, levando em conta a modalidade de bolsa PQ. Ao analisar a distribuição geral dos(a) bolsistas PQ/CNPq por sexo e modalidade de bolsa constatou-se mais uma diferença significativa (Tabela 4). As mulheres detêm somente 35,6% do total de cotas. Verifica-se também que as pesquisadoras são minoria em todas as modalidades, considerando [$\chi^2(2) = 52944,0$; $p < 0,00$]. Além disso, as mulheres estão em desvantagem significativa em comparação aos bolsistas homens no nível PQ-2, ($p < 0,00$) e nos níveis mais privilegiados da carreira: PQ-SR, ($p < 0,02$), PQ-1A, ($p < 0,00$) e PQ-1B, ($p < 0,02$).

Tabela 4

Distribuição de mulheres e homens bolsistas PQ/CNPq das Grandes áreas do conhecimento por modalidade de bolsa (N, frequências, V-p, valor-p,)

Modalidade de Bolsa		PQ-SR	PQ-1A	PQ-1B	PQ-1C	PQ-1D	PQ-2	Total
Feminino	N	43	310	354	453	754	43	4601
Masculino	N	117	822	741	753	1316	117	8316
	V-p	0,02	0,00	0,02	0,13	0,42	0,00	
Total								12.917
Ciências da Vida (CV)								
								Total
		PQ-SR	PQ-1A	PQ-1B	PQ-1C	PQ-1D	PQ-2	
Feminino	N	19	131	166	224	379	1264	2188
Masculino	N	35	368	289	301	564	1656	3213
	V-p	,42	,00	,07	,27	,84	,00	
Total								5.401

Engenharia, Ciências Exatas e da Terra (ECET)

								Total
		PQ-SR	PQ-1A	PQ-1B	PQ-1C	PQ-1D	PQ-2	
Feminino	N	5	32	48	78	121	479	763
Masculino	N	61	318	315	311	529	1884	3418
	V-p	,02	,00	,01	,32	,76	,00	
Total								4181

Ciências Humanas, Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes (CHSSALLA)

								Total
		PQ-SR	PQ-1A	PQ-1B	PQ-1C	PQ-1D	PQ-2	
Feminino	N	19	147	140	151	254	939	1650
Masculino	N	21	136	137	141	223	1027	1685
	V-p	,76	,37	,69	,42	,07	,02	
Total								3335

Na análise da distribuição das(o) bolsistas por modalidade de bolsa em cada grande área de conhecimento, identificamos que as mulheres têm experimentado desvantagens, sobretudo, nas Engenharias, Ciências Exatas e da Terra (ECET) e Ciências da vida (CV), áreas com maioria dos recursos no país. Na ECET, a desvantagem das mulheres ocorre – especificamente - nos níveis PQ-2 ($p<0,00$), PQ-1B ($p<0,01$), PQ-1A ($p<0,00$) e PQ-SR ($p<0,02$) e nas Ciências da vida acontece nos níveis PQ-2 ($p<0,00$) e PQ-1A ($p<0,00$). Desse modo, elas enfrentam dificuldades tanto na entrada do sistema, quanto para alcançar as modalidades de maior prestígio. Já na CHSSALLA, área com menor movimentação de recursos, uma diferença

estatística em desfavor das mulheres foi constatada apenas na modalidade PQ-2 ($p < 0,00$), ou seja, no acesso ao sistema PQ do CNPq.

Segundo Valentova et al. (2017) e Leta (2003), no Brasil, as mulheres enfrentam condições desiguais que as impedem de alcançar postos mais prestigiados do âmbito científico, como os níveis seniores das bolsas PQ, modalidade de acesso a maiores subsídios, bem como de integrar equipes de comitês deliberativos e diretoria executiva, responsáveis pela decisão em termos da concessão de recursos para pesquisa e formação de pesquisadores. Em época de redução drástica do orçamento destinado à ciência, as mulheres bolsistas serão ainda mais prejudicadas. Além de driblar o curto orçamento do CNPq, principalmente, em áreas com menor investimento e/ou menor participação feminina, as mulheres enfrentarão disputas, cada vez mais acirradas, para se inserir, permanecer e progredir no sistema PQ.

Outras investigações acerca da participação das mulheres na ciência nacional desde a década de 1990, têm identificado como a sub-representação das mulheres, principalmente, nos níveis mais privilegiados da carreira, está ancorada aos saberes androcêntricos que estereotiparam/estereotipam e violentaram/violentam as mulheres em diferentes áreas de conhecimento.

Nos últimos anos, tem sido imperativo em produções técnicas e científicas a busca de soluções para a desigualdade imposta às pesquisadoras, sobretudo na Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática (STEM), dada a maior sub-representação das mulheres nessa carreira. Contudo, a concentração de mulheres nas humanidades não significa que essas estão isentas da lógica desigual presente na ciência de forma geral. Na análise detalhada que realizamos sobre a distribuição de bolsas das CHSSALLA no país, identificamos assimetrias de gênero que desfavorecem a participação e a progressão das mulheres pesquisadoras nessa grande área.

3.2. Perfil de distribuição de bolsa PQ/CNPq das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes (CHSSALLA)

A partir da análise do perfil de distribuição de bolsa PQ/CNPq no país constatamos que as CHSSALLA têm sido uma grande área de conhecimento com menor investimento, com menor número de cotas, registrando somente 26% do total geral de pesquisadoras e pesquisadores (tabela 2 e 5). A situação tende a se agravar para bolsistas das regiões nordeste, centro-oeste e norte, dada a concentração de bolsas nas regiões Sul e Sudeste. Nas CHSSALLA as cotas estão distribuídas da seguinte forma por regiões do país: sudeste (n= 1941; 58.2%), sul (n= 748; 22.4%), nordeste (n= 375; 11.2%), centro-oeste (n= 189; 5.7%), norte (n= 82; 2.5%), ou seja, segue o padrão da distribuição geral no país anteriormente demonstrado.

Tabela 5

Distribuição de mulheres e homens bolsistas PQ/CNPq das áreas das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes (CHSSALLA) (N, frequências, V-p, valor-p,)

		Feminino		Masculino		Total	
Área da CHSSALLA	(n)	(%)	(n)	(%)	(n)	(%)	
Ciências Humanas	878	53,21	873	51,81	1751	13,5	
Ciências Sociais Aplicadas	409	24,79	591	35,07	1000	7,74	
Linguística, Letras e Artes	363	22,00	221	13,12	584	4,52	
Total	1650	100	1685	100	3335	26	

Embora as CHSSALLA sejam marcadas pela forte inserção de mulheres e pela existência de nichos disciplinares ‘femininos’, a análise da distribuição das(o) bolsistas indicou a presença de uma leve vantagem em favor dos homens. Sobre esse aspecto, as mulheres ocupam um menor número de bolsas, tendo em vista que do total 3335 das cotas, 1.685 (50,5%) são ocupadas por homens e 1.650 (49,5%) por mulheres (Tabela 5). Observando-se essa distribuição dentre as áreas das CHSSALLA, notamos que a concentração de mulheres e homens por área disciplinar associa-se ao valor social das áreas de conhecimento e profissões. Nas Ciências Humanas (CH) e nas Linguísticas, Letras e Artes (LLA), as mulheres ocupam o maior número das cotas, 878 (53,21) e 363 (22%), respectivamente. Por outro lado, há uma concentração de homens nas Ciências Sociais Aplicadas (CSA), correspondendo a 591 (35,07%) das bolsas, em áreas que correspondem a nichos de empregabilidade onde se obtém os maiores salários (CGEE, 2020).

Os doutores das Ciências Sociais Aplicadas são os melhores remunerados, com média de R\$ 16.989,39. As Ciências Humanas estão em segundo lugar, com média R\$ 13.769,66, e são seguidas de perto por Linguística, Letras e Artes, em que a média é de R\$ 13.131,19. É notável a homogeneidade da remuneração média dos doutores entre todas as CHSSALLA quando empregados no setor Educação [...] esse fato é fortemente influenciado pela carreira das universidades federais, nas quais não há distinção de salários por área do conhecimento ou por região geográfica. Por outro lado, a análise da Administração Pública mostra grandes variações na remuneração média por área do conhecimento. A remuneração média é superior a R\$ 33 mil para doutores em Direito, mas não chega a R\$ 10 mil para doutores em áreas como Letras, História e Artes. A segunda e terceira áreas do conhecimento em que doutores têm maior remuneração média na Administração Pública são Ciência Política e Economia, com R\$ 23 mil e R\$ 22 mil, respectivamente (CGEE, 2020, p. 56).

A inserção e a progressão de mulheres na carreira acadêmica das CHSSALLA, sobretudo nas CH e LLA, foi possível devido à expansão da pós-graduação em todo território brasileiro. Os investimentos do país na formação doutoral a partir da década de 2000, proporcionaram o aumento da presença de mulheres nessas e demais áreas do conhecimento. Dados analisados pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), constataram que:

“[...] Em 1996, a titulação de doutores era majoritariamente masculina e, nos anos que se seguiram até 2015, passou a ser predominantemente feminina. Esse processo ocorreu [...] em todas as Regiões e Unidades Federativas do Brasil com oferta de doutorado, mesmo onde não havia cursos desse nível de 1996”. As grandes áreas CHSSALLA, em termos de formação de doutores e de empregabilidade, contam com expressiva presença feminina. O perfil predominantemente feminino de formação e empregabilidade nas CHSSALLA consolidou-se no período entre 1996 e 2015, com a expansão pública de cursos de doutorado para todas as Regiões do País e também com a expansão do ensino superior público em todas as Unidades da Federação. Essas mudanças permitiram a empregabilidade dessas novas doutoras [...] (CGEE, 2020, p. 167-168).

A despeito desse perfil prevalentemente feminino, a empregabilidade de doutoras nos Programas de Pós-Graduação das CHSSALLA é desfavorecida. Os homens predominam dentre docentes-pesquisadores em Programas de Pós-Graduação dessa grande área no país, sejam eles na esfera federal, estadual, municipal e/ou privada (CGEE, 2020), o que indica que as mulheres têm menos oportunidades profissionais compatíveis com o grau educacional alcançado pela maioria. Ou seja, pesquisadoras das CHSSALLA, ainda que estejam em uma grande área com menor desigualdade de gênero, comparada às Ciências da Vida e Engenharia e às Ciências Exatas e da Terra (ECET) (Tabela 2, 3 e 4), também enfrentam obstáculos para se inserir no sistema, progredir e ocupar posições de destaque na Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I) brasileira.

A análise das pesquisadoras e pesquisadores CHSSALLA ativos no sistema PQ/CNPq entre os anos de 2013 e 2017 revelou que esse panorama de gênero da grande área persiste ao longo dos anos no sistema de bolsas de produtividade em pesquisa (PQ/CNPq). Notamos que do total de 18.354 bolsas disponibilizadas pelo CNPq no período indicado, 9.257 (50,44%) foram ocupadas por homens e 9.097 (49,56%) por mulheres. Observamos que a concentração de gênero nas CH, CSA e LLA se mantém historicamente posto que na primeira (CH), 4854 (50,13%) são mulheres e 4828 (49,87%) são homens; na segunda (CSA) 2.320 (41,75%) são

mulheres e 3.237 (58,25%) são homens e na última (LLA), 1.923 (61,73%) pertencem a pesquisadoras e 1.192 (38,27%) a pesquisadores.

Quanto à modalidade de bolsa, a análise demonstrou que as mulheres bolsistas ficaram distribuídas assim: PQ1A (688; 47,12%), PQ1B (835; 52,95%), PQ1C (849; 53,13%) e PQ1D (1427; 49,26%); PQ-2 (5214; 49,18%) e PQ-SR (83; 38,25%). No caso dos homens bolsistas, a distribuição se registrou da forma a seguir: PQ1A (772; 52,88%), PQ1B (742; 47,05%), PQ1C (749; 46,87%) e PQ1D (1470; 50,74%); PQ-2 (5388; 82,92%) e PQ-SR (134; 61,75%). Nota-se, portanto embora haja um percentual expressivo de mulheres em todos os níveis da modalidade PQ, os homens ocuparam a maior quantidade de cotas nos níveis mais privilegiados do sistema PQ (1A e SR) nas CHSSALLA.

A conciliação entre o tempo dedicado à ciência e à família tem sido apontada como um dos principais aspectos que dificultam a inserção, a permanência e a progressão das mulheres na carreira (Gamboa & Pérez, 2017). Segundo Santos (2016), o tempo de permanência no exercício do trabalho científico não é suficiente para o cumprimento de todas as atividades exigidas para esses níveis de excelência acadêmica. Em função disso, a extensão do trabalho científico para o âmbito doméstico emerge como uma necessidade e realidade no cotidiano das mulheres.

Em seu estudo, Santos (2016) observou que o tempo dedicado à ciência representa, para algumas pesquisadoras, a negação do cuidado para com o(a)s companheiro(a)s e filho(a)s. A pesquisa realizada pelo *Parent in Science*, demonstrou que pesquisadoras com filhos em idade escolar não conseguem manter o ritmo de produção científica devido às tarefas do âmbito doméstico e familiar (Staniscuaski et al., 2018). Embora a responsabilidade do trabalho doméstico esteja historicamente associada à mulher, devido à biologização da ‘vocação para o lar’ socialmente construída, Collins (2019) alerta que mulheres brancas e negras experenciam de formas distintas esse estereótipo.

É necessário, entretanto, remontar a um período anterior à formação do mercado de trabalho assalariado brasileiro para compreender a participação das mulheres negras no mundo do trabalho e no lar, já que desde o período escravista, muito antes do ingresso do grande contingente de mulheres brancas de classes populares, na segunda metade do século XX, as primeiras já estavam submetidas à exploração do trabalho (Quijano, 2000, p. 103).

Em razão disso, buscamos conhecer como se dá a distribuição por perfil étnico-racial das bolsistas da CHSSALLA ativas no sistema PQ, no período de 2013 a 2017. Em termos da raça declarada, é possível concluir que há uma concentração de pesquisadoras e pesquisadores brancas(o). Nesse período, foram destinadas 12.819 (69,84%) das cotas PQ/CNPq para bolsistas brancas(o), distribuídas em 6.719 (73,86%) para mulheres brancas e 6.100 (65,90%) para homens brancos. Por outro lado, somente 1.466 (7,99%) foram ocupadas por pardas(o), 649 (7,13%) mulheres pardas e 817 (8,83%) homens pardos. Entre os(a) indivíduos pretos(a) apenas 225 (1,23%) obtiveram a bolsa PQ, dentre os quais 108 (1,19%) eram mulheres pretas e 117 (1,26%) eram homens. Da amostra indicada, somente 41 (0,44%) homens indígenas tiveram bolsa e 32 (0,35%) mulheres indígenas foram identificadas como bolsista PQ (Tabela 6).

Tabela 6

Distribuição de mulheres e homens bolsistas PQ/CNPq das áreas das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes (CHSSALLA) por perfil étnico-racial (N, frequências, V-p, valor-p,)

Raça/Etnia	Feminino		Masculino		Total	
	(n)	(%)	(n)	(%)	(n)	(%)
Branca	6719	73,86%	6100	65,90%	12819	69,84%
Parda	649	7,13%	817	8,83%	1466	7,99%
Preta	108	1,19%	117	1,26%	225	1,23%

Amarela	69	0,76%	94	1,02%	163	0,89%
Indígena	32	0,35%	41	0,44%	73	0,40%
ND	1505	16,54%	2060	22,25%	3565	19,42%
NI	15	0,16%	28	0,30%	43	0,23%
Total	9097	49,56%	9257	50,44%	18354	

Quando analisamos exclusivamente a distribuição entre as mulheres, observamos que as brancas estão predominantemente nas CH (3.626 ou 74,70%), CSA (1.712 ou 73,79%) e na LLA (1.381 ou 71,81%). As mulheres pardas, pretas e indígenas são melhor representadas nas CH: 343 (7,07%), 51 (1,05%) e 22 (0,45%) respectivamente. Olhando mais detalhadamente, verificamos que as mulheres pardas ocupam uma quantidade expressiva das bolsas também na CSA (196 ou 8,45%) e LLA (110 ou 5,72%), embora sejam minoria em comparação aos homens pardos. Por outro lado, essa vantagem não se repete entre as pesquisadoras pretas e indígenas: constatamos que mulheres pretas ocupam menor quantidade de bolsas nas CSA e nenhuma das bolsas da LLA foram destinadas a pesquisadoras indígenas.

Dentre os homens tem-se um cenário semelhante: homens brancos predominam nas três áreas de conhecimento (CH, CSA, LLA). No que diz respeito aos homens pardos, pretos e indígenas, a maioria ocupa as bolsas PQ nas CH, 419 (8,68%), 70 (1,45%) e 30 (0,62%). Da amostra total, notamos que homens pardos ocupam uma menor quantidade de bolsas nas LLA, homens pretos na CSA e homens indígenas estão em desvantagens em comparação aos demais bolsistas do sexo masculino nas CSA e LLA.

No que diz respeito à relação entre raça e modalidade de bolsa, verificamos que todos os níveis de bolsas PQ foram ocupadas predominante por pessoas brancas: PQ1A (1084; 74,25%), PQ1B (1175; 74,51%), PQ1C (1159; 72,53%), PQ1D (2039; 70,38%), PQ2 (7208;

67,99%) e PQSR (152; 70,05%). Por outro lado, as pesquisadoras e pesquisadores pardas(o), pretas(o) e indígenas são melhores representados no nível menos privilegiado da carreira, o PQ2 (34; 0,32% são pardas(o), 1018; 9,60% são pretas(o) e 182; 1,72% são mulheres e homens indígenas).

A sub-representação de mulheres negras e indígenas constatada nas CHSSALLA tem suas raízes na violenta classificação social e epistêmica do projeto moderno colonial que se mantém atual em função da colonialidade de poder (Quijano, 2000), saber (Mignolo, 2003), e ser (Maldonado-Torres, 2007). Segundo Quijano (2000), a colonialidade é um dos eixos constitutivo e específico do padrão de poder atual que se alicerça na imposição de uma classificação da população a partir da ideia de raça, “uma construção mental que expressa a experiência básica da dominação colonial” (p. 1) e que desde então permeia cada dimensão da existência social: 1) trabalho e seus produtos; 2) natureza e seus recursos de produção; 3) sexo e seus produtos e a reprodução da espécie 4) subjetividade e seus produtos e 5) autoridade e seus instrumentos.

Este padrão de poder colonial, forjou identidades, hierarquias e estabeleceu o papel de cada raça dentro da sociedade ocidental (Mignolo, 2003). A conformação desses papéis, porém, não se construiu – originariamente – somente pelo aspecto da classificação étnico-racial, mas também pela imposição estrutural de gênero, que por sua vez, interliga-se intimamente à primeira. Lugones (2008) defende, fundamentada nas discussões das intelectuais Oyéronké Oyewùmi e Paula Gunn Allen, que tanto raça quanto gênero foram introduzidos pelo sistema moderno/colonial. A partir de Oyewùmi, Lugones (2008) compreende que o gênero foi introduzido pelo elemento colonial, uma vez que, não havia sistema de gênero nas sociedades pré-intrusão, como é o caso da sociedade africana Iorubá. Nessa sociedade, não havia divisão macho/fêmea binária e hierarquizada. Foi a partir da intrusão colonial que as fêmeas foram rotuladas como mulheres e as africanas e africanos foram rotulados pela raça – uma construção

intersubjetiva que teve como consequência a dupla subordinação das mulheres africanas (Oyéronke conforme citado por Lugones, 2008, p. 88), mecanismo que se estendeu para todas as mulheres de cor do mundo.

As sequelas dessa injustiça social e epistêmica no campo da ciência brasileira são visíveis em maior intensidade entre as mulheres-pesquisadoras negras e (indígenas), uma vez que são vítimas do que Sueli Carneiro (2005) denomina por epistemicídio. Segundo a autora, o epistemicídio, para além da invisibilidade e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados no período colonial, trata-se de um processo persistente de produção de pobreza cultural, seja pela negação ao acesso à educação de qualidade, pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do *outro* como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo.

Isto porque, não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento ‘legítimo’ ou legitimado. Por isso, o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a sequestra e mutila a capacidade de aprender etc. É uma forma de sequestro da razão, em duplo sentido: pela negação da racionalidade do Outro ou pela assimilação cultural que em outros casos lhe é imposta. Sendo, pois, um processo persistente de produção da inferioridade intelectual ou da negação da possibilidade de realizar as capacidades intelectuais (Carneiro, 2005, p. 97).

A partir dessa concepção, encontramos nexos para destacar como a injustiça cognitiva compulsória à pesquisadora não-branca funda-se no racismo e sexismo epistêmico, característico do sistema-mundo capitalista/patriarcal/moderno/colonial, como defende Grosfoguel (2008). De acordo com o mesmo autor (2007), o sistema-mundo desde quando inaugurado e normalizado com a colonização das Américas no final do século XV, opera privilegiando as políticas identitárias dos brancos ocidentais, em outras palavras, a “tradição de

pensamento e pensadores dos homens ocidentais (que quase nunca inclui as mulheres) é considerada como a única legítima para a produção de conhecimentos e como a única com capacidade de acesso à “universidade” e à “verdade” (p. 32), ao mesmo tempo que considera os conhecimentos da população não-ocidental como inferiores aos conhecimentos ocidentais.

Dada tal configuração, as mulheres negras, assim como as mulheres indígenas, dificilmente ocupam posições de destaque na ciência. Isso traz repercussões importantes à produção de conhecimento na área e à manutenção dessas mulheres à margem do sistema científico. A possibilidade de uma maior diversidade étnico-racial na ciência brasileira esbarra, principalmente, na resistência do sistema científico que reproduz a lógica dos países centrais, os padrões androcêntricos, o racismo estrutural, as hierarquias sociais de gênero que se sustentam no discurso cientificista da “objetividade” e “neutralidade” que esconde o “*locus* de enunciação”. Segundo Grosfoguel (2007), esse modo de operar da academia deseja esconder persistentemente quem fala e a partir de qual corpo e espaço epistêmico nas relações de poder se fala, no entanto, investigações críticas ao seus pressupostos têm identificado que sob a defesa da ‘ego-política do conhecimento’, falam a partir de um corpo masculino branco pertencente a uma geopolítica eurocentrada e em nome desse deslegitimam as(o) pensadores relegados aos grupos subalternizados pelo racismo epistêmico hegemônico.

Dessa maneira, ao persistir em uma lógica de avaliação discriminatória, o sistema científico que se autorreconhece como objetivo e neutro, acaba-se por ocultar as variadas opressões e desigualdades existentes na trajetória acadêmica-científica de mulheres e homens e as disparidades latentes entre mulheres brancas, negras e indígenas.

A discussão dessas questões na CHSSALLA a partir da realidade brasileira se faz imprescindível, tendo em vista que a produção de conhecimento nessas áreas em nossas instituições, conforme alerta Lander (2000), não só arrastam os paradigmas e as consequências coloniais, mais faz além, contribuem de modo persistente no reforço da hegemonia cultural,

econômica e política do norte-global e em razão disso operam como eficazes instrumentos de colonialismo intelectual de pesquisadoras(e) em sistemas científicos dependentes e periféricos como nosso.

3.3. Perfil de distribuição de bolsa PQ na Psicologia

A Psicologia - como parte das CHSSALLA, no âmbito do CNPq - sofre os efeitos das desigualdades presentes na distribuição das cotas entre as grandes áreas. As CHSSALLA, como indicado anteriormente, detêm apenas 26% do total de bolsas PQ. Internamente à grande área, a Psicologia detém o segundo maior número de cotas (n=314), ficando atrás somente da Educação (n=397), como pode ser visto na tabela 3. Isso corresponde a quase 10% do total de bolsas das CHSSALLA. A distribuição das bolsas sofre os efeitos das desigualdades de recursos por região do país demonstradas no padrão da disposição das bolsas em âmbito nacional e, especificamente, nas CHSSALLA, assim apresentada: Sudeste (n= 155; 49.4%), Sul (n= 75; 23.9%), Nordeste (n= 50; 15.9%), Centro-oeste (n= 20; 6.4%), Norte (n=14; 4.5%).

Ao analisar mais detidamente, levando em conta a distribuição por sexo e modalidade da bolsa, percebe-se que as mulheres representam quase o dobro dos homens em termos quantitativos. Há também uma maior distribuição de pesquisadoras em todas as modalidades de bolsa PQ, tal como já documentado por Weber et al. (2015). No entanto, nota-se que a vantagem das mulheres parece ser menor no topo da carreira, notadamente nas modalidades PQ1A e PQ1B (Tabela 7). Embora, a distribuição das bolsas entre mulheres e homens nesses níveis PQ, não apresente diferença estatística significativa, essa realidade é problemática porque trata-se de uma área tradicionalmente ocupada pelas mulheres.

Nesse sentido, se compararmos o número expressivo de mulheres que concluíram a graduação em Psicologia no país (89% conforme CFP, 2012), observa-se que um pequeno

contingente de mulheres se direciona à carreira acadêmica-científica, sobretudo, se comparada as egressas que optam pelo campo profissional da Psicologia (Lhullier, 2013). Ou seja, apesar de ser uma área considerada ‘feminina’ – notadamente pelo maior número de mulheres e pela associação às tarefas do cuidado (como na Educação Enfermagem, Fonoaudiologia, Serviço Social e outras) (Tabela 3) – é uma área de conhecimento, assim como as demais disciplinas, estruturada a partir das desigualdades de gênero e a particularidade de seu discurso científico que classifica hierarquicamente os gêneros e com frequência é utilizado para justificar a ‘natureza’ das mulheres para o trabalho reprodutivo contribui diretamente com esse cenário. Nessa realidade, a situação das mulheres negras e indígenas é ainda mais complicada, já que em comparação com as mulheres brancas da área, elas estão sub-representadas (Tabela 8).

Tabela 7

Distribuição de mulheres e homens bolsistas PQ/CNPq por modalidade de bolsa na Psicologia (N, frequências, RA, Resíduos ajustados)

Modalidade de Bolsa		PQ-SR	PQ-1A	PQ-1B	PQ-1C	PQ-1D	PQ-2	Total
Feminino	n	2	18	9	19	38	118	204
	RA	1.0	-1.3	-.4	1.2	1.8	-1.2	
Masculino	n	0	15	6	6	12	71	110
	RA	-1.0	1.3	.4	-1.2	-1.8	1.2	
Total		2	33	15	25	50	189	314

No que diz respeito a análise do perfil étnico-racial das pesquisadoras PQ da Psicologia, identificamos que 70 (82,35%) são brancas e somente 9 (10,59%), 4 (4,71%) são pretas e 1 (1,18%) são amarelas. Destaca-se que não há pesquisadoras indígenas (Tabela 8).

Tabela 8

Distribuição das mulheres bolsistas PQ/CNPq da área Psicologia por identificação étnico-racial (N, frequência, % porcentagem)

Raça/Etnia	(n)	(%)
Branca	70	82,35
Parda	9	10,59
Preta	4	4,71
Amarela	1	1,18
Indígena	0	0
Outra	1	1,18
Total	85	100

A invisibilidade das mulheres negras e indígenas, constatada na área da Psicologia, assim como observado nas CHSSALLA, tem suas raízes na classificação social e epistêmica imposta pelo projeto moderno colonial, que se mantém na atualidade em todas as áreas de conhecimento. É, em razão disso, que cientistas feministas da Psicologia têm denunciado a trajetória androcêntrica, sexista e classista da área, enquanto ciência e profissão (Lino, 2019; Mattos, 2015; Mayorga, 2014; Neves & Nogueira, 2003). Desde essa perspectiva, defendem que é necessário compreender as desigualdades impostas às mulheres, em aspectos relacionais,

rejeitando radicalmente a perspectiva individualista que marca a constituição da ciência psicológica – produto do ideário moderno de pressuposta neutralidade e objetividade que oculta o esforço epistemológico da área na reiteração das desigualdades a partir da classificação e normatização das diferenças (Rose, 2011).

Para além disso, analisar essas desigualdades persistentes imposta às mulheres negras e indígenas no âmbito acadêmico e, em particular, na Psicologia, deve partir da compreensão de que a ciência e a academia não são um lugar neutro. Pelo contrário, sua constituição e desenvolvimento na atualidade é intimamente relacionado ao poder e a à autoridade racial. Portanto, para entender a sub-representação das mulheres não-brancas entre as pesquisadoras da Psicologia, deve-se iniciar pelos questionamentos alertados por Kilomba (2019): “qual conhecimento está sendo reconhecido como tal? [...] Quem é reconhecida/o como alguém que possui conhecimento? E quem não tem? Quem está no centro? E quem permanece fora nas margens? (Kilomba, 2019, p. 50).

De acordo com Kilomba (2019), o centro - nesse caso - a academia, é um espaço branco onde tem-se persistentemente negado voz às pessoas negras. Ademais, é nesse lugar, que se têm desenvolvido discursos teóricos que formalmente nos construíram como a/o “Outras/os” inferior” (pp. 50-51), ou seja, é dentro da academia moderna ocidental que pessoas negras, sobretudo, mulheres negras (e indígenas), têm sido classificadas, desumanizadas, aniquiladas e estabelecidas enquanto objeto de estudo, porém pouquíssimas vezes como sujeitas de conhecimento. Nesse sentido, a estrutura de validação e reconhecimento do conhecimento que define o que é válido na ciência são decididas por pessoas brancas (Kilomba, 2019).

É partindo dessas questões que no próximo estudo objetivamos analisar o perfil sociodemográfico e acadêmico-científico pesquisadoras PQ da Psicologia, bem como, o conjunto de atividades desempenhadas por elas, com vistas a verificar como se dá o padrão de excelência científica da Psicologia no Brasil.

Tabela 9

Síntese do Estudo 'Desigualdades de gênero na ciência brasileira: panorama das bolsistas PQ/CNPq nas CHSSALLA e na Psicologia'

Objetivo	Material e Métodos	Resultados	Considerações
Apresentar o panorama de distribuição das mulheres bolsistas PQ do CNPq nas grandes áreas do conhecimento, detendo-se a CHSSALLA e Psicologia	Etapa I: ▪ Dados de domínio público ▪ 12.917 bolsistas PQ/CNPq de todas as áreas)	▪ Minoria na ciência brasileira (4.601 bolsas ou 35,6%) ▪ Desvantagem em bolsas de maior prestígio ▪ Concentração em áreas associadas ao trabalho reprodutivo e de cuidado	▪ Padrão de poder colonial que privilegia homens brancos ocidentais ▪ CHSSALLA e Psicologia e a reiteração das desigualdades (Intimamente ao poder e autoridade racial)
	Etapa II: ▪ Formulário eletrônico ▪ 85 bolsistas da Psicologia, das 204 cadastradas no sistema PQ (julho de 2019)	▪ Particularidades CHSSALLA e Psicologia (PQ 1A) ▪ Sub-representação de mulheres negras e indígenas	

4. Estudo II - Excelência científica na Psicologia brasileira: obstáculos e desafios enfrentados por pesquisadoras PQ/CNPq

Este estudo está focado no perfil de excelência científica de mulheres bolsistas de produtividade em pesquisa (PQ) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) da área de Psicologia. Intencionamos contribuir com o debate acerca das persistentes desigualdades de gênero e raça na ciência brasileira, dos desafios enfrentados pelas pesquisadoras da Psicologia para se manterem produtivas no ambiente acadêmico.

Apesar das mudanças recentes em relação à ampliação da participação das mulheres entre os bolsistas de Produtividade em Pesquisa (PQ/CNPq) – que representam uma posição de destaque na política de Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I) do país, as assimetrias de gênero na ciência brasileira persistem nas grandes áreas: Engenharias, Ciências Exatas e da Terra (ECET), nas Ciências da Vida (CV) e nas Ciências Humanas, Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes (CHSSALLA). De modo geral, os homens predominam e se destacam, sobretudo, nas bolsas com maior prestígio da carreira de pesquisador(a) (PQ1A).

Embora a Psicologia seja marcada por menor desequilíbrio de gênero, levando em consideração a importante presença de pesquisadoras bolsistas PQ, o mesmo não ocorre na grande área das CHSSALLA, onde as mulheres ocupam menos posições no topo da carreira, apontando para a reprodução do padrão desigual das demais áreas de conhecimento. Além disso, nas CHSSALLA e na Psicologia, especificamente, mais drástica ainda é a realidade de pesquisadoras negras e indígenas que, em função da sub-representação, dificilmente ocupam posições de liderança na condução das atividades de C&T.

Na Psicologia, são os estudos produzidos no âmbito da avaliação psicológica que têm concentrado esforços em conhecer os fatores envolvidos no desempenho superior de indivíduos em relação aos pares numa determinada área de atuação ou domínio de conhecimento (Mundim; Wechsler & Almeida, 2019; Trost, 2000). De modo geral, essas produções buscam identificar os determinantes da excelência ou expertise de pessoas adultas no trabalho, sob o argumento de seu forte impacto no êxito profissional dos(a) sujeitos(a) (Garcia-Santos, Almeida, & Werlang, 2012; Shavinina, 2009). Sobre essas produções, são comuns críticas que identificam a ausência de problematização política e a naturalização das diferenças entre os sujeitos que operam diretamente na reprodução das desigualdades estruturais (Costa, Nardi & Koller, 2017). Contudo, em nosso estudo abordamos o termo excelência relacionado as métricas quantitativas e qualitativas de produtividade acadêmica e científica exigidas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e pela Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) às(o) pesquisadoras(e) PQ/CNPq no país.

No Brasil, a Bolsa de Produtividade em Pesquisa (PQ/CNPq) é uma das modalidades de fomento à pesquisa científica concedida pelo CNPq como forma de reconhecimento às pesquisadoras(es) com destacada produção científica, que são líderes em seu campo de atuação e destaque entre seus pares. Trata-se do mais relevante fomento destinado aos cientistas do país (Weber et al., 2015). Desde sua criação, se institucionalizou como “um sistema hierarquizado de posições, tipificando um perfil de excelência do que pode ser considerado uma elite científica – a de especialistas e profissionais da pesquisa, a quem se reconhece a liderança na condução das atividades de C&T no país e se contempla com recursos materiais e simbólicos que lhes são exclusivos” (Guedes, Azevedo & Ferreira, 2015, p. 369).

A distribuição da Bolsa PQ é agrupada em três categorias: PQ-1 (subdividida em 1A, 1B, 1C e 1D), PQ-2 e PQ-SR (Sênior). Para estar apto a receber Bolsa de Produtividade, cada categoria tem regras específicas, que ao longo dos anos vêm sendo alteradas em razão do

aumento de candidatos à bolsa. Apenas na categoria PQ-SR o candidato deverá ter sido bolsista PQ ou de Desenvolvimento Tecnológico e Extensão Inovadora (DT) na Categoria 1 por pelo menos 20 anos ou ter sido bolsista PQ ou DT na Categoria 1, níveis A ou B, por pelo menos 15 anos (Resolução Normativa (RN) 028/2015 – CNPq, 2015).

De acordo com Wendt, Welter, DeSousa & Koller (2013) a seleção de propostas para a concessão de bolsas de produtividade obedece a uma lógica de concorrência e mérito, e segue critérios de julgamento gerais estabelecidos pelo CNPq, quanto específicos, definidos pelo Comitê Assessoramento (CA) de cada área de conhecimento. Na ciência psicológica, de acordo com os critérios definidos pelo CA, a avaliação para concessão de bolsas PQ inclui em primeira instância a análise do mérito técnico-científico e exequibilidade dos projetos das(os) proponentes. Com a qualidade do projeto assegurada, as(os) pesquisadoras(es) são classificadas(os) por meio de aspectos constantes do Currículo Lattes: a) nível de produtividade e b) participação na formação de recursos humanos para a pesquisa em Psicologia. Em seguida, são levadas em consideração informações relativas a inserção da(o) mesma(o) na área, ou seja, participação em “comitês de assessoramento de agências de fomento, editorias de periódicos qualificados [...] gestão acadêmica, coordenação de núcleos de excelência científica [...], em âmbito nacional ou internacional [...] e supervisão de pós-doutorado” (CAPES, CNPq, 2018-2020, p. 181), ou seja, estão aptos à bolsa os(as) docentes/pesquisadores(as) que participam e destacam-se nas atividades inerentes à configuração da ciência e do magistério no ensino superior brasileiro.

Sobre esse aspecto, é válido ressaltar que, no Brasil desde os anos 2000, com vistas a superar déficits históricos na educação superior, foi implementado um conjunto de políticas públicas que se estabeleceram em meio a políticas econômicas orientadas pela lógica da produtividade e da excelência, próprias do projeto neoliberal (Costa & Silva, 2019). Essa configuração, no cenário das universidades e dos programas de pós-graduação brasileiros, tem

submetido todos docentes-pesquisadores(a) ao exercício esgotante de alta produtividade e múltiplas atividades, necessitando que o profissional se dedique exaustivamente ao trabalho para além da carga horária na própria instituição. Essa condição, contudo, traz à luz os mecanismos e modos de operar da ciência moderna que, baseada na desigualdade de gênero, raça, classe e outros marcadores sociais, impacta de forma particular na rotina de atividades das mulheres pesquisadoras, principalmente, das que alcançam as categorias mais privilegiadas da carreira científica – a exemplo das bolsistas de Produtividade em Pesquisa (PQ/CNPq).

Conhecer como essa realidade se apresenta na Psicologia é imprescindível, visto que apesar de ser um campo majoritariamente feminino (Lhullier, 2013), as mulheres pesquisadoras não são reconhecidas como as principais referências teórica/profissional (Lino, 2019). Isso, certamente, está relacionado às desigualdades de gênero, às relações hierárquicas no campo científico e às disputas de saber/poder que silenciam vozes femininas, negras, indígenas, não-ocidentais, dentre outras, impondo assim, por meio de sua racionalidade e neutralidade, uma ciência androcêntrica, sexista, classista e colonial (Harding, 2019, 1996).

Partindo dessas questões, propomos, a partir de um mapeamento sociodemográfico e acadêmico-científico, conhecer a realidade dessas mulheres, identificar o conjunto de atividades desempenhadas, bem como os aspectos contextuais e institucionais associados ao seu desempenho, especialmente no cenário de retração dos investimentos em ciência e tecnologia no país, bem como da pandemia da Covid-19, com vistas a compreender seus rebatimentos no aprofundamento das desigualdade de gênero, raça e classe na ciência brasileira.

4.1. Perfil sociodemográfico das bolsistas PQ/CNPq da Psicologia

Como pode ser observado na Tabela 10, as 85 mulheres bolsistas PQ em Psicologia (das 204 bolsistas registradas no sistema CNPq), são moradoras de todas as regiões do país, com

destaque para a Região Sudeste. Quanto à faixa etária, as participantes se concentram em uma larga faixa que abrange dos 41 a 70 anos (81,1%), representando aquelas mulheres com carreiras já consolidadas na área e em plena fase produtiva, diferentemente de outras mais jovens entre 20 e 30 anos que estão iniciando a carreira, das que têm entre 31 e 40 anos, em fase de consolidação, bem como daquelas com idades entre 71 e 80, em fase de finalização da carreira. Dentre as 85 pesquisadoras, apenas 16 já estão aposentadas. A maior parte mantém relacionamentos conjugais (74,1%), sejam casadas (58,8%) ou em uniões estáveis (15,3%).

Tabela 10

Distribuição das bolsistas PQ/CNPq da Psicologia por faixa etária, estado civil, identificação étnico-racial, localização de residência e Região do país (n, frequência, % porcentagem)

	Frequência	Percentual
Faixa etária	(n)	(%)
20 a 30	4	4,7
31 a 40	8	9,4
41 a 50	24	28,2
51 a 60	25	29,4
61 a 70	20	23,5
71 a 80	3	3,5
NI	1	1,2
Total	85	100
Estado civil	(n)	(%)
Casada	50	58,8
Divorciada	6	7,1
Separada	3	3,5
Solteira	11	12,9
União estável	13	15,3
Viúva	2	2,4
Total	85	100
Raça/Etnia	(n)	(%)
Branca	70	82,35
Parda	9	10,59
Preta	4	4,71
Amarela	1	1,18
Outra	1	1,18
Total	85	100

Área de residência	(n)	(%)
Urbana	84	98,8
Rural	1	1,2
Total	85	100

Renda Salarial	(n)	(%)
3 a 6 salários-mínimos	4	4,7
6 a 9 salários-mínimos	2	2,4
9 a 12 salários-mínimos	18	21,2
12 a 15 salários-mínimos	25	29,4
15 a 18 salários-mínimos	14	16,5
18 a 21 salários-mínimos	14	16,5
Mais de 21 salários-mínimos	8	9,4
Total	85	100

Região do país		
Nordeste	14	16,47
Norte	2	2,35
Centro-oeste	7	8,24
Sudeste	34	40
Sul	14	16,74
NI	14	16,74
Total	85	100

. NI = Não Informado

Quanto ao perfil étnico-racial, há mais mulheres brancas (82,35%) do que mulheres pretas (4,71%), pardas (10,59%) e amarelas (1,18%). Não houve nenhuma referência à raça/etnias indígenas. Quase a totalidade reside em centros urbanos. Somente uma mora em área rural, na região Sul do país. Em termos da renda mensal, de uma forma geral, a maioria (n = 79) ganha acima dos 9 salários-mínimos, com média em torno de 12 a 15 (n = 25; 29,4%). Contudo, registra-se extremos com 6 pesquisadoras que recebem menos de 9 salários-mínimos e apenas 8 que ganham acima dos 21. As fontes prioritárias da renda mensal das pesquisadoras é o salário (ou aposentadoria) juntamente com a bolsa de produtividade em pesquisa. Somente 08 pesquisadoras mencionaram o recebimento de honorários pela prestação de serviços profissionais. Outras complementam a renda com o recebimento de aluguel de imóveis. A maioria (n = 50; 58,8%) compartilha a responsabilidade financeira da família com um(a)

companheira(o) e/ou com amigas(os). Porém, 19 (22,4%) são as únicas responsáveis financeiras da família e 16 (18,8%) são as principais responsáveis. Em relação a região do país, notamos que há mais bolsistas PQ nas regiões Sudeste e Sul, 34 (40%) e (40%), respectivamente. Sobre esse aspecto, ao analisar a distribuição da bolsa por milhão de habitantes da região, destaca-se que a região Sul é a que concentra maior número de pesquisadoras e o eixo norte-nordeste tem o menor número de bolsas.

4.2. Perfil acadêmico-científico das bolsistas PQ/CNPq da Psicologia

Quanto ao perfil acadêmico-científico, 72 (84,71%) são graduadas em Psicologia, grande parte em instituições públicas e/ou confessionais. Pertencem a diferentes gerações de psicólogas(o) no Brasil. Observa-se cinco blocos distintos em relação ao ano de conclusão: década de 1970; de 1980; de 1990; nos anos 2000 e de 2010 a 2016. As demais são graduadas em outras áreas do conhecimento tais como Comunicação Social e Administração; Medicina; Jornalismo; Farmácia & Bioquímica; Medicina Veterinária e Filosofia). Esse cenário repete-se na formação pós-graduada: 55 (64,7%) cursaram mestrado e 52 (61,2%) fizeram o doutorado em Psicologia, seja em instituições nacionais, seja no exterior (06/mestrado e 14/doutorado), com destaque para as universidades europeias. Nota-se, em relação às instituições de formação brasileiras, que os programas de pós-graduação da região Sudeste, em nível de mestrado e doutorado, foram os que mais formaram, seguidos dos da região Sul. Em relação ao período de conclusão do mestrado, 30 mulheres (35,29%) concluíram entre 1990 e 1999 e 39 (45,88%) finalizaram o curso de doutorado entre os anos de 2000 e 2009.

Das 85 pesquisadoras, 49 (em nível de mestrado) e 44 (em nível de doutorado) obtiveram recursos públicos em forma de bolsa para realizar seus estudos pós-graduados por parte de instituições tais como a CAPES, CNPq e/ou as Fundações Estaduais de Pesquisa.

Poucas contaram com apoio de órgãos internacionais (02 no mestrado e 02 no doutorado) e uma considerável parcela custeou os estudos com seus próprios recursos, em especial, o doutoramento (n = 20). A maioria (n = 66; 77,6%) não fez doutorado sanduíche no exterior, apenas 11 registraram essa atividade. Todas que realizaram contaram com o apoio das instituições de financiamento à pesquisa e foram para instituições de ensino na Europa ou EUA. Quanto ao estágio pós-doutoral, a situação inverte-se. 58 das 85 pesquisadoras (68,24%) fizeram pós-doutoramento em Psicologia ou em áreas afins, sendo que 14 delas já realizaram duas vezes e 05 três ou mais vezes. As pesquisadoras fizeram seus estágios pós-doutorais no Brasil, Estados Unidos, França, Portugal, Inglaterra, Canadá, Espanha, Itália, Suécia e Dinamarca. Dessas, 41 contaram com apoio financeiro dos órgãos de fomento brasileiros ou internacionais, sendo que 37 delas receberam auxílio da CAPES, CNPq e/ou Fundações Estaduais de Pesquisa e 04 de órgãos internacionais. Contudo, 08 mulheres custearam seus estudos em nível de pós-doutorado.

Na Tabela 11, é possível observar, no que diz respeito à atuação docente e de pesquisa em instituições de ensino superior, que nenhuma bolsista ingressou no magistério na década de 1960 e somente 13 na década de 1970, mas o grande contingente iniciou a partir da década de 1990, ampliando-se no início dos anos 2000, o que corresponde a 50 pesquisadoras. Atualmente, são professoras de IES públicas (69,4%), Confessionais (10,6%) ou privadas (7,1%), repetindo o mesmo padrão observado na análise geral das 204 pesquisadoras da Psicologia, bolsistas do CNPq, cuja concentração alcança 145 (71,08%) em instituições públicas, 41 (20,10%) em confessionais e 18 (8,82%) em privadas. Ocupam diferentes níveis da carreira em suas respectivas instituições, com registro de uma quantidade considerável de Titulares (30,59%). Das 85 participantes, 71 indicaram participar de um ou mais Programas de Pós-Graduação em Psicologia ou área afins do Sudeste; 14 do Sul; 14 do Nordeste; 07 do Centro-Oeste e 02 do Norte do país.

Tabela 11

Período de início da atuação docente, tipo de instituição, classe e nível atual da carreira, subárea, modalidade de bolsa, ano de ingresso no sistema PQ e tempo atual da bolsa das bolsistas PQ do CNPq da Psicologia (n, frequência, % porcentagem)

	Frequência	Percentual
Ano de conclusão do	(n)	(%)
Mestrado		
1970 a 1979	4	4,71
1980 a 1989	14	16,47
1990 a 1999	30	35,29
2000 a 2009	21	24,71
2010 a 2018	3	3,53
NI	13	15,29
Total	85	100
Ano de conclusão do	(n)	(%)
Doutorado		
1970 a 1979	1	1,18
1980 a 1989	9	10,59
1990 a 1999	19	22,35
2000 a 2009	39	45,88
2010 a 2018	6	7,06
NI	11	12,94
Total	85	100
Início da atuação docente	(n)	(%)
1970 a 1979	13	15,29
1980 a 1989	11	12,94
1990 a 1999	15	17,65
2000 a 2009	27	31,76
2010 a 2018	8	9,41
NI	11	12,94
Total	85	100
Tipo da instituição	(n)	(%)
Pública	59	69,4
Privada	6	7,1
Confessional	9	10,6
NI	11	12,9
Total	85	100
Classe e nível	(n)	(%)
Professora adjunta I	2	2,35
Professora adjunta II	2	2,35
Professora adjunta III	1	1,18
Professora adjunta IV	3	3,53

Professora associada I	9	10,59
Professora associada II	9	10,59
Professora associada III	7	8,24
Professora associada IV	9	10,59
Professora Titular	26	30,59
Outro (especifique)	6	7,06
NI	11	12,94
Total	85	100

Subárea	(n)	(%)
Fundamentos e Medidas da Psicologia	7	8,24
Psicologia Cognitiva	6	7,06
Psicologia do Desenvolvimento Humano	11	12,94
Psicologia do Ensino e da Aprendizagem	2	2,35
Psicologia do Trabalho e Organizacional	8	9,41
Psicologia Experimental	5	5,88
Psicologia Fisiológica	1	1,18
Psicologia Social	17	20,00
Tratamento e Prevenção Psicológica	14	16,47
NI	14	16,47
Total	85	100

Modalidade PQ	(n)	(%)
PQ-1A	8	9,4
PQ-1B	3	3,5
PQ-1C	4	4,7
PQ-1D	12	14,1
PQ-2	39	45,9
PQ-SR	5	5,9
NI	14	16,5
Total	85	100

Ano de ingresso sistema PQ	(n)	(%)
1981 a 1990	2	2,4
1991 a 2000	12	14,1
2001 a 2010	17	20
2011 a 2020	39	45,9
NI	15	17,6
Total	85	100

Tempo atual da bolsa	(n)	(%)
Menos de 1 ano	5	5,9
1 a 3 anos	31	36,5

4 a 6 anos	13	15,3
7 a 9 anos	7	8,2
10 a 12 anos	10	11,8
14 a 16 anos	2	2,4
17 a 19 anos	1	1,2
Mais de 20 anos	2	2,4
NI	14	16,5
Total	85	100

. NI = Não Informado; PQ = Produtividade em pesquisa

A maioria das respondentes encontra-se na modalidade PQ-2 (45,9%), refletindo o cenário geral da área, cujo percentual atinge 57,8% das bolsas (118 das 204). Quase a metade (39; 45,9%) ingressou no sistema PQ entre os anos de 2011 e 2020, ou seja, tem menos de 10 anos de bolsa. Porém, fica evidente que a maioria ingressou no sistema PQ/CNPq após 2001, coincidindo com o período de maiores investimentos federais na política de ciência e tecnologia no país. Quanto à vinculação às subáreas da Psicologia no sistema PQ/CNPq, observa-se que as bolsistas se concentram em quatro: Psicologia Social com 17 bolsistas (20%), seguida da subárea Tratamento e Prevenção Psicológica com 14 pesquisadoras (16,47%), da Psicologia do Desenvolvimento Humano com 11 bolsistas (13%) e da Psicologia do Trabalho e Organizacional com 8 bolsistas (9,41%).

Acerca do perfil das bolsistas PQ/CNPq da Psicologia podemos concluir que é constituído majoritariamente por mulheres brancas, cis, com idade entre 51 e 60 anos, graduadas e pós-graduadas em Psicologia, sobretudo, em instituições localizadas nas regiões Sul e Sudeste, que obtiveram auxílio financeiro na formação pós-graduada e são professoras de IES públicas. Em sua maioria são pesquisadoras PQ-2, com menos de 10 anos de bolsa e renda entre 12 e 15 salários-mínimos, que vivem em relações conjugais, heterossexuais, e compartilham as responsabilidades financeiras da casa. Para compor esse perfil complementamos com informações coletadas na etapa das entrevistas remotas.

Os resultados sociodemográficos e acadêmico-científicos, considerando a amostra analisada, demonstram que há uma sub-representação de mulheres negras, indígenas, trans, lésbicas, nordestinas no topo da carreira científica da Psicologia brasileira⁵. Cabe lembrar que a Psicologia, enquanto ciência e profissão, se estabeleceu no Brasil, ocupada pela população branca (Bock, 2003; Lhullier, 2013), marcada pelo elitismo e pelo descompromisso com as demandas sociais (Mello, 1975; Bock, 2003, Yamamoto & Oliveira, 2010). Como mostrou Dimenstein (2000), a cultura profissional das(o) psicólogas(o) no país foi norteadas por um ideário individualista, próprio da constituição do *indivíduo* moderno – lugar de pressuposta neutralidade e objetividade que já foi situado como estrutura de privilégio do homem – europeu, branco, heterossexual (Harding, 2019; 1996) – e cisgênero (Vergueiro, 2016).

Embora, o aumento do investimento nacional em educação superior e em Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I), observado até 2014, tenha contribuído para o crescimento do número de mulheres no magistério do ensino superior e entre as(o) bolsistas PQ/CNPq, a estrutura do trabalho científico assenta-se em um domínio ‘reservado’ aos homens (Harding, 2019; 1996). Bandeira (2008) nos alerta que essa constatação não significa a exclusão das mulheres da ciência, porém, denuncia que as resistências à participação e a progressão das diferentes mulheres no campo acadêmico-científico ainda são inquietantes.

⁵ Ao realizar uma correlação de Kendall (Tau [t]), notamos que a variável Raça/etnia se correlacionou com a obtenção bolsa de doutorado. No entanto, a análise do qui-quadrado que realizamos posteriormente não revelou diferença significativa. Acreditamos que amostras de maior quantitativo podem ampliar o campo de inferência desses resultados.

4.3. Atuação acadêmica-científica das bolsistas PQ/CNPq da Psicologia: a questão de gênero no âmbito da excelência científica

Sobre o conjunto de atividades que as pesquisadoras desenvolvem – marca da excelência científica - verificamos que do total amostral de 85 bolsistas PQ/CNPq, a maioria delas (45; 53%) ocupa ou ocupou atividade de direção, seja no âmbito da graduação e/ou da pós-graduação. Desse total, no que se refere à graduação, 20 (50%) afirmaram assumir dois ou mais cargos administrativos, tais como chefe de departamento, subchefia de departamento, dentre outros; 20 (50%) informaram exercer somente um desses cargos de direção e; 5 pesquisadoras não informaram qual(is) cargo(s) exerceu/exerce. Das 45 que ocupa ou ocupou funções administrativas, 25 (62,2%) afirmaram que sua atuação administrativa foi em nível de graduação e na coordenação de programas de pós-graduação.

Em relação à atividade de ensino, constatamos que das 85 respondentes, a maioria ministrou ou ministra aulas na graduação 69 (81,18%) e na pós-graduação 71 (83,53%), nos últimos dez anos. A maioria, 71 (83,53%) está vinculada a departamentos de graduação e de pós-graduação em Psicologia e, além disso, contribuem em pós-graduações de outras áreas do conhecimento. Das 71 vinculadas à pós-graduação, todas são docentes no curso de mestrado e 67 (94,37%) atuaram ou atuam no mestrado e doutorado. Quanto à experiência na formação de recursos humanos para a pesquisa, constatamos que 71 delas registram orientações concluídas no mestrado, 66 no nível do doutorado, 9 no mestrado profissional, 44 no pós-doutorado e 63 na iniciação científica.

No diz respeito à inserção na área, identificamos que a maioria participa de redes nacionais e/ou internacionais de pesquisa (69; 81,18%), além disso, 61 (71,76%) delas coordena ou coordenou GT vinculados à ANPEPP; 63 (74,12%) coordenam/coordenaram e/ou participam/participaram de grupos de pesquisa e/ou núcleo de excelência vinculados ao

Diretório de Bases do CNPq. 69 delas (81,18%) ainda afirma coordenar ou ter coordenado projetos científicos financiados, o que indica que estas bolsistas passaram por uma concorrência nacional ou internacional. Das respondentes, 34 (40%) participou/participa de diretoria de Sociedade Científica, 26 (30,59%) foram/é membro de Comissões de Avaliação na Área, 28 (32,94%) foram/é membro de Comitê de Assessoramento de agência de fomento, 59 (69,41%) participou/participa de editoria de periódicos qualificados e 64 (75,29%) participou/participa de Conselho editorial. Quanto à participação em bancas de defesa de dissertação e/ou teses, 70 (82,35%) participaram de bancas de mestrado e doutorado, 62 (72,94%) participaram de bancas de concurso público para docente, 66 (77,65%) participaram da organização de eventos científicos nacionais e/ou internacionais e 70 (82,35%) apresentaram trabalhos em eventos científicos nacionais e/ou internacionais.

Quanto à produção científica, verificamos que 71 (83,53%) publicaram artigos científicos e/ou capítulos de livro, 60 (70,59%) elaboraram produtos técnicos na área, 71 (83,53%) foram parecerista ad hoc para revista científicos. Sobre esse aspecto, os dados analisados chamaram atenção para o fato de que todas as participantes registraram emissão de pareceres. Para as mulheres PQ, a produção de parecer constitui uma das principais demandas para pesquisadoras(e) em nível de excelência:

[...] parecer é uma coisa impressionante [...] chega todos os dias, das pró-reitorias, das FAPS (Fundações de Apoio à Pesquisa), do CNPq, da CAPES, de tudo que você possa imaginar, das revistas, dos periódicos, das editoras que eventualmente mandam inclusive o livro inteiro. Dentre os pareceres estão as suas várias modalidades, para projetos de pesquisa, para artigos, editoras, livros, revistas, etc. [...] (Bolsista PQ, entrevista nº 04).

[...] E os inúmeros pareceres, né? Tanto para agência de fomento quanto para revistas. Dentro do próprio departamento, tem relatório de tudo e você está sempre fazendo pareceres [...] (Bolsista PQ, entrevista nº 12).

Ademais, para se manter no topo da carreira científica em Psicologia, as pesquisadoras precisam exercer atividades, sobretudo, no que diz respeito a três eixos: a) produtividade; b) formação de recursos humanos para a pesquisa científica e) inserção na área. No cotidiano dessas profissionais são desenvolvidas assim:

[...] No meu cotidiano tenho cinco doutorandos e uma mestranda ainda. Faz parte ainda do meu cotidiano acompanhar o trabalho deles e é uma constante também textos para ler, pra trocar ideia, mesmo agora a gente tá mantendo a nossa reunião quinzenal às sextas-feiras de discussão de texto [...] eu estou no CFP e participo da pós, das comissões da pós, das discussões da pós [...]e tenho a minha pesquisa da PQ que eu ganhei novamente esse ano [...] (Bolsista PQ, entrevista nº 04).

[...] Eu sou coordenadora de um núcleo de estudos. Então, além da minha pesquisa PQ eu tenho também orientandos de mestrado, orientandos de doutorado, orientandos de IC, orientandos de extensão, estagiários que nesse meu núcleo realizam atividades que estão em consonância com o meu projeto de pesquisa [...] tenho atividades de orientações, eu oriento nove estudantes de pós graduação, cinco doutorandas, quatro mestrandas, tenho três alunos de iniciação à pesquisa, uma aluna bolsista de extensão e em estagiário que é de estágio obrigatório [...] Com muita frequência eu assumo comissões, atividades em comissões, de revalidação de diploma em graduação, de pós-graduação, comissão de estágio probatório, e muitas reuniões administrativas e muitos relatórios [...] (Bolsista PQ, entrevista nº 02).

[...] Eu dou aula na graduação e pós-graduação. Eu tenho oito orientandos formais no mestrado e doutorado. Eu digo formalmente por que eu tenho uma fila de espera de três anos para ingressar formalmente, então já são pessoas que trabalham comigo mesmo sem estarem formalmente no programa de pós-graduação. Eu oriento em dois programas: na educação física e na educação. Eu coordeno um grupo de aproximadamente 25 pessoas de níveis assim, graduação, mestrado, doutorado [...] tenho dois orientandos de pós-doutorado [...] faço muito trabalho de extensão por causa do impacto da pesquisa [...] eu sou chamada para cursos em diferentes instituições. Tenho colaborações internacionais na área dos estudos olímpicos. E cinco filhos, gatos, marido, mãe viúva, sogra viúva, enfim [...] isso é a vida! (Bolsista PQ, entrevista nº 23).

Para a realização dessas atividades, a maioria (60; 70,59%) das pesquisadoras PQ mencionou trabalhar tanto na universidade quanto em casa. No cenário anterior à pandemia da Covid-19, a maioria ministrava aulas, realizava orientações e participava de reuniões administrativas na universidade. A produção científica, por outro lado, é uma atividade exercida

em casa por ser uma atividade de exige maior concentração e facilita aproximação com a família. Segundo uma das pesquisadoras:

A parte de aulas, orientações e reuniões de Colegiado e de Departamento são feitas na Universidade, a parte de produção é feita em casa por ser um ambiente com menos interrupções” (Bolsista PQ, nº 04, formulário eletrônico).

Na Universidade porque algumas atividades só podem ser realizadas nesse local (aulas, reuniões etc.). Em casa, porque facilita a concentração, principalmente em trabalhos relacionados à pesquisa” (Bolsista PQ, nº 07, formulário eletrônico).

Orientações e aulas necessitam ser na universidade, mas a escrita de artigos e correção de trabalhos é melhor em casa pela tranquilidade do ambiente” (Bolsista PQ, linha nº 16 do questionário eletrônico, idade) Na Universidade pela infraestrutura. Em casa pela facilidade de trabalhar, permanecendo próximo dos familiares” (Bolsista PQ, nº 73, formulário eletrônico)

A flexibilidade da carga horária de trabalho é um dos principais aspectos positivos e estimulantes do cotidiano acadêmico-científico. Para a bolsista PQ (nº 01, formulário eletrônico), a vantagem encontra-se na possibilidade de conciliação com a sua principal função, a maternidade:

[...] como mulher eu sempre tive clareza que ia ser mãe, né? Ser mãe era a minha principal obrigação e por isso eu disse que não teria filhos com um homem que não pudesse me proporcionar a retaguarda se eu precisasse, eu nunca precisei efetivamente, né? Então, pensei: eu não sei se eu quero ter filhos, mas se eu quiser ter, tá aí uma atividade que é conciliável com a maternidade. Eu posso aumentar o número de horas, eu posso diminuir, eu vou ter férias, eu vou intervalos vão coincidir com as férias das crianças. Eu planejei a minha vida privilegiando essa função na qual ninguém poderia me substituir [...] (Bolsista PQ, nº 9, formulário eletrônico)

Outro aspecto positivo é o desafio constante no exercício da produção de conhecimento e da formação de recursos humanos para a pesquisa. Ao serem questionadas sobre quais os aspectos positivos envolvidos na realização do trabalho acadêmico-científico, as bolsistas indicam que:

[...]Trabalho estimulante, realização pessoal com os alunos, alguma liberdade na escolha de alguns horários de trabalho” (Bolsista PQ, linha nº 04 do questionário eletrônico, idade). “Gosto muito da minha rotina de trabalho. Consigo administrar meu tempo, revezar o trabalho na Universidade e em casa. Além disso, faço um trabalho que tem sentido para mim e que contribui para a ampliação do conhecimento na minha área de pesquisa e para a sociedade” (Bolsista PQ, nº 04 (Bolsista PQ, nº 73, formulário eletrônico).

[...] Ambiente acadêmico desafiador, trabalho abrangente que atinge grupos diversos, alta responsabilidade por formar novos profissionais qualificados para demandas emergenciais do país, redes de pesquisadores ampliar meus recursos (técnica, política e afetivamente)” (Bolsista PQ, nº 51, formulário eletrônico). “Flexibilidade na organização da agenda de trabalho” (Bolsista PQ, nº 64, formulário eletrônico).

Na carreira docente e de pesquisadora, por outro lado, há aspectos negativos que impactam, sobremaneira, na rotina das bolsistas PQ. A excessiva carga horária destinada ao trabalho administrativo e burocrático, bem como a precarização do trabalho docente são as principais desvantagens da carreira acadêmica destacadas pelas participantes:

[...] Excessivas horas de trabalho, dificuldade no estabelecimento de dias de descanso e de limites de horário para o trabalho” (Bolsista PQ, linha nº04 do questionário eletrônico, idade). “A carga administrativa me atrapalhou muito a manter a vida acadêmica. A burocracia a qual mesmo os professores sem cargo administrativo são submetidos nas universidades é extremamente desgastante” (Bolsista PQ, nº 8, formulário eletrônico)

[...] Comparativamente com outros profissionais com nível de formação, o salário do professor universitário deveria ser melhor” (Bolsista PQ, linha nº 20 do questionário eletrônico, idade) (Além disso) “Falta de recursos para pesquisa” [...] e (há uma) precarização da universidade pública” (Bolsista PQ, nº48, formulário eletrônico)

O relato da bolsista PQ nº 73 (formulário eletrônico) ainda acrescenta que enfrentar essas condições no dia a dia da universidade tem um impacto direto na vida pessoal, posto que:

[...] a quantidade de horas de dedicação é muito elevada, exigindo trabalhar a noite, fim de semana e, com isso, tem impactos na vida familiar, pois para dar conta (e mesmo assim, sempre se está devendo algum parecer, ou leitura para alguém) é difícil dentro daquelas 40h [...]” (Bolsista PQ, nº 73, formulário eletrônico)

Assim, as bolsistas PQ indicam o quanto as atividades acadêmicas ocupam lugar de destaque no seu cotidiano e que o tempo de permanência na universidade não é mais suficiente para o cumprimento de todas as atividades, requerendo uma ampliação do tempo de dedicação ao trabalho.

A intensificação do trabalho da(o) docente/pesquisador(a) se associa às transformações ocorridas no sistema de educação superior brasileiro, nas últimas décadas. De acordo com Mancebo (2010), pode-se identificar uma crescente privatização do sistema de educação superior e de pesquisa, pelo menos desde a Lei da Reforma Universitária de 1968, posta em vigor em meio à ditadura militar. Contudo, é a partir das décadas 1990 e 2000, que se inicia no Brasil “um consistente processo de redução dos gastos públicos federais para o conjunto das instituições federais de ensino superior (IFES) e se desencadeia a retomada da privatização desse nível de ensino” (p. 12) – aplicando a máxima das reformas neoliberais (Costa & Silva, 2019).

A implementação das políticas neoliberais nas universidades brasileiras e, principalmente, nos programas de pós-graduação implicou em um modo de organização do trabalho docente e de pesquisa que tem gerado profundos impactos no cotidiano desses profissionais (Costa & Silva, 2019). Efetivamente, em relação a(o) docente-pesquisador(a), compõe-se uma condição de trabalho estruturada pela exigência despropositada da produção acadêmica-científica que provoca sobrecarga de atividades interferindo de forma fundamental no tempo que poderia ser dedicado às atividades pessoais e/ou familiares (Mancebo & Lopes, 2004; Lopes, 2006).

Apesar dessa condição, a flexibilidade em relação à carga horária e à natureza multifacetada do trabalho acadêmico-científico, se constituem enquanto aspectos positivos no dia a dia das mulheres pesquisadoras da Psicologia, sobretudo, por possibilitar a conciliação do trabalho na universidade e o despendido para a família e para a maternidade. Em seu estudo,

Santos (2016), identificou que mulheres na construção das suas carreiras se defrontam com a necessidade de articular as exigências da profissão com as responsabilidades familiares. Isso porque, a ciência moderna possui uma cultura centrada em valores ‘masculinos’, ou seja, envolve compromissos em tempo integral com a universidade, relações competitivas e produtivas. Ao se propor alcançar o nível de excelência científica, devido à sobrecarga de trabalho – doméstico e científico - as mulheres precisam lançar mão de táticas e estratégias pois, frequentemente, acabam tendo um menor tempo para se dedicar à academia. A repercussão disso nota-se no acesso desigual das mulheres cientistas aos recursos destinados à produção de conhecimento e à pesquisa científica em comparação aos pesquisadores homens (Santos, 2012; 2016), bem como na diferença existente entre mulheres negras e indígenas em comparação às mulheres brancas.

4.4. Para além da Psicologia clínica: a motivação pela carreira científica em Psicologia

Como demonstramos no tópico 4.3, a maioria das bolsistas PQ realizou a graduação e a pós-graduação entre os anos de 1990 e 1999 e entre 2000 e 2009, respectivamente. Nos períodos indicados a Psicologia clínica tradicional tinha um peso importante na formação em Psicologia em todo território brasileiro em razão da demasiada valorização da(o) psicóloga(o) como profissional liberal e autônomo no âmbito do consultório privado (Meira & Nunes, 2005; Dimenstein, 2000; Mello, 1975).

Assim, ao serem questionadas a respeito das motivações para seguir a carreira acadêmica-científica, muitas das pesquisadoras resgataram que tal trajetória não se constituiu como primeira opção, porém, em razão das oportunidades acessadas na própria formação, bem como, da aprovação em concursos públicos em universidades públicas do país, abriu-se uma realidade alternativa ao destino traçado rumo à prática da Psicologia clínica.

As bolsistas PQ afirmaram que:

[...] Já era meio evidente para mim quando eu me formei que eu ia clinicar. [...] Eu fui trabalhar no Colégio catarinense [...] depois tive oportunidade de começar a dar aula como substituta na universidade, ao mesmo tempo que trabalhava no colégio [...]. Nesse período, engravidei novamente e resolvi fazer concurso. Em março eu fui efetivada. Não foi uma carreira planejada, não foi algo que eu tenha escolhido, né? [...], mas foi algo de que nunca me arrependi [...] (Bolsista PQ, entrevista nº 04, idade) ”.

[...] Sabe que a carreira acadêmica nunca foi um objetivo? [...] Eu sempre quis ser psicóloga [...] Então durante minha graduação fui me dedicando à psicanálise e ao desenvolvimento infantil [...] Só que quando surgiu oportunidade de uma vaga numa instituição de ensino superior, essa vaga era na pós-graduação e a coordenadora da pós-graduação na época tinha sido minha professora na graduação [...] ela tinha sido parte da minha banca de doutorado e aí ela disse: eu acho que pode ser uma boa oportunidade” e aí eu tentei (Bolsista PQ, entrevista nº 15) ”.

Dentre as participantes do estudo, foi recorrente ingressar na carreira acadêmica-científica pelas oportunidades obtidas na formação graduada e pós-graduada, aspecto relevante para as mulheres, tendo em consideração o persistente desequilíbrio de gênero no campo científico. Ao questionarmos a respeito de sua motivação para a referida escolha profissional, a bolsista PQ, entrevista nº 15, defende ter vocação para a atividade acadêmica:

É que eu apresentei uma vocação [...] na faculdade fui considerada brilhante pelos meus professores [...] não sonhei com a carreira acadêmica, isso aconteceu porque os professores viam em mim qualidades intelectuais, né? Fluência, escrita, acima talvez do perfil do aluno da (nome suprimido) daquela época [...] já era casada quando terminei a faculdade. Eu precisava definir como é que eu ia ganhar a vida, apesar de que a minha família tinha recursos, completamente [...] Eu nunca tive nenhum tipo de cobrança de natureza financeira [...] mas eu queria ganhar a vida e então eu resolvi fazer o mestrado, eu me formei em dezembro e em março eu estava disputando a única bolsa de mestrado que a faculdade tinha naquela ocasião [...] ao mesmo tempo nessa época o meu marido conseguiu uma vaga pra mim, através de relações de amizade eu fui chamada pra uma entrevista, pra dá aula na universidade (nome suprimido) [...] fui contratada como professora titular [...] (Bolsista PQ, entrevista nº 1) ”.

Por outro lado, dentre as bolsistas PQ, identificamos que outras pesquisadoras escolheram seguir carreira na universidade com vistas à empregabilidade. A bolsista PQ, entrevista nº 02, relata que apesar de pensar inicialmente em ser psicóloga clínica, identificou

na carreira acadêmica uma diversidade de atividades que eram do seu interesse e ainda promoviam uma estabilidade financeira, aspecto almejado, principalmente em razão de sua trajetória pessoal.

[...] Aos quatorze anos eu decidi que eu ia ser psicóloga e aos dezoito anos quando eu estava no primeiro semestre da faculdade eu decidi que eu ia ser professora de universidades. A minha motivação pela Psicologia foi bem pessoal, está relacionada a elementos da minha história [...] Eu sou filha de agricultores familiares, eu já fui cortadora de cana, já fui operária de fábrica, e eu via na carreira acadêmica uma estabilidade, eu via assim pelos meus professores [...] eu pensei nossa que interessante você faz Psicologia e pode fazer extensão, pode fazer um monte de coisas legais na universidade tendo um emprego mais estável, inclusive financeiramente mais interessante do que psicólogo clínico [...] Daí aos 25 anos comecei a minha carreira em uma universidade comunitária e paralelo a isso eu fiz o doutorado sem bolsa, trabalhando. [...] Terminei o doutorado e no último semestre eu estava trabalhando em três empregos. Mas, daí acabou acontecendo que abriu o concurso para a universidade federal, seis semanas depois que terminei o doutorado, passei no concurso [...] (Bolsista PQ, entrevista nº 02)”.

Dentre aquelas que investiram se profissionalizar no âmbito acadêmico-científico, verificamos que a influência de familiares e amigas com acesso à educação de nível superior, bem como, o estímulo de professoras, sobretudo, orientadoras de pós-graduação e colegas já inseridas no sistema PQ/CNPq foram determinantes pela escolha da área científica da Psicologia e pela busca pelos altos níveis de excelência científica. Conforme afirmou, uma das participantes, “mulheres nessas posições são inspirações, mostram alternativas e possibilidades. Elas abrem um campo de possibilidade” (Bolsista PQ, entrevista nº 22).

[...] Eu já tinha uma admiração pela carreira acadêmica desde a minha adolescência, de ver pessoas que tinham a carreira acadêmica: irmãs, amigas [...] e aquilo vislumbrou uma possibilidade muito interessante [...] desde a graduação eu fiquei focada na carreira acadêmica e fui construindo um caminho para isso desde lá (Bolsista PQ, entrevista nº 22). [...]

A minha família, o meu pai especialmente valorizava muito o conhecimento, ele era pessoa muito intelectualizada [...] então ele me motivou desde criança para a leitura [...] O colégio que estudei também era da Universidade Federal e foi onde eu comecei a minha carreira realmente e eu nunca mais saí. Foi uma coisa muito diferenciada na

minha vida por causa do meu pai, por causa do colégio e por causa da minha mãe (Bolsista PQ, entrevista nº 13).

[...] A minha orientadora de mestrado foi uma baita figura. Ela era muito interessante e muito séria na pesquisa, e ela já trabalhava com marcadores sociais, principalmente na questão gênero e raça. Então foi com ela que eu aprendi uma seriedade muito grande no compromisso com o conhecimento (Bolsista PQ, entrevista nº 11).

[...] A minha orientadora de doutorado [...] ela é uma pessoa assim que eu tenho uma admiração muito grande, profissional, pelo trabalho dela, acho que ela é uma pesquisadora muito comprometida e muito politicamente engajada e (me inspirou) a ter uma perspectiva política de Psicologia (Bolsista PQ, entrevista nº 02, idade).

[...] A bolsa PQ, por exemplo, é claro que a gente pede essa bolsa, porque vê que outras pessoas pedem a bolsa também, né? Outras parceiras, amigas, mulheres [...] eu tive muitas mulheres inspiradoras na carreira. Pesquisadoras que já estavam a mais tempo na carreira que já tinham a bolsa (PQ). (Elas) estimularam bastante para que eu pedisse [...] (Bolsista PQ, entrevista nº 22).

Todavia, alcançar o nível de reconhecimento entre os pares na pesquisa científica, mediante o recebimento da bolsa PQ/CNPq, trata-se para as participantes do estudo, de uma íntima relação entre o privilégio e a responsabilidade. Um privilégio, porque dada as adversidades impostas às mulheres nas diversas áreas de conhecimento, ter trajetória profissional reconhecida é como receber uma autenticação para seguir contribuindo com o campo da ciência. Além disso, obter a bolsa de produtividade em pesquisa se estabelece enquanto privilégio, visto que “ainda que não proporcionalmente, é complementação salarial (Santos & Kind, 2016, p. 227), diante dos baixos salários (Mancebo, 2010) e do atual cenário de retração dos investimentos em ciência e tecnologia no país. Por outra ótica, porém se manter na esfera da excelência científica da Psicologia brasileira, requer uma contínua produção intelectual qualificada à vista de padrões de avaliação, cada vez mais, submetida às exigências da internacionalização do conhecimento (Santos & Marques, 2018).

Eu acho que é uma medalha olímpica [...] é um reconhecimento absurdo porque eu defendi meu doutorado em 2001, fiz meu exame de livre docência, entreguei meu material de livre docência em 2004 já com a bolsa de produtividade [...] eu acho ainda que do ponto de vista material, ela não resolve a vida de ninguém, mas é aquele selo de qualidade que o pesquisador quer na sua carreira (Bolsista PQ, entrevista nº 23).

[...] Essa bolsa abre as portas para uma série de outros âmbitos do fazer científico [...] por outro lado é um desafio constante porque há uma série de requisitos que você tem que manter também, né? [...] exigência de publicação especialmente, cada vez maior em veículos qualificados e cada vez mais internacionais (Bolsista PQ, entrevista nº 04)

Para as pesquisadoras PQ (entrevista nº 14 e nº 04), no que se refere à relação entre privilégio e responsabilidade de ser bolsista PQ, as diferenças educacionais entre as(o) profissionais que alcançam a excelência científica e a maioria da população são abissais. As desigualdades e a falta de oportunidades equivalentes na sociedade brasileira, desde a educação básica até o ensino superior e, conseqüentemente, ao sistema de Ciência e Tecnologia do país, é um fator de constante questionamento e preocupação, como destacam a seguir:

[...] Acho que é um privilégio porque, de qualquer forma, é uma complementação salarial, uma vez que nossos salários nunca foram de fato ajustados [...] (Ademais) é uma responsabilidade porque em um país muito pobre de autonomia tecnológica, científica, na área de produção de conhecimentos, de uma desigualdade profunda do ponto de vista social, abissal, que faz com que a distância entre nós bolsistas PQ e as pessoas de uma grande maioria nesse país que sequer consegue ler e escrever, é absurda. [...] (Bolsista PQ, entrevista nº 04).

[...] Tenho uma relação dúbia quanto a isso, porque assim, se por um lado eu acho que é importante a bolsa PQ porque ela de certa forma vai te obrigando a se manter na pesquisa, está sempre renovando e fazendo coisas, né? [...] Abre espaço para muita coisa nesse sistema da gente, então eu gosto de ser bolsista (e, além disso) te dá uma verba, te dá um pouco mais de liberdade de ação na pesquisa [...] por outro lado, tem poucas bolsas, para muita gente boa. [...] Eu acho que tem muita gente boa que tá fora do sistema [...] porque eu não caí fora. Tem esse problema na minha cabeça (Bolsista PQ, entrevista nº 14).

Sobre tais desigualdades, cabe destacar que no Brasil o processo de escolarização da população negra se desenvolveu(e) a partir de assimetrias que se ampliam à medida que se

avança nos níveis educacionais e de condução das atividades de C&T: embora o acesso aos anos iniciais do ensino fundamental foi praticamente universalizado no Brasil [...] anos finais do ensino fundamental já apresenta uma diferença significativa entre brancos e negros (90,4% e 84,4%, respectivamente), que se amplia no ensino médio (76,4% e 64,8%) e se torna drástica no âmbito da excelência científica quando constata-se que menos de 30% bolsistas PQ/CNPq são negras(o)⁶. Olhar mais detidamente para essa questão é fundamental, pois, as atuais exigências educacionais para alocação no campo profissional, incluindo na ciência, se estabelece a partir de um filtro de natureza racial (Carneiro, 2011).

Assim, tratar da participação de mulheres e de suas trajetórias acadêmicas-científicas requer observação das assimetrias existentes entre homens e mulheres, mas também das desigualdades persistentes entre as diferentes mulheres (Minella, 2013). Como abordamos anteriormente, o perfil majoritário das bolsistas PQ da Psicologia é de mulheres brancas e que tiveram como fator decisivo na escolha pela área científica da Psicologia e pela bolsa de produtividade em pesquisa, a influência de familiares e amigas com acesso à educação de nível superior, bem como, o estímulo de orientadoras de pós-graduação e colegas já inseridas no sistema PQ/CNPq. Sobre isso, cabe destacar que essa realidade pode revelar uma desvantagem imposta às pesquisadoras negras e indígenas, sub-representadas na Psicologia brasileira, uma vez que ao pertencer, na maioria das vezes, a gerações de famílias empobrecidas e ainda subjugadas e sem acesso adequado à educação no país, principalmente nos níveis mais elevados, essas profissionais podem não ter acesso ou convívio com familiares e colegas que estejam em profissões socialmente reconhecidas, como a carreira na C &T. Afinal, como alerta Anzaldúa (2000):

⁶ Dados abertos do CNPq disponibilizados pela plataforma de notícias *Gênero e Número*.

[...] os obstáculos enfrentados pelas mulheres negras e demais não são os mesmos das mulheres brancas, “embora tenhamos muito em comum. Não temos muito a perder — nunca tivemos nenhum privilégio [...] é improvável que tenhamos amigos nos postos da alta literatura. A mulher de cor iniciante é invisível no mundo dominante dos homens brancos e no mundo feminista das mulheres brancas, apesar de que, neste último, isto esteja gradualmente mudando. A lésbica de cor não é somente invisível, ela não existe (p. 229).

A condição de mulheres não-brancas no ensino superior⁷ e na excelência científica da Psicologia, conforme demonstramos na primeira tabela desse estudo remonta à origem da própria área de conhecimento que se desenvolveu a partir de preceitos androcêntricos, sexistas e classistas (Lino, 2019) e, assim como as demais disciplinas das ciências sociais e humanidades, continuamente, arrastam a herança colonial e reforçam a hegemonia cultural, econômica e política do ocidente em todas as instituições universitárias e de pesquisa latino-americanas (Lander, 2000).

4.5. Excelência científica na Psicologia brasileira: questões sobre a performance acadêmica exigida às pesquisadoras PQ/CNPq

Ao serem questionadas sobre as expectativas existentes quanto à performance de mulheres e homens no âmbito da excelência científica em Psicologia (PQ/CNPq), constatamos posicionamentos divergentes entre as respondentes. Para a bolsista (entrevista nº 01), o desempenho de cientistas no topo da carreira acadêmica resulta de habilidades intrínsecas ao perfil da(o) própria(o) profissional e, portanto, independe de questões contextuais.

Os homens sempre tiveram um perfil mais intelectualizado na Psicologia do que as mulheres, as mulheres iam muito para clínica ficavam num perfil menos identificado ao estudo e a pesquisa [...] não que as mulheres não fossem muito boas naquilo que faziam

⁷ De acordo com a análise recente realizada por Carvalhaes e Ribeiro (2019) na Psicologia há uma sobre-representação de pessoas brancas e uma sub-representação de pessoas negras.

[...] é que os homens realmente tinham muito mais dedicação ao pensamento e eu tenho essa característica, que é uma característica mais masculina do que feminina [...] O homem que vem pra nossa área frequentemente é muito feminino. É comum que eles sejam um pouco problemáticos [...] um pouco sintomático [...] tem dificuldade com prazos, tem dificuldade com horário, se enrolam [...] salvo alguns que eu nomearia como pessoas que são intelectuais destacados, a maioria não me convence [...] então esse traço feminino, né? De tá sempre meio enrolado, meio embaraçado, meio atrasado, é muito comum no nosso campo [...] falta aquele traço essencial da virilidade que é a determinação, firmeza, perseverança, pontualidade, né? [...] (Bolsista PQ, entrevista nº 01).

O posicionamento apresentado pela referida pesquisadora em termos do perfil de mulheres e homens no campo científico e profissional da área, revela o caráter a-histórico e universalista (ainda atual) característico da origem e do desenvolvimento da Psicologia como ciência e profissão (Siqueira, 2008). Conforme o estudo de Sasvedra e Nogueira (2006) e de Nogueira (2017), a trajetória científica da Psicologia, persistiu, por vezes, em investigações que buscaram, com base em crenças convencionais e essencialistas de masculinidade e feminilidade, descrever as diferenças entre esses dois grupos de indivíduos. As teorias psicológicas teorizaram a experiência de mulheres e de homens associando a diferentes características de comportamento: agressividade e racionalidade foram descritas como traços masculinos, ao passo que a sensibilidade e a passividade enquanto características tipicamente femininas (Narvaz & Koller, 2007).

Por outro lado, as bolsistas (entrevistas nº 22 e 6) acreditam que embora as expectativas no que diz respeito à performance de mulheres e homens na excelência científica em Psicologia brasileira seja a mesma, a existência de condições sociais e culturais desiguais para mulheres em comparação aos homens resulta em efeitos diretos no desempenho e no reconhecimento de cientistas de alta performance (PQ/CNPq) na área e justificam: em primeiro lugar, o sistema avaliativo da ciência brasileira, incluindo o da Psicologia, parte de uma noção de igualdade entre pesquisadoras e pesquisadores, no entanto, isso implica em uma invisibilidade das diferentes cobranças sociais destinadas a mulheres e homens na realidade brasileira (Bolsista

PQ, entrevista nº 22). Ou seja, sem considerar as condições fisiológicas que envolvem a geração e o nascimento das(o) filhos (no caso de mulheres cisgêneras), bem como, a responsabilização pelo cuidado desses filhos(a) e, por vezes de outros parentes, a ciência brasileira penaliza as mulheres e as mantém em desvantagem em diferentes estágios da vida. Dessa forma, existe a mesma exigência, o que reforça as desigualdades de gênero (entrevista nº 22):

[...] Você tem que produzir tanto quanto qualquer outro pesquisador do gênero masculino. Sendo que o fato de ter engravidado duas vezes na carreira acadêmica me mostrou que isso não é igual. Não tem como ser igual. Você engravida, passa por um processo fisiológico que é diferente. O corpo é outro. E aí enquanto você tem o bebê recém-nascido, exigindo todos os cuidados para ele continuar sobrevivendo, você não tem o mesmo desempenho [...] eu só ganhei a minha bolsa quando as minhas filhas eram maiores [...] (Bolsista PQ, entrevista nº 22).

[...] O imperativo categórico nesse campo é a questão da produtividade, né? De certa forma, a gente tem que atingir uma produtividade que se iguala aos nossos colegas, homens. Independente das demandas caseiras que podem ser diferenciadas. No meu caso, veja, eu não tenho filhos e eu acho que isso talvez faça uma diferença com colegas que tenham tido filhos. Mas, hoje eu tenho uma mãe que eu cuido, o que me traz uma tarefa caseira bastante grande [...] acho que a minha história de não ter filhos me coloca numa condição até diferente do que colegas que têm filhos. Mas, o que não implica que eu não tenha questões familiares (Bolsista PQ, entrevista nº 06).

Em segundo lugar, ainda que as pesquisadoras da Psicologia alcancem e mantenham uma alta produtividade acadêmica-científica, algumas das bolsistas afirmam perceber no dia a dia acadêmico um menor reconhecimento quando comparado ao recebido pelos homens:

[...] Na Psicologia é uma área que a grande maioria das estudantes integra o público feminino [...] (Mas), quando (os homens) fazem parte do corpo docente ou quando tão até mesmo como alunos eles costumam ser mais enxergados, não sei se por serem minoria, mas, são mais bajulados. O que eu quero dizer é que embora sejamos maioria, eu vejo que os homens na Psicologia costumam ser bem mais sucedidos proporcionalmente do que as mulheres. Esses poucos que entram na Psicologia, eles têm vamos dizer assim um terreno garantido de que eles vão conseguir sucesso na carreira [...] é uma percepção do meu entorno, é uma coisa que muitas vezes eu vejo, né? (Bolsista PQ, entrevista nº 05).

As questões abordadas por essas participantes oferecem pistas de como a estrutura da ciência psicológica brasileira, assim como, nas áreas do conhecimento da CV, ECET e nas

demais disciplinas da CHSSALLA privilegiam o modelo “masculino” de carreira, ou seja, opera a partir da valorização de certas atividades e características, que, em certa medida, dificultam, restringem e direcionam a participação das mulheres na ciência (Velho, 2006; Tabak, 2002).

A análise promovida com base nas epistemologias feministas tem continuamente nos alertado que a conjuntura do sistema científico é resultado do caráter dualista e excludente adotado pela ciência moderna (Harding, 2019, 1996; Lloyd, 1996). Conforme destacou Castro-Gómez (2007), o projeto científico da modernidade exigiu a elevação do homem ao nível de princípio ordenador de todas as coisas, isto é, ao nível de sujeito/substância e representação da noção de humano (branco, cis, heterossexual, burguês). O homem (humano), a partir dessa racionalidade, é capaz de desvelar as leis inerentes à natureza e colocá-la para funcionar segundo seus interesses. À propósito é justamente essa natureza que deve ser enfrentada como um adversário primordial do ser humano. Os esforços de teóricas feministas demonstraram que essa delimitação dicotômica estabelecida entre o humano (dotado de razão) e a natureza (objeto a ser dominado pela técnica científico), fundaram-se a partir da percepção sobre a relação hierárquica de poder entre o feminino e o masculino. Nesse bojo, todas as áreas de conhecimento, incluindo a Psicologia, em alguma medida, reproduzem certas noções de sujeito, mente, razão, objetividade e transcendência associadas aos homens e, por outro lado, noções de natureza, subjetividade e sensibilidade relacionadas às mulheres em suas teorias e técnicas (Lloyd, 1996). Certamente, essa base da ciência ocidental estabeleceu-se como o principal obstáculo à participação das mulheres como profissionais nas instituições científicas ao longo dos anos nos países modernos ocidentais.

Contudo, analisar a participação e os atuais obstáculos enfrentados pelas mulheres no campo científico, sem considerar a íntima relação entre modernidade e colonialidade, nos conduzirá a compreensão somente um dos aspectos discriminatórios do fazer científico: o

androcentrismo (Santos, 2018). Portanto, cabe complexificar essa análise: na dicotomia humano (dotado de razão) x não-humano (natureza) há implícito um modelo de humanidade – com lócus de enunciação que atende por homem/mulher, branco/a, europeu/ia, civilizado/a, burguês/burguesa (Lugones, 2014). Essa dicotomia é uma marca normativa do padrão de poder que baseado na ideia de raça estabeleceu-se como “uma construção mental que expressa a experiência básica da dominação colonial e que desde então permeia as dimensões mais importantes do poder mundial, incluindo sua racionalidade específica, o eurocentrismo” (Quijano, 2005, p. 117). O eurocentrismo, enquanto racionalidade da modernidade e da ciência, estabeleceu o mundo atual, suas subjetividades e seu trabalho a partir da percepção de que sujeitos brancos autodenominados superiores detém o poder supremo de disciplinar e aniquilar os corpos e os saberes de sujeitos não-brancos denominados de inferiores. Esse padrão dicotômico entre considerados superiores e inferiores, desde então, provoca consequências drásticas nas diferentes esferas da vida de mulheres (e homens) negras(o) e indígenas.

Sobre essa questão, a respondente (nº 08), constata que para além das exigências e expectativas que se impõem de diferentes formas para mulheres e homens na Psicologia, há um hiato quanto à legitimidade e reconhecimento de pesquisadoras não-brancas na academia brasileira.

[...]Tenho um episódio recente, muito sutil, mas me marcou [...] A universidade tá fechada por conta da quarentena (pandemia do Covid-19) [...] uma aluna que é negra me pediu autorização para colocar um material de pesquisa dela na minha sala [...] Eu passei as chaves e ela foi na universidade [...] Ela me contou quando veio trazer as chaves de volta: “foi tranquilo na universidade, bastou chegar lá, me identificar, mostrar minha carteirinha, dizer para onde eu ia, preencher um formulário e entrei” [...] Eu fui no dia seguinte na universidade e eu entrei na universidade, ninguém me pediu nada ninguém perguntou meu nome, eu entrei e saí como se nada tivesse acontecendo [...] Imediatamente eu me refleti: ela entrar numa universidade, universidade fechada, ela ser negra pode ter tido um peso, enquanto que eu que sou branca, provavelmente eu sou professora, ela não podia ser, entende? (Bolsista PQ, entrevista, nº 08).

A dura realidade que se impõe as mulheres negras no campo acadêmico-científico de todas as áreas de conhecimento, está relacionada ao processo de subalternização que as vitimou com a implementação do padrão binário, cisnormativo, branco, ocidental, heterossexual e burguês que definiu as relações entre as(o) sujeitas(o) nos territórios colonizados. Segundo Lugones (2008), a partir da intrusão europeia colonial, as fêmeas foram rotuladas como mulheres (ausentes do âmbito político) e isso resultou na perda radical do poder político das sujeitas colonizadas e na redução de suas decisões e posições sobre a vida ao ambiente doméstico.

As mulheres são definidas em relação aos homens, a norma. Mulheres são aquelas que não têm um pênis; não tem poder; não podem participar da arena pública [...] Nada disso pertencia às anafêmeas Iorubás antes da colônia [...] A exclusão das mulheres da recentemente criada esfera pública colonial é uma tradição que foi exportada para a África durante esse período [...] O mesmo processo que categorizou e reduziu as fêmeas a “mulheres”, as desqualificou para papéis de liderança [...] (Lugones, 2008, p. 87-91, tradução nossa).

De acordo com Segato (2015), essa domesticação das sujeitas colonizadas se caracterizou pelo “sequestro de toda a política sobre [...] o bem comum” [...] e nesses termos “os vínculos entre as mulheres, que orientavam a reciprocidade e a colaboração solidária” [...] foram dilacerados e domesticados ao âmbito da vida privada” (p. 81). Certamente, as marcas desse afastamento do espaço das decisões públicas e da captura de suas existências exclusivamente à ordem doméstica-privada, repercutiram e repercutem até hoje nas condições de vida doméstica-familiar e de trabalho de todas as mulheres (incluindo as brancas), mas principalmente das mulheres e indígenas.

A literatura com vistas a construir universidades e instituições de pesquisas mais justas para as mulheres, tem apontado a dicotomia privado-público, ou seja, a difícil conciliação entre o trabalho de cuidado desempenhado na esfera doméstica-familiar e o exercido no trabalho acadêmico como principal obstáculo para a permanência de mulheres na academia. Contudo,

sem a análise das sequelas da colonialidade, dificilmente compreenderemos que, embora a responsabilidade do trabalho acadêmico-científico comporte uma condição de trabalho “igualitária” para todas pesquisadoras e pesquisadores e, além disso, a responsabilidade do trabalho doméstico esteja historicamente associada à todas as mulheres, as mulheres brancas e não-brancas experimentam os efeitos desses dois polos de formas absolutamente distintas.

Para analisar como se constituem os rebatimentos do trabalho acadêmico na esfera privada das bolsistas PQ/CNPq da Psicologia, no próximo estudo propomos discutir os impactos das cobranças acadêmicas e domésticas-familiares no cotidiano dessas profissionais, bem como, debater como as responsabilidades presentes em ambos os ambientes rebatem em seus processos de subjetivação.

Tabela 12

Síntese do Estudo ‘Excelência científica na Psicologia brasileira: obstáculos e desafios enfrentados por pesquisadoras PQ/CNPq’

Objetivo	Material e Métodos	Resultados	Considerações
Mapear o perfil e o conjunto de atividades desempenhadas pelas mulheres bolsistas PQ do CNPq da Psicologia	Etapa II: - Formulário eletrônico 85 bolsistas PQ da Psicologia, das 204 cadastradas no sistema PQ (julho de 2019)	<u>Sociodemográfico</u>: branca, cis, urbana, Sudeste, casadas, entre 41 e 70 anos e de classe média	- Perfil de excelência e a autoridade de gênero, raça e classe (privilegio e submissão) - Cenário de disputa e concorrência interna no âmbito da C&T no país e atual configuração do trabalho acadêmico (neoliberal)
	Etapa III: - Entrevista semiestruturada (online) 24 bolsistas PQ da Psicologia, das 85 bolsistas (etapa I)	<u>Acadêmico-científico</u>: graduadas e pós-graduadas em Psi (bolsistas) e professoras (IES pública)	
		<u>Jornada de trabalho</u>: administrativa, ensino, formação de RH para pesquisa e produção científica (desgaste e estratégias)	

5. Estudo III - Cotidiano de mulheres bolsistas PQ da Psicologia

Nesse estudo discutimos os efeitos das cobranças acadêmicas e domésticas-familiares no dia a dia das bolsistas PQ/CNPq da Psicologia. Partimos da hipótese de que atual configuração do trabalho acadêmico, bem como, as demandas referentes a vida privada têm impactos profundos no cotidiano das mulheres pesquisadoras nas diversas fases da vida.

A atual conjuntura do trabalho acadêmico-científico no âmbito das universidades brasileiras e dos programas de pós-graduação tem impactado no dia a dia da(o) docente/pesquisador(a) e trazido alguns problemas como a ausência de tempo destinado ao descanso e às demandas pessoais, bem como, adoecimento físico e psicológico, dentre outros (Leite, 2017; Sguissardi & Silva Júnior, 2009; Lopes, 2006). A implementação da lógica mercadológica nas instituições de ensino superior públicas (IES) estabelecida pela ofensiva neoliberal desde as décadas de 1990 e 2000 no país, deslocou para esse universo uma lógica de trabalho baseada na competitividade e produtividade (Costa & Silva, 2019). Isso vem provocando a precarização do trabalho docente e impactando na dinâmica do ambiente doméstico e familiar dessa(e) profissional, na medida em que impõe uma indissociabilidade entre o tempo-espço acadêmico-científico e o doméstico-familiar (Sguissardi & Silva Júnior, 2009).

De acordo com a Comissão Especial de Acompanhamento dos Programas de Pós-Graduação, entre 2017 e 2018, mais uma etapa da investida neoliberal na cultura universitária

no país se fez notar⁸. Segundo Santos e Marques (2018), os traços constitutivos dessa cultura, induzida pelas atuais políticas de avaliação e pela internacionalização dos programas de pós-graduação, resultam do realinhamento brasileiro à economia mundializada, que sob o regime de predominância financeira propõe a transformação da pós-graduação nos moldes propostos pela *World Class Universit*, recomendada pelo Banco Mundial. O processo de mundialização reivindica mudanças importantes na universidade e na pós-graduação, uma vez que há um interesse central em tornar esses espaços aptos para o desenvolvimento de dois aspectos primordiais para a economia globalizada: primeiro, a hegemonia do discurso econômico; segundo, a qualificação de um trabalhador adequado à essa economia.

Nesse sentido, nas duas últimas décadas, observou-se um duplo movimento no país: por um lado, a implementação de políticas voltadas para a democratização do conhecimento nas universidades públicas a partir da ampliação do acesso, inclusão e interiorização dos cursos de pós-graduação através do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI); de outro lado, a tentativa de expansão, de melhoria da qualidade e de internacionalização das universidades brasileiras, o que veio afetar diretamente a realidade da pós-graduação. Demarcada por políticas de incentivo à pesquisa e à inovação tecnológica, cuja meta era alcançar uma inserção mais competitiva no mundo globalizado, a pós-graduação esteve em crescente processo expansionista, seja das atividades de pesquisa, seja na formação de novos quadros de pesquisadores, seja no número de alunos matriculados (Santos & Kind, 2016). Como consequência desse movimento e,

[...] por oferecer amplo campo para o desenvolvimento intelectual e ser considerada geradora de produção excelência, a Pós-Graduação *stricto sensu* no Brasil tem

⁸ Relatório da Comissão Especial de Acompanhamento do PNPG 2011-2020 (BRASIL, 2017); Documento “A internacionalização na Universidade Brasileira: resultados do questionário aplicado pela Capes” (2017) e Edital n. 41/2017 do Programa Institucional de Internacionalizacao-PrInt.

deslanchado e vem obtendo a cada ano ótimos resultados, subindo em rankings mundiais. Essa melhora, comprovada entre outros indicadores, pela 13ª posição mundial de artigos publicados na base de dados Web of Science (ultrapassando países com longa tradição científica, como a Rússia e a Holanda), têm sido destaque em editoriais e em estudos publicados e debatidos em revistas, fóruns e organismos internacionais (Giannetti, 2010), legitimando-a internamente e tornando-a reconhecida internacionalmente (Souza, Filippo & Casado, 2018, p. 127).

Atualmente, existem 4.569 cursos de pós-graduação *stricto sensu* no país, que observam as orientações provenientes do MEC através de sua agência reguladora - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – sendo 2.330 em nível de mestrado e doutorado, 1.333 de mestrado, 802 de mestrado profissional, 80 de doutorado e 24 de mestrado e doutorado profissional, nas diversas áreas do conhecimento. Nota-se que houve um crescimento acentuado nas CHSSALLA, que passou de 882 cursos em 2009 para 1.517 em 2019 (Geocapes, 2019). Na Psicologia existem atualmente 164 cursos credenciados, sendo 25 de mestrado, 5 de mestrado profissional, 54 de doutorado⁹.

Conforme apontado por alguns autores (Diniz & Goergen, 2019; Souza, Filippo & Casado, 2018; Catani, Oliveira & Michelotto, 2011), a expansão acelerada da pós-graduação brasileira veio acompanhada de algumas características como o fato de que esse crescimento não se deu de modo uniforme e equilibrado entre as áreas do conhecimento, havendo áreas mais favorecidas do que outras, além da responsabilização atribuída aos pesquisadores mais experientes pela produção científica qualificada e pela formação de recursos humanos em pesquisa, prioritariamente daqueles vinculados às universidades públicas. Por fim, conforme Schmidt (2011, p. 327), a ampliação da pós-graduação brasileira, a partir dos atuais processos

⁹ Dados disponíveis em <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/20122017-Psicologia-relatorio-de-avaliacao-2017-final-pdf>.

pragmáticos de gestão e de avaliação, tem desenvolvido práticas inclinadas à “coisificação do trabalho acadêmico e de seus atores”.

O cenário da Psicologia acompanha esse movimento de crescimento, acompanhando o desenvolvimento geral da pós-graduação no país, tal como indicam os dados apresentados no Relatório da comissão de Avaliação Quadrienal da CAPES – 2017: a) aumento numérico de programas, que em 2013 somava-se 71 e agora totalizam 164; b) expansão geográfica, que atualmente contemplam todas as regiões do país e c) ampliação significativa da internacionalização da área, principalmente em programas 6 e 7. Entretanto, há estudos que demonstram como a lógica do setor privado, instituída em todas as IES, tem funcionado de forma insidiosa e trazido consequências indesejáveis para as(o) pesquisadoras(e) (Mancebo, 2010). De acordo com Santos e Kind (2016), a atual conjuntura do trabalho acadêmico-científico, sustentada a partir de práticas produtivistas, impõem ao docente/pesquisador(a) uma exigência despropositada de produção acadêmica-científica, de formação de recursos humanos e de atividades de inserção na área com perspectiva de internacionalização, as quais têm impacto direto no dia a dia das(o) profissionais da Psicologia.

Nesse aspecto, há destaque para (o/a) bolsistas de produtividade em pesquisa (PQ/CNPq) da Psicologia, posto que esse contingente é responsável pela maior parcela da produção científica, tecnológica e de inovação e pela formação de mestres e doutores no país. É sobre elas(es) que recaí as mais altas expectativas em termos de excelência científica e produtividade. Contudo, é sabido que a ciência psicológica é tradicionalmente ocupada pelas mulheres, o que remete a importância de analisar como os aspectos que envolvem o trabalho científico atual incidem sobre o cotidiano das mulheres, uma vez que as responsabilidades sociais são delimitadas de modos diferentes para elas e para os homens.

Pelas questões aqui abordadas, buscamos analisar o impacto do trabalho acadêmico-científico no cotidiano doméstico-familiar das bolsistas de produtividade em pesquisa

PQ/CNPq da Psicologia e as estratégias de conciliação desenvolvidas. Embora, trate-se de uma área científica predominantemente ocupada pelas mulheres, mas territorializada pela desigualdade de gênero, se faz indispensável conhecer o impacto do trabalho de excelência científica em outras esferas das suas vidas. Objetivamos, assim, refletir como as atuais exigências acadêmicas-científicas chocam-se com as responsabilidades conferidas às mulheres na família, em razão das construções sociais de gênero, seja em relação a função de cuidadora, ao trabalho doméstico, seja em termos das relações afetivas.

5.1. Perfil sociodemográfico e acadêmico-científico das bolsistas PQ/CNPq da Psicologia

Os resultados da segunda etapa indicaram que dentre as 85 mulheres bolsistas PQ/CNPq da Psicologia, a maioria se concentra na faixa etária dos 41 aos 70 anos (81,1%), representando aquelas pesquisadoras com carreiras consolidadas na área e em plena fase produtiva, em detrimento das mais jovens, entre 20 e 30 anos que estão iniciando a carreira, das que têm entre 31 e 40 anos, em fase de consolidação, bem como daquelas com idades entre 71 e 80, em fase de finalização da mesma carreira. A maior parte dessas pesquisadoras mantém relacionamentos conjugais, sejam casadas (58,8%) ou em uniões estáveis (15,3%), são predominantemente brancas (82,35%) e residem em centros urbanos, sobretudo na região Sudeste (40%) e Sul (40%).

Em relação à renda mensal, observamos, de uma forma geral, que a maioria (n = 79) ganha acima dos 9 salários-mínimos, com média em torno de 12 a 15 (n = 25; 29,4%). As fontes prioritárias da renda mensal das pesquisadoras é o salário (ou aposentadoria) juntamente com a bolsa de produtividade em pesquisa. A maior parte (n = 50; 58,8%) compartilha a responsabilidade financeira da família com um(a) companheira(o) e/ou com amigas(os).

Notamos que somente 19 mulheres (22,4%) são as únicas responsáveis financeiras da família e 16 (18,8%) são as principais responsáveis.

No que diz respeito ao perfil acadêmico-científico, identificamos que 72 (84,71%) são graduadas em Psicologia, grande parte em instituições públicas e/ou confessionais. Pertencem a diferentes gerações de psicólogas(o) no Brasil. Quanto à formação pós-graduada, constatamos que 55 (64,7%) cursaram mestrado e 52 (61,2%) fizeram o doutorado em Psicologia, seja em instituições nacionais, seja no exterior (06/mestrado e 14/doutorado), com destaque para as universidades europeias. Nota-se, em relação às instituições de formação brasileiras, que os programas de pós-graduação da região Sudeste, em nível de mestrado e doutorado, foram os que mais formaram, seguidos dos da região Sul. Em relação ao período de conclusão de mestrado, observamos que a maioria 30 (35,29%) concluiu entre os anos 1990 e 1999 e 39 mulheres (45,88%) finalizaram o curso de doutorado entre os anos de 2000 e 2009. Dessas, a maioria (27; 31,7%) inseriu-se na docência do magistério superior entre os anos de 2000 e 2009. O ingresso da maioria no sistema PQ/CNPq, por outro lado se deu entre os anos de 2011 e 2020 (39; 45,9%) e 2001 e 2010 (17; 20%).

O perfil da bolsista PQ/CNPq da área Psicologia é constituído majoritariamente por mulheres brancas, cis, com idades entre 51 e 60 anos, graduadas e pós-graduadas em Psicologia, sobretudo em instituições localizadas nas regiões Sul e Sudeste, que obtiveram auxílio financeiro na formação pós-graduada e são professoras de IES públicas. Em sua maioria, são pesquisadoras PQ-2, com menos de 10 anos de bolsa e renda entre 12 e 15 salários-mínimos, que vivem em relações conjugais, heterossexuais, e compartilham as responsabilidades financeiras da casa. Desse modo, os resultados sociodemográficos e acadêmico-científicos, considerando a amostra analisada, demonstram que há uma sub-representação de mulheres negras, indígenas, trans, lésbicas e nordestinas no topo da carreira científica da Psicologia brasileira.

5.2. Perfil da jornada de trabalho das bolsistas PQ/CNPq da Psicologia

A rotina de trabalho das bolsistas PQ/CNPq da área abarca um conjunto diverso de atividades. Os resultados indicaram que a maioria delas (45; 53%) ocupa ou ocupou atividade de direção, seja no âmbito da graduação e/ou da pós-graduação. Além disso, nos últimos dez anos, a maioria das bolsistas ministrou ou ministra aulas na graduação (69; 81,18%) e na pós-graduação (71; 83,53%), seja na Psicologia e/ou demais áreas do conhecimento, e orientou estudantes em nível de iniciação científica, mestrado, doutorado e pós-doutorado.

No diz respeito à inserção na área, a maioria participa de redes nacionais e/ou internacionais de pesquisa (69; 81,18%), bem como coordena ou coordenou GT vinculados à ANPEPP (61; 71,76%), coordenam/coordenaram e/ou participam/participaram de grupos de pesquisa e/ou núcleo de excelência vinculados ao Diretório de Bases do CNPq (63; 74,12%). Quanto à produção científica, verificamos que as pesquisadoras publicaram artigos científicos e/ou capítulos de livro (71; 83,53%), elaboraram produtos técnicos na área (60; 70,59%) e atuaram como pareceristas ad hoc para revistas científicas (71; 83,53%).

Frente a esse conjunto de tarefas que lhes são atribuídas, a maioria das bolsistas PQ da Psicologia (60; 70,59%), necessita trabalhar nas demandas acadêmicas e científicas tanto na universidade quanto em casa, havendo uma certa indissociabilidade entre essas esferas. Para elas, a autonomia na realização das atividades e a flexibilidade na carga horária, bem como, o prazer envolvido continuamente na formação de recursos humanos em pesquisa, estabelecem-se como os aspectos positivos da profissão e função de pesquisadoras. Por outro lado, a obrigatoriedade do exercício administrativo e burocrático, assim como, a precarização do trabalho docente, resultante da atual configuração do trabalho de ensino e pesquisa no Brasil, sobretudo na pós-graduação, constituem-se como aspectos negativos.

Dada essa condição de trabalho, algumas bolsistas apontaram sentimentos contraditórios em relação à carreira acadêmica, posto que experimentam sensações de prazer em decorrência do reconhecimento de sua trajetória e da possibilidade constante de contribuição à pesquisa científica brasileira, contudo, o cenário de trabalho produz sofrimento devido às exigências cada vez mais inconciliáveis com aquelas de outras esferas da vida. Os estudos de Costa e Silva (2019) e Moreira, Tibães e Brito (2018), que abordam o sofrimento de docentes-pesquisadores(a) no contexto atual da universidade e dos programas de pós-graduação e da pesquisa, demonstram que as exigências presentes nesse ambiente de trabalho, como a exigência continuada por alta produção intelectual, vêm marcando seus cotidianos com sensações de sobrecarga, desconfiança e descontentamento.

A pesquisa realizada por Vivian, Trindade e Vendruscolo (2020) sintetiza achados de várias investigações na área e evidencia essa face dúbia e ambígua dos sentimentos de satisfação e insatisfação vivenciados pelas pesquisadoras. De um lado, “a oportunidade de agregar conhecimento, fomentar o pensamento crítico e transformar a realidade emergiram como fontes de prazer no trabalho docente [...] a possibilidade de perceber o crescimento, a evolução, a transformação e a autonomia dos discentes” (p. 1070), são aspectos gratificantes do trabalho. Por outro lado, a intensificação da carga de trabalho, a excessiva valorização da quantidade de produção acadêmica, desconsiderando aspectos de qualidade, jornada de trabalho que excede a vida profissional e permeia a vida pessoal; “as pressões sofridas pelas exigências institucionais, de órgãos que fiscalizam e avaliam a pós-graduação” (p. 1068), vêm influenciando negativamente o trabalho, gerando tempo inadequado para pesquisas, prejudicando a profundidade e a densidade teórica para avanço do conhecimento (p. 1070). Os impactos sobre a saúde de pesquisadores(as) são evidentes. Destacam, para além do cansaço, o aumento de peso e da pressão arterial, alteração do sono, ansiedade, dentre outros problemas indicados pelos docentes.

Nesse sentido, a pesquisa sobre a experiência de sofrimento mental de professores universitários realizada por Brandão e Coelho (2020) é bastante esclarecedora, permitindo um olhar mais contextualizado e multidimensional sobre o tema. Destacam a necessidade de situarmos tanto a universidade quanto a ciência e tecnologia como campos de disputas de diferentes projetos de sociedade; que ambas são alvos prioritários das políticas neoliberais que corrompem os ideais de autonomia científica, reflexiva e crítica e que os docentes se vêm confrontados cotidianamente por lógicas diversas e contraditórias, gerando efeitos adoecedores, bem como inúmeros afastamentos por motivos de saúde. Ressaltam o caráter individualista que envolve a vivência dessas questões e para os mecanismos de patologização e estigmatização do sofrimento, quando na verdade é algo de natureza coletiva, produzido na interface política, institucional e subjetiva.

Entretanto, os estudos de Macedo (2020) e Borsoi e Pereira (2013) alertam que embora as condições atinjam todos os profissionais, as cobranças presentes na atual configuração do trabalho acadêmico rebatem de modo peculiar na vida de mulheres pesquisadoras, visto que além das imposições das referidas exigências acadêmicas, elas também são requeridas em maior escala no ambiente doméstico. Em uma condição ideal, as atividades a ser desempenhadas em uma casa seriam, equitativamente, compartilhadas por todos os(a) moradores(a) do espaço habitacional. Porém, em razão da estrutural desigualdade de gênero que marca predominante as unidades domésticas e familiares no Brasil, grande parte das tarefas de cuidado recai sob a responsabilidade das mulheres.

Os dados publicados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PNAD) realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que no ano de 2019 as mulheres dedicaram cerca de 21,4 horas semanais para as tarefas de cuidado com a unidade doméstica e com outras pessoas, ao passo que os homens utilizaram somente 11 horas no desempenho das mesmas atividades (IBGE, 2019). Segundo a referida pesquisa, a

sobrecarga de tarefas domésticas e de cuidados para com os filhos estendem-se às mulheres que também têm uma ocupação no mercado de trabalho fora de suas habitações, como o caso das pesquisadoras PQ/CNPq da Psicologia. Sobre esse último aspecto, pesquisas como as desenvolvidas por Barros e Mourão (2020; 2019), Machado et al. (2019), Gamboa Solís e Pérez Abreu (2017), Santos (2016), Silva e Ribeiro (2014) e Prado e Fleith (2012), mostram que a presença de filhos, conflitos no âmbito das relações amorosas/conjugais, bem como outras responsabilidades que são desempenhadas na unidade doméstica, têm dificultado a inserção e a progressão de mulheres na carreira científica. Para analisar como se caracteriza essas questões na vida das bolsistas PQ/CNPq da Psicologia, apresentaremos algumas características da dinâmica doméstica e familiar dessas profissionais.

5.3. Dinâmica doméstica-familiar das bolsistas PQ/CNPq da Psicologia

A análise das características da dinâmica familiar das pesquisadoras PQ/CNPq da Psicologia foi baseada em alguns dados apresentados na tabela a seguir (Tabela 13).

Tabela 13

Dinâmica doméstica-familiar das pesquisadoras PQ da Psicologia em relação a maternidade e a unidade doméstica (n, frequência, % porcentagem)

Filhas(o)	(n)	(%)
Sim	62	72,94%
Não	23	27,06%
Total	85	100

Quantidade de filhas(o)	(n)	(%)
Um	14	16,47
Dois	33	38,82
Três	12	14,12
Quatro	2	2,35
Cinco ou mais	1	1,18
NI	23	27,06
Total	85	100

Impacto da maternidade na carreira	(n)	(%)
Sim	37	43,53
Não	18	21,18
NI	30	35,29
Total	85	100
Quando trabalhando, filhas(os) ficavam/ficam:	(n)	(%)
Na Creche e/ou Escola	33	38,82
Com companheira(o)	5	5,88
Com as irmãs(o) mais velhas ou outros membros da família	0	0
Com outras(os) familiares	2	2,35
Com profissional doméstico(a)	12	14,12
Outra pessoa (especifique)	3	3,53
NI	30	35,29
Total	85	100
Quando em casa, filhas(os) ficavam/ficam com:	(n)	(%)
Com você	43	50,59
Creche e/ou Escola	3	3,53
Com sua/seu companheira(o)	1	1,18
Com as irmãs(o) mais velhas ou outros membros da família	1	1,18
Com outras(os) familiares	1	1,18
Com profissional doméstico(a)	4	4,71
Outra pessoa (especificar)	2	2,35
NI	30	35,29
Total	85	100
Suporte no cuidado dos filhos(as)	(n)	(%)
Sim	49	57,65
Não	6	7,06
NI	30	35,29
Total	85	100
Suporte na gestão da unidade doméstica	(n)	(%)
Sim	60	70,59
Não	11	12,94
NI	14	16,47
Total	85	100

Constatamos que a maioria das bolsistas tem filhos (62; 72,94%). Predomina a média de um a três filhos. A faixa etária dos filhos é muito variada, mas, em se tratando de mulheres

com idades entre 51 e 60 anos, há mais registro entre 20 e 40 anos (56,67%). Além disso, algumas bolsistas já são avós (19; 22,35%) de crianças pequenas, com idade entre 1 e 5 anos (19; 43,18%) e 5 e 10 anos (11; 25%). Dentre as 85 respondentes, quase 30% (23) não são mães.

Em suas residências, a maioria das pesquisadoras compartilha a morada com cônjuge ou companheiro(a) (58; 68,24%) e com filhas(os), noras/ou genros e/ou netas(os) (23; 27,06%). Essa dinâmica familiar com filhas(o), principalmente, quando pequenos, compeliu muitas delas a levá-los para creche/escola (33; 38,82%) ou contratar profissional doméstico e/ou babás (12; 14,12%), para conseguirem cumprir a jornada de trabalho formal na universidade. Porém, nos finais de semana e/ou feriados, a maioria afirmou (43; 50,59%) ser a principal responsável pelo cuidado das(o) filhas(o), quando crianças e/ou adolescentes. Apesar disso, maior parte delas (49; 57,65%) contou/conta com o auxílio de outras(o) familiares. Somente 6 mulheres (7,06%) realizaram/realiza essa função sozinha. Das que obtiveram coparticipação de familiares no cuidado com as(o) filhas(o), grande parte (46; 54,12%) indicou partilhar com atual cônjuge/companheiro(a) ou com ex-cônjuge/companheiro(a), normalmente homens/pais de suas(seus) filhas(o). Dessas, 15 (32,51%) dividiram/dividem a responsabilidade com empregadas(o) domésticas e 13 (28,26%) contaram/contam com a ajuda de outras(o) familiares, normalmente, mães e irmãs das pesquisadoras.

Além da responsabilidade e/ou cuidado com os filhos(a), em fase infanto-juvenil, bem como, em fase adulta, a maioria (71; 83,53%) das participantes administra e/ou executa outras tarefas referentes ao funcionamento da unidade doméstica. Do conjunto de pesquisadoras participantes do estudo, todas afirmaram pagar as contas, administrar o patrimônio e adquirir os bens de consumo necessários para a unidade doméstica. Ademais, grande parte (45; 63,38%) é responsável pelo cuidado das filhas(os) e/ou enteadas(os), netos(as) pequenos, e também pelo auxílio das filhas(o) e/ou enteadas(o) e/ou noras/genros; desempenha funções de cuidado da casa (44; 61,97%) como limpeza, preparação das refeições, lavar, passar e guardar roupas, lavar

louças, dentre outras e ainda cuida ou auxilia genitores e/ou responsáveis (família de origem) e/ou outras(os) parentes (24; 33,8%).

Das 45 (63,38%) pesquisadoras responsáveis pelo cuidado de filhos e outros parentes, a maior parte compartilha as responsabilidades com cônjuge/companheiro(a) (34; 57,63%); além disso, 19 (32,20%) divide essas funções com mulheres contratadas como empregadas domésticas e 6 (10,17%) conta somente com auxílio de outras mulheres da família, notadamente, mães e irmãs dessas profissionais. Isso mostra que apesar das transformações das relações de gênero, as mulheres ainda são as principais cuidadoras de crianças, idosos e pessoas com doenças e deficiências físicas e mentais, além de serem as responsáveis majoritárias pelas tarefas de cozinhar, limpar, lavar, dentre outras demandas necessárias para o funcionamento do espaço doméstico.

A questão do trabalho de cuidadora tem sido debatida por inúmeros estudos no plano internacional e nacional como uma variável basilar para os estudos de gênero (Federici, 2019; Fraser, 2016; Abreu, Hirata & Lombardi, 2016; Hirata & Guimarães, 2012; Carrasco, 2011). Esses estudos trouxeram importantes contribuições acerca dos complexos processos que envolvem o trabalho do cuidado no âmbito do desenvolvimento das(o) sujeitos(a) em diferentes esferas e condições da vida, bem como, denunciaram como a invisibilidade desse trabalho no campo das decisões públicas, continuamente deslegitimam as consequências materiais, emocionais e profissionais daquelas (preponderantemente mulheres) que o desempenham em diferentes países e regiões do mundo.

Sob essa lógica, a discussão acerca do trabalho de cuidado/doméstico e sobre o impacto dele na vida das mulheres, continua a ser mantido às margens das preocupações das políticas públicas no Brasil (Vieira, 2020). Um exemplo pode ser observado no modo como a política de ciência, tecnologia e inovação (CT&I) do país desconsidera a responsabilidade imposta às mulheres pesquisadoras quanto à maternidade, ao tempo de cuidado destinado aos outros

indivíduos em várias fases da vida, ao desempenho repetitivo de tarefas limpeza, à organização da unidade doméstica e quanto ao encargo pela elaboração e/ou supervisão do cardápio alimentar no âmbito da família. À propósito, somente recentemente o CNPq permitiu o registro dos períodos de licença-maternidade no currículo Lattes (CNPq, 2021). Apesar de ser um início, destacamos que à medida que o sistema de C&T nacional desconsidera a complexidade dos aspectos que envolvem a relação entre a carreira científica e a vida familiar, isto é, incluindo a maternidade, mas não se encerrando nessa fase, as mulheres pesquisadoras ficam, cada vez mais penalizadas.

Recentemente, estudos brasileiros sobre as desigualdades de gênero no campo científico (Barros & Mourão, 2020; 2019; Machado et al., 2019; Santos, 2016; Prado & Fleith, 2012) intensificaram os alertas acerca de como as demandas relacionadas ao cuidado, seja das(o) filhos, de outros parentes ou até mesmo da casa, socialmente requisitadas para mulheres, têm prejudicado a inserção, a permanência e a progressão de pesquisadoras no Sistema Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação (SNCTI). Sobre esse aspecto, a pesquisa de Machado et al. (2019), ao avaliar o impacto da parentalidade na produtividade de pesquisadoras e de pesquisadores brasileiros em todas as áreas de conhecimento, demonstra que as mulheres em comparação aos homens pesquisadores, são as principais responsáveis pelo cuidado de seus filhos quando pequenos e são as mais impactadas pela queda de produtividade quando se tornam mães.

Nessa perspectiva, o estudo de Staniscuaski et al. (2020), apresenta como essa situação das pesquisadoras alcançou um estágio ainda mais preocupante com os rebatimentos da pandemia da Covid-19 no âmbito doméstico e familiar, quando a produtividade científica de mulheres acadêmicas, principalmente das que são mães, entrou em declínio. Nesse período pandêmico, a referida pesquisa indicou, por outro lado, que os homens, com e sem filhos, em comparação às mulheres, foram os menos afetados, continuaram produzindo e submetendo

artigos em revistas científicas, bem como, permaneceram cumprindo os prazos acadêmicos estabelecidos.

Foi em razão dessa situação, que desde 2017, um conjunto de pesquisadoras e pesquisadores que compõem o ‘Projeto *Parent in Science*’, reivindicam que as agências de fomento e as universidades considerem os efeitos da maternidade no cotidiano das pesquisadoras e que criem estratégias para que mulheres acadêmicas possam competir por fomento para suas pesquisas de modo equitativo aos homens. Como resultado desse processo, algumas agências estaduais de fomento (FAPERJ e FAPERGS) e instituições de ensino superior (UNIPAMPA, UFF, UFRGS, FURG, UFPEL, UERJ, UEPG e UFRPE) reconheceram o impacto da maternidade na produção científica de mulheres e adotaram medidas a fim de contribuir com processos avaliativos que beneficie a inserção e a permanência de mulheres acadêmicas em atividades de pesquisa científica (*Parent in Science*, 2021)¹⁰. Contudo, ainda que sejam conquistas expressivas para as mulheres no cenário acadêmico-científico brasileiro, destacamos que essas iniciativas estão no alcance, predominantemente, das profissionais do eixo Sul-Sudeste do país.

A deslegitimação do trabalho de cuidado no âmbito científico não dissimula apenas as consequências materiais, psicológicas e profissionais dentre a população feminina, mas, principalmente, encobre os rebatimentos no cotidiano das pesquisadoras, quando se considera as diferentes experiências das mulheres. Como explanamos anteriormente, a maioria das pesquisadoras no nível da excelência científica da Psicologia brasileira, é branca, cis, pertencente à classe média, casada em relações heterossexuais e, embora sinta os efeitos da responsabilidade pelo cuidado dos membros da família, bem como, dos custos necessários para

¹⁰ No bojo dessas reivindicações, o CNPq anunciou, em março de 2019, que cientistas de ambos os gêneros poderiam incluir a data de nascimento de seus filhos na base de dados do CV Lattes, porém essa implementação não foi cumprida até os dias de hoje (*Parent in Science*, 2021).

a administração da unidade doméstica, pode, de alguma maneira, compartilhar essas tarefas com seus companheiros/cônjuges ou atribuir a babás e/ou empregadas domésticas contratadas, a fim de atender as exigências que lhes são conferidas no plano da excelência científica.

[...] não presto como dona de casa, eu sou a dona da casa, né? Eu tenho funcionários. Eu organizei a rotina deles (na pandemia da Covid-19) para protegê-los do transporte público, pago uber, motorista vai buscar e todos estão trabalhando normalmente com todos os cuidados, máscara, luva, álcool em gel, higiene, né? Ninguém pegou a doença, todo mundo mora em comunidade, são quase três meses e aqui não aconteceu nada e todos continuam me ajudando e entendendo que eu tenho que trabalhar, que eu preciso que eles me ajudem a trabalhar e eu começo a trabalhar às sete e meia da manhã e só vou parar às sete da noite, todos os dias com atividades acadêmicas e clínicas [...] (Bolsista PQ, entrevista nº 01).

Embora a responsabilização pelo trabalho doméstico de cuidado desempenhado no ambiente privado seja comum a várias mulheres, incluindo as docentes-pesquisadoras, é de amplo conhecimento que essas atividades estão submetidas a uma hierarquização de raça, gênero e classe e outros marcadores sociais. Na realidade brasileira, por exemplo, 92% das pessoas em serviços como mensalistas, diaristas, babás, cuidadoras são mulheres negras, de baixa escolaridade e oriundas de famílias de baixa renda (Pinheiro et al., 2019). Por aqui, a mulher negra “naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta” [...] (Gonzales, 1984, p. 226).

Portanto, ao analisar os impactos das múltiplas tarefas que envolvem o cuidado de membros da família e da unidade doméstica no cotidiano de pesquisadoras, deve-se reconhecer que embora mulheres brancas, majoritárias no campo científico e na Psicologia, sofram os impactos da configuração atual do trabalho acadêmico, caracterizado por uma sobrecarga multifacetada, e sintam cotidianamente as exigências familiares no âmbito doméstico, são as mulheres negras (demais não-brancas) que carregam as responsabilidades da vida privada e possibilitam que essas mulheres brancas alcancem seus objetivos profissionais no espaço público.

Mesmo observando as múltiplas responsabilidades das bolsistas PQ/CNPq da Psicologia no cuidado da unidade doméstica e dos filhos e/ou netos pequenos, a maioria das pesquisadoras (45; 52,94%) acredita que essa realidade não impacta negativamente na excelência científica, possivelmente pelo fato de poderem compartilhar com demais familiares ou com empregadas(o) domésticas(o) e do cuidado. Apesar disso, 30% das profissionais sentem os impactos em pelo menos dois âmbitos da vida. Primeiro, o tempo de dedicação às tarefas realizadas em suas casas, acrescido do volume de atividades exigidas pelo trabalho acadêmico-científico, provoca, no dia a dia, desgastes físicos e psicológicos que acabam interferindo na qualidade da produção bibliográfica e na participação em viagens e intercâmbios, tanto nacionais quanto internacionais, aspectos imprescindíveis para se manter no topo da carreira.

Segundo, a responsabilidade quase exclusiva pelo cuidado das(o) filhas(o) em detrimento da maior participação de seus companheiros, impacta em todas as atividades acadêmicas, tendo efeitos na produção científica (artigos, livros e projetos de pesquisa); na participação em eventos científicos locais e/ou fora da cidade; na participação em reuniões acadêmicas-científicas; nas viagens a trabalho (banca e eventos); no cumprimento de prazos junto à universidade e agências de fomento e, por fim, nas atividades de gestão.

Em face das responsabilidades da dinâmica doméstica-familiar, tais como o cuidado dos(a) filhos(a) e de outros parentes, 16 pesquisadoras, precisaram solicitar afastamentos e/ou prorrogação de prazos de entrega de relatórios acadêmico-científicos. Em todas as circunstâncias, elas puderam gozar de licença, de flexibilidade ou negociação de horários nas instituições que estão vinculadas sem se sentirem prejudicadas. Contudo, não podemos esquecer que grande parte dessas mulheres estão vinculadas às IES públicas.

Já na experiência da bolsista PQ/CNPq (entrevista nº 24), o afastamento da universidade em decorrência nascimento de sua filha teve efeitos significativos em sua produção intelectual:

Quando (minha filha) nasceu, fiquei um pouco atrapalhada, então se você olhar em 2013 eu acho que eu tenho um artigo publicado esse ano, só um artigo porque vem uma criança e você não tá muito preparado. A minha família não mora aqui [...] A família do meu marido é daqui, então às vezes eu conto bastante com a minha sogra em algumas demandas, mas, eu gerencio a minha casa, minha filha dentro desse universo, então eu não delego a outra pessoa essa tarefa. E tem um custo, né? [...] "ah vamos almoçar juntos hoje?" Eu não posso porque aqui em casa eu tenho que almoçar com a minha filha. Eu vou dar banho, vou trocar e vou levar ela pra escola, entendeu? Eu nunca perco de vista os horários (Bolsista PQ, entrevista n° 24).

O temor dos impactos negativos na produção acadêmica-científica advindos com a maternidade e/ou pela tarefa de cuidado com outros membros da família são sentidos por outras pesquisadoras. Para a entrevistada n° 20, a realidade da universidade e o cotidiano familiar facilitam a progressão de homens pesquisadores na mesma medida em que criam muitos obstáculos e dificuldades para as mulheres na mesma função.

[...] As práticas sociais vão facilitando a trajetória pros homens e, além disso, a gente ainda tem uma carga horária extra, que é a carga horária da família. Mas, você abdicar de uma família, você abdicar do papel de mãe é uma coisa que é, na sociedade não é bem vista, sabe? Não é bem avaliada [...] Muitas vezes eu já falei "gente, eu nunca quis ter filho!" Nunca quis. É uma experiência que eu não tenho vontade. Não tenho vontade. Nunca tive vontade de ficar grávida, tanto que nunca fiquei. E isso às vezes choca, sabe? [...] (Bolsista PQ, entrevista n° 20).

A respeito dessa questão, cabe ressaltar que a atribuição compulsória do cuidado dos filhos à população feminina tem provocado uma sobreposição de responsabilidades que tem pesado no cotidiano de mulheres em nossa cultura (Zanella, 2016). Isso decorre da construção social de uma imagem ideal de mulher, cuja função principal é a maternidade e o cuidado dos filhos (e com demais componentes da família). Desse modo, quando uma mulher não deseja a maternidade e/ou não desempenha tal função passa a ser rechaçada, estigmatizada e até considerada socialmente inadequada (Xavier & Zanella, 2016).

Na experiência da pesquisadora (entrevista n° 13), a experiência da maternidade, embora desejada, juntamente à realização das exigências acadêmicas, só foi viável em razão do suporte familiar recebido, bem como, da contratação de babás.

Lembro que eu tive muita ajuda da minha mãe [...] A gente morava perto e a minha primeira filha quando ela nasceu [...] mamãe sempre me ajudou demais com ela, ia lá pra minha casa, ficava lá, às vezes eu saía para trabalhar [...] Nesse período eu ia na faculdade pra dar aula, ia para as reuniões, mas eu não ficava lá [...] Eu tinha um escritório em casa como tenho até hoje [...] Eu me lembro assim que eu tinha no próprio escritório tinha um colchonete no chão e a minha filha ficava ali brincando e eu na mesa trabalhando. Eu conciliava assim, não tinha muita separação, entendeu? [...] É claro que eu também tinha babás, né? Eu sempre usei meu salário nesse período para poder custear uma babá (Bolsista PQ, entrevista nº 13).

Já para as bolsistas (entrevista nº 07 e 05), a ajuda de familiares e a contratação de profissionais cuidadores foram imprescindíveis para uma certa conciliação desses polos, mas não aliviaram a imensa culpa sentida quando necessitaram distanciar-se das(o) filhas(o), enquanto realizavam a formação pós-graduada ou progrediam na carreira acadêmica-científica:

Só pra você ter uma ideia, quando eu comecei a fazer a pós-graduação, meu filho tinha um ano e meio mais ou menos de idade e com três anos eu fui pra São Paulo, fazer o mestrado e emendei no doutorado. E hoje meu filho, até hoje ele brinca comigo e diz que eu fui uma mãe ausente, porque ele ficava aqui com o pai dele e eu viajava pra trabalhar, estudar e já perdi vários eventos dele, quando ele era criança [...] agora que eu estou mais velha (faço) algumas escolhas para equilibrar mais [...] (Bolsista PQ, entrevista nº 07).

[...] vou te dizer que durante muito tempo isso foi muito angustiante na minha vida. Eu vivia sob estresse. Eu vivia com insônia [...] isso abalava a minha saúde [...] Quando eles eram mais novos tinha muita queixa e todos eles tinham algo a dizer do tipo: “no dia das mães você não foi naquela minha festinha, quem foi o meu pai”, você não estava, por exemplo às vezes aniversários deles, né? Eu hoje eu tento tornar algo sagrado, no dia do aniversário deles eu tenho que tá com eles, né? eles tiveram, né? A minha ausência de casa. E isso é uma questão que eu carreguei durante muito tempo um sentimento de culpa, de me achar uma mãe não tão boa por ter feito isso, eu sofria quando eu ia pra esses lugares (eventos científicos). Ao invés de desfrutar não só de aproveitar o aqui e agora que a ocasião me oferecia eu ficava com aquela sensação de: eu não posso tá fazendo isso porque eu não sou uma boa mãe, porque meus filhos estão lá e eu aqui e eu devia tá lá e eu vivo viajando, que tipo de mãe eu sou? (Bolsista PQ, entrevista nº 05).

Os relatos acima indicam como esse modelo de maternidade que exige renúncias pessoais-profissionais, faz parte do modo de subjetivar-se das mulheres brancas (perfil étnico-racial das respondentes). Conforme demonstra Badinter (1985), até o século XVIII, era comum mulheres brancas parirem e destinarem o cuidado de seus filhos, imediatamente após o parto,

para amas de leite – prática de delegar a amamentação às mulheres empobrecidas e/ou escravizadas que se originou na aristocracia europeia e que se estendeu por toda a América, em razão da realidade colonial. No entanto, foi somente com a consolidação do capitalismo, nos séculos XVIII e XIX, que as mulheres (brancas) passaram a ser reconhecidas como mães e principais responsáveis pela criação de seus filhos. No século XX, com o advento da racionalidade científica acerca da maternidade, as mulheres se tornam as únicas responsáveis pela saúde psicológica de seus filhos (Zanello, 2018). É a partir de então, que a maternidade passa a ser cada vez mais trabalhosa e grande fonte de culpa para essas mulheres (Del Priore, 2009). Isso, sem sobra de dúvidas, atravessa o cotidiano das mulheres pesquisadoras.

Para além da maternidade e do cuidado com os filhos pequenos, as amplas responsabilidades para com a família conferidas às mulheres têm efeitos na vida das pesquisadoras em diferentes estágios da carreira. O relato da bolsista (entrevista nº 06), demonstra como as cobranças tomam novos formatos a depender das diferentes etapas da vida dos membros da família.

Eu acho que na medida em que a gente vai ficando um pouco mais velha, as cobranças vão se tornando maiores. Olhando pra minha situação pessoal, meu marido aposentou, então quando ele estava num ritmo de trabalho também, a cobrança era menor, existia a cobrança, mas a cobrança era menor. Então, na medida em que ele tem mais tempo livre para fazer atividades, a minha presença passa a ser cobrada em atividades de lazer ou até trabalhos caseiros [...] eu acho que depende um pouco da fase em que estão as várias pessoas da família, né? Por exemplo, minha mãe demanda muito e ela se queixa também: "ah, tu não para de trabalhar!" Tem uma queixa aí, né? [...] Óbvio, antes minha mãe também trabalhava e tinha o ritmo dela [...] eu acho que na medida em que as pessoas começam a entrar em uma fase de aposentadoria e quando você ainda não tá nessa etapa há um descompasso [...] os tempos de vida são diferentes e aí a coisa fica um pouco mais complexa (Bolsista PQ, entrevista nº 06).

Tem uma coisa importante que me toma muito tempo. E que não tem outro jeito que cuidar da minha mãe, acho que aqui em casa tá todo mundo bem, né, assim, meus cuidados maiores não são neste cômodo, nesta casa. Minha mãe era ocupada com atividades acadêmicas, uma vez ou outra tinha que acompanhar a minha mãe no médico quando ela estava doente, porque ela sempre foi muito ativa [...], mas como ela tem idade ficou confinada em casa no apartamento (pandemia Covid-19). Ficou confinada no apartamento, aí começa tudo que você pode imaginar. Aí começa a ficar com não

sei o quê, aí começa a ficar deprê, aí começa a aparecer: dói o olho, dói não sei que, dói ali, dói aqui, aí começa sabe assim um processo bastante complexo (Bolsista PQ, entrevista nº 22).

O apanhado das características da dinâmica doméstica-familiar das pesquisadoras PQ/CNPq da Psicologia brasileira realizada até aqui permite-nos discorrer sobre duas direções analíticas. Os elementos discursivos que emergiram nos relatos das entrevistadas resgatam, em alguma medida, o modo indivíduo mulher-mãe, subjetivado a partir do modelo de família nuclear burguesa, que posiciona o papel social das mulheres primordialmente constituído pelas funções de esposa e mãe e cobra dessas o desempenho de qualidades morais ‘naturais’ no cuidado dos filhos e demais membros da família (Badinter, 1985). Esse modelo implica em certas práticas de poder desiguais entre mulheres e homens e entre as diferentes mulheres, perpetradas em diferentes instituições e instâncias sociais como é o caso da ciência (Lugones, 2008; Segato, 2012; Paredes, 2008).

Sem estarem completamente descoladas dessa norma, as bolsistas PQ da área enxergam e julgam o exercício de suas funções no ambiente familiar. Com vistas a cumprir de modo eficaz as intensas demandas da esfera doméstica-familiar, ao mesmo tempo em que, continua a realizar as atividades exigidas para o grau de excelência científica, a maioria das pesquisadoras da área necessita de um suporte, o qual, em maior escala, concretizou-se pela contratação de trabalhadora doméstica e/ou babá. Essas últimas são profissionais tradicionalmente presentes na dinâmica de famílias brasileiras brancas e de classe média, tal como o perfil das nossas respondentes. Sendo assim, diante das cobranças do âmbito privado, a inclusão do trabalho desempenhado pela ‘secretaria’ da casa, outra mulher, passa a compor o cotidiano da pesquisadora.

Sobre isso, é de amplo conhecimento que o perfil das profissionais domésticas e do cuidado no Brasil compõe-se, em sua maioria, de mulheres negras, pobres e periféricas que,

sem acesso à escolaridade requisitada para o exercício de funções melhor remuneradas, acabam servindo de retaguarda para outras mulheres, geralmente brancas, com escolaridade e renda mais altas, como é o caso das pesquisadoras da Psicologia. Assumem a maior carga na cozinha e na limpeza da unidade doméstica, no cuidado de crianças e de pessoas idosas para que o trabalho acadêmico possa ser desenvolvido e as mulheres que se empregam possam trabalhar.

Assim, de acordo com Vergès (2020, p. 18-19):

Todos os dias, em todo lugar, milhares de mulheres negras, racializadas, “abrem” a cidade. Elas limpam os espaços de que o patriarcado e o capitalismo neoliberal precisam para funcionar [...]. Elas desempenham um trabalho perigoso, mal pago e considerado não qualificado, inalam e utilizam produtos químicos tóxicos e empurram ou transportam cargas pesadas, tudo muito prejudicial à saúde delas [...]. Um segundo grupo de mulheres racializadas, que compartilha com o primeiro uma interseção entre classe, raça e gênero, vai às casas da classe média para cozinhar, limpar, cuidar das crianças e das pessoas idosas para que aquelas que as empregam possam trabalhar, praticar esporte e fazer compras nos lugares que foram limpos pelo primeiro grupo de mulheres racializadas.

Uma outra questão se fez notar entre os relatos das bolsistas PQ da Psicologia. Trata-se do segundo encaminhamento analítico que objetivamos abordar. Na atual realidade neoliberal, o discurso destinado às mulheres, diferente de períodos históricos anteriores, estimula-as a assumir posições de sujeitos livres e autônomos. Assim sendo, tem sido comum entre as mulheres pesquisadoras o desejo de não perder de vista nenhuma das atividades que lhes são conferidas, seja no âmbito acadêmico ou doméstico. Os relatos dessas profissionais demonstram que, embora elas reconheçam as dificuldades impostas na sobreposição de tarefas científicas e familiares, pouco questionam essa condição enquanto um fenômeno contemporâneo que atravessa a vida de todas as mulheres, que deve ser questionado em âmbito institucional. Ao contrário, resiste uma captura na ideia de que podem atender incansavelmente às multitarefas demandadas pela universidade, pela ciência e pela família.

Entre nós, é necessário atentar-se que a realidade (atual) construída a partir do pólo modernizador da República, “herdeira direta da administração ultramarina, permanente

colonizador e intervencionista, debilita autonomias [...] rasga o tecido comunitário, gera dependência” e oferece com uma mão a modernidade do discurso crítico igualitário, enquanto que com a outra “introduz os princípios do individualismo [...] da razão liberal e capitalista” (Segato, 2012, p. 110) que fomentam o atual discurso do empoderamento e poder feminino, fazendo com que o fenômeno da violência contra as mulheres, diz respeito somente a algumas mulheres, quando na realidade trata-se de modos de subjetivação presentes nas atuais relações cotidianas entre homens e mulheres e entre as diferentes mulheres.

Apesar disso, o sistema brasileiro de ciência e tecnologia não dispõe de política estruturada de benefícios que ampare a cientista a conciliar carreira e família (Prado & Fleith, 2012; Aquino, 2006), agravando um percurso que já é tortuoso para as pesquisadoras, visto que, as mulheres são submetidas a “valores exigidos para ser uma “boa cientista” e [...] para ser uma “boa mulher” (Lima, 2013, p. 891), tal como apontam algumas respondentes:

[...] A queixa de pouco tempo de dedicação à família é constante [...] essa é uma constante queixa, produz sofrimento na gente, óbvio, porque você não quer isso, mas ao mesmo tempo você cede, né? Então assim, eu tenho tentado, mas na verdade, nem sempre consigo cumprir pelo menos um domingo em que eu não trabalhe, né? (Bolsista PQ, entrevista nº 06).

Você vai tocando, um pouco aqui, um pouco ali [...] você vai fazendo uns esquemas, né? [...] levantava de madrugada antes que toda a casa começasse o movimento, para que você comece a fazer coisas mais difíceis e com mais tranquilidade. Então, você acaba lançando mão de algumas estratégias para dar conta [...] (Bolsista PQ, entrevista nº 12).

É difícil, às vezes falta tempo e falta perna, né? Porque eu tenho dois filhos (adolescentes), sou casada, meu marido pega junto com as questões da casa, das crianças, mas também tenho mãe, tenho sogra, tenho família em geral, sou filha única da minha mãe então também às vezes isso também me demanda, ela tem 70 anos [...] geralmente quem sofre mais é minha pessoa [...] (Bolsista PQ, entrevista nº 15).

De acordo com Lima (2013), os conflitos originados dos valores exigidos para ser uma boa cientista e para ser uma boa mulher ocorrem porque eles são discursos dispostos em

contradição, ou seja, “o que é considerado apropriado e útil na esfera científica e profissional é inútil e inadequado na esfera do ser feminino” (p. 892). Apesar disso, na tentativa de cumprir tanto as cobranças acadêmicas quanto domésticas, muitas mulheres pesquisadoras têm enfrentado constantes estados de adoecimento físico e psicológico.

Esses processos de adoecimentos ocorrem porque as tarefas desempenhadas por pesquisadoras, principalmente quando alcançam o topo da carreira acadêmica-científica são incompatíveis, de algum um modo, com as cobranças domésticas e familiares. A respeito dessa questão a bolsista PQ (entrevista nº 19), ultimamente, tem-se questionado como mulheres pesquisadoras sem acesso à contratação de profissionais domésticas e/ ou do cuidado remunerado fazem para conciliar essas duas extremidades, assumindo-as completamente.

[...] durante essa fase eu tenho me perguntado muito de como fazem as outras mulheres que não tiveram as chances de ter sempre uma assistência para dividir os trabalhos domésticos ou uma assistência para assumir completamente, porque de fato, você se dá conta do que significa ter uma mulher trabalhando para você o tempo todo enquanto você faz o seu trabalho também. E essa conciliação muitas vezes não é fácil, você tem que deixar uma atividade doméstica pela metade porque você tá sendo chamada pra uma reunião e que ela vai acontecer dentro da sua casa, mas que você tem que interromper tudo que você está fazendo para participar dessa reunião ou você mesma tá convocando a reunião, então eu acho que é uma intensidade isso e que agora como eu estou aposentada isso tem sido de alguma forma amenizada. Mas, eu tenho assistido colegas que não estão aposentadas, que têm trabalhado muito, muito, muito. Um pesadelo contínuo (Bolsista PQ, entrevista nº 19).

5.4. Relacionamentos afetivos e a excelência científica

Atualmente, os arranjos familiares e as relações conjugais estão permanentemente em movimento e recomposições. A tradicional família econômica burguesa organizada em torno da liderança do homem, da subordinação das mulheres e dependência dos filhos já não se

apresenta como único modelo no universo de possibilidades que caracteriza a contemporaneidade. Da mesma maneira, o casamento perdeu sua força e já não é o destino final para as mulheres, embora muitas mulheres ainda almejem sob a lógica da busca do amor romântico. Isso, em parte, tem relação com a entrada da mulher no mundo do trabalho formal, com a independência financeira em relação aos homens, com as mudanças nas relações de poder dentro e fora da família. No entanto, essa é uma realidade permeada de conflitos, disputas e sofrimento. Isso, por sua vez, têm exigido por parte das mulheres a invenção de inúmeras estratégias de conciliação trabalho-família, tal como apontado por Silveira e Bendassolli (2018). Esse é o caso das pesquisadoras PQ da Psicologia.

Porém, é importante evidenciar que quando nos referimos sobre a entrada das mulheres no mundo trabalho, ou seja, assalariado e com registro formal, partimos da experiência social de mulheres brancas, maioria dentre as bolsistas PQ da Psicologia brasileira. Ressaltamos que a experiência das mulheres negras e demais não-brancas com o trabalho e a família é distinta a das mulheres brancas (Collins, 2019). As diferentes dimensões de suas vidas são historicamente perpetradas por sequelas do sistema de gênero moderno/colonial, e por isso foram submetidas à exploração do trabalho, desde antes do ingresso do grande contingente de mulheres brancas. Além disso, funcionou como instrumento de conversão de mulheres brancas em reprodutoras da raça (branca) e da classe (burguesa) (Lugones, 2008), que reduzidas em determinados períodos a um destino marcado pelo casamento e pela geração de filhos, foram as principais protagonistas desse fenômeno que abordamos como ‘entrada das mulheres no mundo do trabalho formal’.

Como apontado anteriormente, o alcance do topo da carreira como pesquisadoras PQ é um processo complexo que requer o enfrentamento de inúmeros obstáculos, principalmente no âmbito dos relacionamentos. Não à toa, essas mulheres realizam uma variedade de atividades no seu cotidiano, tanto acadêmicas quanto domésticas. Contribuem significativamente do ponto

de vista financeiro para a manutenção da família, assumindo muitas vezes o papel central. Apesar disso, as desigualdades de gênero são evidentes e nem todas têm suporte do companheiro no cuidado dos filhos, no compartilhamento das tarefas e de responsabilidades domésticas. Nesse sentido, questionamos junto às pesquisadoras sobre os impactos dos relacionamentos afetivos na excelência científica. Nesse sentido, indicaram as seguintes respostas (Tabela 14):

Tabela 14

Dinâmica doméstica-familiar das pesquisadoras PQ da Psicologia em relação aos relacionamentos afetivos/conjugais (n, frequência, % porcentagem)

Impacto de relacionamentos no rendimento acadêmico	(n)	(%)
Nunca	22	25,88
Raramente	33	38,82
Algumas vezes	14	16,47
Frequentemente	2	2,35
Sempre	0	0
NI	14	16,47
Renúncia a oportunidades profissionais/acadêmicas por causa dos seus relacionamentos	(n)	(%)
Nunca	35	41,18
Raramente	21	24,71
Algumas vezes	14	16,47
Frequentemente	1	1,18
Sempre	0	0
NI	14	16,47
Total	85	100
Conflitos em seus relacionamentos pela dedicação ao trabalho acadêmico-científico	(n)	(%)
Nunca	10	11,76
Raramente	23	27,06
Algumas vezes	27	31,76
Frequentemente	7	8,24
Sempre	4	4,71
NI	14	16,47
Total	85	100

Ao serem questionadas sobre possíveis impactos dos relacionamentos afetivos/conjugais no rendimento acadêmico, a maioria das respondentes afirma ter sido afetada de alguma maneira, seja raramente, algumas vezes, seja frequentemente, tal como foi relatado por duas 2 mulheres. Embora, grande parte dessas profissionais nunca (35; 41,1%) ou raramente (21; 24,7%) tenha renunciado a oportunidades profissionais/acadêmicas por causa dos relacionamentos, algumas abdicaram algumas vezes (15; 17,5%) ou frequentemente (1; 1,1%), de oportunidades de trabalho em razão dessa questão.

A pesquisadora (entrevista, nº 01) afirma que nunca necessitou renunciar ou perder oportunidades profissionais por causa de seu relacionamento conjugal, posto que planejou sua vida e carreira incluindo as responsabilidades com o companheiro:

Eu planejei a minha vida privilegiando essa função na qual ninguém poderia me substituir. Porque eu precisava conciliar a vida familiar, enfim, quer dizer, isso inclui o marido e tempo para o marido, né? Marido é uma coisa que ocupa o horário na agenda, no mínimo para jantar com ele no lugar, sair com os amigos [...] para progredir mais eu teria que me envolver em atividades de cunho político e institucional. Se você olhar o meu currículo você vai ver que ele é pobre nesse aspecto, eu não tenho um perfil de política institucional, eu não me candidato a nada, eu não quero ser convidada para coisa nenhuma [...] No Brasil, quando leio no jornal essa discussão sobre número de homens e de mulheres em cargos, disso e cargo daquilo, a primeira coisa que eu penso é: quando é que os pesquisadores vão entender que as mulheres não alcançam determinadas posições porque não querem, porque privilegiam outras coisas na sua vida (Entrevista, nº 01).

A situação se modifica quando questionadas sobre conflitos em seus relacionamentos em razão do trabalho. A maioria das respondentes (27; 31,76%) afirma ter experimentado algumas vezes embates com a(o) cônjuge/companheira(o) por causa da demanda acadêmica; 7 (8,2%) indicam confrontos frequentes e 4 (4,7%) afirmam que sempre há tensões em função disso. Nesses conflitos, algumas particularidades que envolvem o trabalho acadêmico-científico

impulsionam as tensões. Segundo respostas registradas pelas pesquisadoras, observou-se que a disponibilidade e a atenção são fatores constantemente cobrados pelos(a) cônjuges/companheiros(a), especialmente, durante as noites, finais de semana e feriados. Em razão das multitarefas que necessitam ser desempenhadas por essas pesquisadoras, dada a conjuntura do trabalho acadêmico na atualidade, é comum que a maioria delas estenda sua carga horária para o ambiente doméstico, trabalhando em horários não convencionais e finais de semana. Essa particularidade da vida acadêmica é com frequência foco de conflito nas relações conjugais.

Entre as bolsistas PQ da Psicologia, a maior parte das bolsistas é frequentemente questionada pelo maior investimento na obtenção de títulos e na projeção na carreira acadêmica-científica, envolvendo a participação em eventos, em órgãos e setores de gestão acadêmica-científica em comparação a dedicação à família. Sobre esse aspecto, a bolsista PQ (formulário nº 46), denuncia como essa questão materializa-se no seu cotidiano atual: *“meu companheiro não aceita meu afastamento constante para participação em eventos e nem aceita minha saída para pós-doutorado”*. Em uma condição semelhante, a pesquisadora PQ (formulário nº 77), afirma que a ida ao exterior para a realização do pós-doutorado foi alcançada, porém, precisou diminuir sua estadia por constantes tensões com o companheiro. Por motivo dessas experiências, muitas delas lançam mão de estratégias, como aceitar convites de eventos acadêmicos somente em suas cidades/regiões, bem como, trabalhar nas demandas acadêmicas enquanto o companheiro está dormindo/descansando.

Os resultados de Prado e Fleith (2012) revelam que o impacto do sucesso profissional para pesquisadoras de excelência foi positivo em relação aos filhos, mas negativo no âmbito das relações conjugais. Embora as transformações das relações familiares na contemporaneidade sejam efeitos da participação de mulheres em diferentes domínios do trabalho no âmbito público, algumas mulheres, principalmente aquelas envolvidas em relações

heterossexuais, têm dificuldades em progredir em suas carreiras, realidade que estende a algumas cientistas (Prado & Fleith, 2020; Santos, 2006).

Como argumenta Santos (2016), enquanto a relação conjugal pode significar um obstáculo a mais a ser superado pelas mulheres cientistas, o casamento se estabelece como uma estrutura que promoverá o suporte necessário à consolidação de uma carreira de alta performance para pesquisadores homens (Santos, 2016). A pesquisadora (entrevista nº 05), relata as dificuldades enfrentadas quando casada em função das cobranças do companheiro que a faziam se sentir culpada, bem como as estratégias para realizar as diversas atividades acadêmicas sem que fosse censurada:

[...] na época eu era casada, tinha uma cobrança e um julgamento muito grande quanto a isso (trabalho). Eu viajava demais. No primeiro momento me sentia culpada de tá viajando demais e de colocar em risco meu casamento [...], mas, porque as cobranças começaram a aumentar mesmo e eu às vezes falava: “bom, eu preciso sacrificar mais da minha carreira para não sacrificar meu casamento. E depois eu fui ver que é uma grande injustiça, que eu não precisava estar em um casamento no qual não coubesse a minha felicidade, que era a minha realização profissional. Olha, eu tenho uma história muito triste [...], mas, é interessante porque são mecanismos que a gente vai desenvolvendo, por exemplo na minha relação conjugal não podia ter livros na minha cama, assim, adoro ler na cama, porque o livro automaticamente remetia ao trabalho. Então, para poder continuar trabalhando, muitas vezes eu trabalhava no banheiro. Eu entrava no banheiro para trabalhar e enfim, me escondia. Porque eu não podia fazer [...] como se fosse feio sabe? Como se eu tivesse traindo a pessoa com meu trabalho (Bolsista PQ, entrevista nº 05).

Para outra bolsista (entrevista nº 20), os desafios em relação aos relacionamentos amorosos/conjugais por ser professora e pesquisadora são constantes. Sente-se, continuamente discriminada em relação aos homens por trabalhar no âmbito acadêmico. Em tentativas de relacionamentos, constantemente percebia que “título, esforço e projeção eram mal avaliados” (Bolsista PQ, nº 15, formulário eletrônico):

Tinha uma época em que para paquerar eu nunca dizia que era professora da universidade [...] sempre dizia “ah qual é a sua profissão?” Eu sou psicóloga! Eu nunca dizia que eu era professora doutora da universidade [...] nunca! [risos] se eu dissesse isso era caixão, né? o cidadão sumia em menos de meia hora [...] então, teve uma vez que eu conheci uma pessoa, ele também era doutor só que ele era funcionário

da universidade, ele cuidava de um laboratório, ele não era professor, embora ele tivesse doutorado. Quando ele descobriu que eu era professora ele sumiu, acabou o papo [...] teve uma época em que eu me sentia muito discriminada por isso, bastante discriminada mesmo [...] Já ouvi coisas assim de homens tipo “eu não te vejo como minha mulher” espera aí, qual é o seu padrão de mulher? Era bem complicado, assim, aquela história de quanto maior a sua escolaridade, mais difícil você encontrar é pessoas que sejam compatíveis com você de verdade (Bolsista PQ, entrevista nº 20).

Sobre esse aspecto, em seu estudo, Lima (2013) constatou que a qualificação de mulheres pesquisadoras era sinônimo de mulher encenqueira e complicada. Em função disso, as participantes nº 03 e nº 02 mencionam que para pesquisadoras de alta performance, manter relacionamentos não-tradicionais, têm sido benéficos em suas experiências cotidianas.

Eu tenho um companheiro. Eu tenho uma relação diferente. Eu tenho um companheiro, que eu tenho a minha casa e ele tem a casa dele. E, ele não mora na mesma cidade que eu, mas quando ele está aqui, ele vem pra cá. Ele vem de 15 em 15 dias, ele fica na minha casa. Ele me ajuda, ele favorece as coisas pra mim. Eu estou com ele faz 30 anos. Ele não tem nada a ver com vida acadêmica [...] (Bolsista PQ, entrevista nº 03).

Eu sou casada, mas eu e meu marido moramos em cidades diferentes. Meu marido mora com a minha sogra na casa dele e eu moro sozinha em um apartamento [...] Se meu marido morasse a semana inteira comigo e eu tivesse filhos, eu ainda não tenho filhos seria mais complicado porque eu vejo que minhas colegas que têm filhos pequenos, assim, a mulher têm uma sobrecarga de trabalho, ela têm uma dupla jornada e filhos aumenta bastante a demanda delas porque os filhos acabam sendo de mais responsabilidade das mulheres do que dos homens, historicamente por uma questão de gênero [...] E o que eu percebo é que meu marido às vezes [...] tipo eu tenho pouco tempo para dar atenção pra ele [...] a vida pessoal fica bastante comprometida quando você é além de professor de graduação, quando você escolhe trabalhar na pós graduação também, quando você escolher ter vários orientandos, mestrandos e doutorandos complica [...] (Bolsista PQ, entrevista nº 02).

Nota-se, assim, que na dinâmica doméstica-familiar das bolsistas PQ/CNPq da Psicologia, os relacionamentos afetivos-conjugais impactam na excelência científica e na vida das mulheres de diferentes formas. Esse impacto está relacionado às relações de poder e à dominação masculina sobre as mulheres, construídas a partir do emaranhamento de normas, leis, discursos científicos, dentre eles, médicos, psicológicos, jurídicos e educacionais que se autorizaram/autorizam dizer ‘a verdade’ sobre o que é masculino e feminino, bem como,

legitimaram/legitimam o privilegiamento dos homens e a desqualificação das mulheres em todas as instâncias das sociedades modernas, inclusive na ciência (Butler, 2010). Nesse esteio, tem sido comum os constrangimentos perpetrados às mulheres por serem bem-sucedidas ou para não serem bem-sucedidas, como o caso de algumas das pesquisadoras PQ.

Embora, as relações de gênero, assim como a condição social das mulheres tenha se modificado na contemporaneidade, de modo que as mulheres passaram a ocupar espaços inimagináveis em outros períodos, é imprescindível destacar que a condição de subalternidade das mulheres em relação aos homens não desapareceu. Em concordância com Segato (2012), acreditamos que apesar de todo aparato jurídico existente, estamos diante de uma transformação contemporânea da violência de gênero e experienciando, um momento de “tenebrosas e cruéis inovações na forma de vitimar os corpos femininos e feminizados”, seja sob as formas de violência física, psicológica, sexual, moral, dentre outras variações, ou sob as manifestações “de destruição corporal sem precedentes, como [...] as formas de tráfico e comercialização de tudo o que estes corpos podem oferecer, até ao seu limite” (p. 108).

A partir desses relatos podemos concluir que as cobranças domésticas-familiares articuladas às acadêmicas-científicas produzem impactos desgastantes no dia a dia das bolsistas PQ da Psicologia, na medida em que impõe uma rotina de multitarefas que se tornam um pesadelo contínuo, como afirmou a participante (entrevista nº 19). Dentre esses impactos, os efeitos das relações amorosas-conjugais na excelência científica e em outras esferas da vida pessoal dessas profissionais se sobressaem. O impacto desse âmbito para as mulheres tem base no modo como as relações sociais entre mulheres e homens, incluindo a noção de amor e a concepção de conjugalidade, têm sido subjetivados no tempo contemporâneo. Segundo Zanello (2018), as relações amorosas-conjugais é um lugar de profunda vulnerabilidade psíquica, são cheias de ambiguidades, uma vez que os modos de subjetivação feminina são também forjados por um conjunto de expectativas sexistas em termos do amor, do casamento e da família. Não

à toa, as mulheres, com frequência, se posicionam como as principais responsáveis pelo sucesso da relação estabelecida ou pelo fracasso da relação encerrada ou não iniciada. Para autora, essa condição é um dos fatores que sustenta a permanência de muitas mulheres em experiências amorosas conflitantes e/ou violentas, mesmo que tenham independência financeira e reconhecimento profissional, como as bolsistas PQ/CNPq.

Além disso, cabe destacar que a subjetivação das mulheres em relação aos aspectos de sua vida íntima e amorosa, tem sido hoje marcada pela concepção do sujeito neoliberal. O sujeito neoliberal é aquele que ao se pensar livre e autônomo deseja e busca ser autossuficiente em todas as esferas de sua vida. Essa racionalidade que se estende além das questões econômicas “opera em todas as instituições e práticas sociais, afeta diretamente as condutas das mulheres” [...] (Oksala, 2013 como citado por Rago, 2019, p. 06), visto que atualmente desejam ter poder e sucesso no campo do trabalho e em outros âmbitos, além de ter uma família unida e feliz. Segundo Rago (2019), isso se dá porque “as mulheres têm sido chamadas a subjetivarem-se em modos neoliberais, constituindo-se como autônomas, senhoras de si (p. 06), no entanto, essa condição traz enormes desafios, já que o discurso do ser “dona do próprio corpo” ou “dona de si” traz a responsabilidade dos próprios atos a partir de um caráter individualista como exigência do novo regime de verdade, quando na realidade é algo que se produz e se impõe na coletividade para todas as mulheres e, além disso, entra em contradição com sua posição como cuidadora.

Essa condição atual faz com que mulheres pesquisadoras estejam mais suscetíveis a cargas horárias sem limites de tempo e, conseqüentemente mais vulneráveis a adoecimentos. É sobre essa questão que debatemos no estudo a seguir. Nele objetivamos discutir os efeitos das exigências da excelência científica na saúde das bolsistas PQ/CNPq da Psicologia.

Tabela 15

Síntese do Estudo ‘Cotidiano de mulheres bolsistas PQ da Psicologia’

Objetivo	Material e Métodos	Resultados	Considerações
Investigar os impactos das exigências de excelência científica na dinâmica doméstica e familiar, bem como na saúde das mulheres bolsistas PQ/CNPq da Psicologia	Etapa II: ▪ Formulário eletrônico ▪ 85 bolsistas PQ da Psicologia, das 204 cadastradas no sistema PQ (julho de 2019)	<u>Dinâmica doméstica-familiar:</u> ▪ Principal responsável (filhos, familiares e casa) ▪ Compartilha com mães, irmãs e contrata profissional	▪ Modo indivíduo mulher-mãe-esposa (modelo de família nuclear burguesa) ▪ Mulheres em modos neoliberais: autônomas e autossuficientes
	Etapa III: ▪ Entrevista semiestruturada (online) ▪ 24 bolsistas PQ da Psicologia, das 85 bolsistas (etapa I)	<u>Relacionamentos afetivos-conjugais:</u> ▪ Tensões ▪ Impedimentos na progressão da carreira ▪ Culpa	

6. Estudo IV - O impacto da excelência científica na saúde de pesquisadoras PQ/CNPq da Psicologia

Nesse estudo objetivamos discutir os efeitos das exigências da excelência científica na saúde das bolsistas PQ/CNPq da Psicologia. Partimos da compreensão de que na atualidade, o modo de organização do trabalho docente e de pesquisa nas universidades brasileiras e programas de pós-graduação tem gerado profundos impactos na saúde das(os) docentes-pesquisadoras(es), sobretudo, entre bolsistas PQ.

No Brasil, desde os anos 2000, um conjunto de políticas públicas foram implementadas com vistas a superar déficits históricos na educação superior. Contudo, em meio a uma série de inovações ocorridas quanto à reestruturação, expansão e implementação de políticas inclusivas nas universidades, a renovação do projeto neoliberal voltado à sociedade brasileira efetivou-se ao longo desses 20 anos, trazendo como marco, a regulação do ensino superior por meio de políticas econômicas orientadas pela lógica da produtividade, da eficiência e da excelência (Costa & Silva, 2019). No cenário das universidades brasileiras e programas de pós-graduação tem preponderado um modo de organização do trabalho docente e de pesquisa que tem gerado profundos impactos na rotina e na saúde das(os) docentes-pesquisadoras(es). A precarização do trabalho, a sobrecarga e a intensificação laboral são aspectos destacados pela literatura (Moura Ribeiro, Castro Neta & Nunes, 2019; Araújo, Pinho & Masson, 2019; Souza et al., 2017; Sanchez, Sanchez, Barbosa, Guimarães & Porto, 2017).

Os estudos sobre a relação trabalho docente-pesquisador(a) e saúde apontam, especialmente, para a ocorrência de doenças ocupacionais clássicas como os distúrbios da voz

e as doenças musculoesqueléticas (Neme & Limongi, 2020; Ribeiro, 2015). Contudo, o estresse ocupacional, associado a sentimentos de hostilidade, tensão, angústia, ansiedade, frustração e depressão, desencadeados por estressores situados no ambiente de trabalho, tem ocupado um lugar de destaque no cenário atual (Neme & Limongi, 2020; Campos, Vêras & Araújo, 2020; Araújo & Martins, 2015). De acordo com Brandão e Coelho (2020, p. 97), “o sofrimento docente pulsa dentro da universidade”.

Diversas pesquisas têm produzido problematizações generalistas acerca dessa realidade, sem discutir as diferentes exigências impostas às mulheres e aos homens nas diversas esferas da vida social (Araújo, Pinho & Masson, 2019). Assim, a análise da relação ciência-gênero é condição primordial para a compreensão das dinâmicas de trabalho em geral e, em particular, nas exigências de excelência no âmbito do trabalho acadêmico-científico. Há desequilíbrios na distribuição dos tipos de atividades, recursos e poder, com os homens ocupando setores mais privilegiados e mais bem remunerados em diversas áreas de conhecimento do que as mulheres (Staniscuaski et al., 2020; Macedo, 2020; Barros & Mourão, 2020, 2019; Valentova et al., 2017).

Olhando-se mais detidamente para uma fatia desses trabalhadores, a saber, das mulheres e homens bolsistas de produtividade em pesquisa do Conselho Nacional Científico e Tecnológico/CNPq, a situação agrava-se ainda mais, pois estão expostos a intensas exigências de desempenho. Sendo considerado um grupo privilegiado e de excelência, esse contingente de pesquisadores(as) é responsável pela grande parte da produção científica, tecnológica e de inovação e pela formação de mestres e doutores no país. Entretanto, apesar do aumento de mulheres bolsistas de Produtividade em Pesquisa (PQ) nas últimas décadas, as assimetrias permanecem (Barros & Mourão, 2020; 2019). Os dados analisados por Valentova et al. (2017) mostram diferenças significativas na distribuição das bolsas pelo país. Do total de 13.625 bolsas, 8.769 (64,36%) são ocupadas por homens e somente 4.856 (35,64%) pelas mulheres.

Além da disparidade na distribuição de bolsas PQ, as mulheres enfrentam uma série de obstáculos para dedicar-se exclusivamente ao trabalho de investigação, o que impõe um ritmo bastante desigual em relação aos homens no que tange ao ingresso e permanência no sistema, bem como à mobilidade interna entre os diferentes níveis de bolsa PQ. Os estudos de Macedo (2020), bem como de Borsoi e Pereira (2013, 2011) demonstram que as mulheres têm adoecido mais do que pesquisadores homens no cumprimento das mesmas funções. Portanto, é imprescindível, na análise do trabalho da pesquisadora, levar em conta as profundas desigualdades de gênero no âmbito da ciência e seu impacto no processo saúde/doença.

Com base nisso, buscamos nesse artigo, lançar um olhar mais apurado, especificamente, sobre as pesquisadoras da área da Psicologia, bolsistas de produtividade do CNPq. Trata-se de uma área marcadamente ocupada pelas mulheres, mas com uma história de desigualdades internas quando se trata de reconhecimento pela comunidade científica, de posições de destaque na área e de contribuição intelectual. Objetivamos refletir sobre a relação trabalho acadêmico-científico e o processo saúde/doença, isto é, sobre o impacto das exigências de excelência científica na saúde dessas pesquisadoras.

6.1. Perfil sociodemográfico, acadêmico-científico e jornada de trabalho das bolsistas PQ/CNPq da Psicologia

A análise dos dados da segunda etapa do estudo demonstrou que a maioria das bolsistas PQ/ CNPq da Psicologia, dentre 85 mulheres respondentes, se concentra na faixa etária dos 41 aos 70 anos (81,1%), representando aquelas pesquisadoras com carreiras consolidadas na área e em plena fase produtiva, em detrimento das mais jovens, entre 20 e 30 anos, que estão iniciando a carreira, das que têm entre 31 e 40 anos, em fase de consolidação, bem como daquelas com idades entre 71 e 80, em fase de finalização da mesma. A maior parte dessas

pesquisadoras mantêm relacionamentos conjugais, sejam casadas (58,8%) ou em uniões estáveis (15,3%), são predominantemente brancas (82,35%), que vivem relações conjugais (63, 74,1% casadas ou uniões estáveis), heterossexuais (20, 83%) e cis (24; 100%), e residem em centros urbanos, sobretudo, na região Sudeste 34 (40%) e Sul (40%). O exame dos resultados revelou ainda que, de modo geral, a maioria (n = 79) ganha acima dos 9 salários-mínimos, com média em torno de 12 a 15 (n = 25; 29,4%) As fontes prioritárias da renda mensal das pesquisadoras é o salário (ou aposentadoria) juntamente com a bolsa de produtividade em pesquisa. A maioria (n = 50; 58,8%) compartilha a responsabilidade financeira da família com um(a) companheira(o) e/ou com amigas(os). Notamos que somente 19 (22,4%) são as únicas responsáveis financeiras da família e 16 (18,8%) são as principais responsáveis.

No que diz respeito ao perfil acadêmico-científico, a maior parte dessas pesquisadoras PQ da área é graduada em Psicologia, em instituições públicas e/ou confessionais e pertence a diferentes gerações de psicólogas(o) no Brasil. Quanto à formação pós-graduada, constatamos que 55 (64,7%) cursaram mestrado e 52 (61,2%) fizeram o doutorado em Psicologia, seja em instituições nacionais, seja no exterior (06/mestrado e 14/doutorado), com destaque para as universidades europeias. Nota-se, em relação às instituições de formação brasileiras, que os programas de pós-graduação da região Sudeste, em nível de mestrado e doutorado, foram os que mais formaram, seguidos dos da região Sul. E, são professoras de universidades públicas.

No mapeamento de atividades desempenhadas por essas profissionais verificamos que a maioria delas (45; 53%) ocupa ou ocupou atividade de direção, seja no âmbito da graduação e/ou da pós-graduação. Além disso, nos últimos dez anos, a maioria das bolsistas ministrou ou ministra aulas na graduação (69; 81,18%) e na pós-graduação (71; 83,53%), seja na Psicologia e/ou demais áreas do conhecimento e orientam estudantes em nível de iniciação científica, mestrado, doutorado e pós-doutorado.

Quanto à inserção na área, identificamos que a maioria participa de redes nacionais e/ou internacionais de pesquisa (69; 81,18%), bem como coordena ou coordenou GT vinculados à ANPEPP (61; 71,76%), coordenam/coordenaram e/ou participam/participaram de grupos de pesquisa e/ou núcleo de excelência vinculados ao Diretório de Bases do CNPq (63; 74,12%) e quanto à produção científica, verificamos que publicaram artigos científicos e/ou capítulos de livro (71; 83,53%), elaboraram produtos técnicos na área (60; 70,59%), foram parecerista *ad hoc* para revista e/ou artigos científicos (71; 83,53%).

Com esse conjunto de tarefas que lhes são atribuídas, a maioria das bolsistas PQ da Psicologia (60; 70,59%) afirmou a necessidade de trabalhar nas demandas acadêmicas e científicas tanto na universidade quanto em casa, deixando as fronteiras entre as dimensões casa/trabalho absolutamente borradas. Para elas, a autonomia para a realização das atividades e a flexibilidade na carga horária, bem como, o prazer envolvido na formação de recursos humanos para a pesquisa, estabelecem-se como aspectos positivos da profissão. De modo contrário, a obrigatoriedade do exercício administrativo e burocrático, assim como, a precarização do trabalho docente, resultante da atual configuração do trabalho de ensino e pesquisa, sobretudo, na pós-graduação, constituem-se como aspectos negativos.

Nessa investigação, tornou-se perceptível a existência de sentimentos que oscilam entre a satisfação pela ocupação da bolsa PQ, por ser um reconhecimento de seu mérito acadêmico, e pela “complementação salarial”, na medida em que é um recurso que viabiliza inúmeras atividades acadêmicas, e, por outro lado, o desânimo/cansaço ocasionado pela sobrecarga de atividades e funções. Sobre isso, a intensificação da precarização do trabalho do(a) docente-pesquisador(a)-bolsista PQ revela-se não só na expressiva demanda por produção científica qualificada, formação de recursos humanos e demais atividades de inserção na área, mas na drástica redução dos recursos para o financiamento de pesquisas, na falta de editais públicos de fomento à qualificação pós-graduada como os pós-doutoramentos no país e no exterior, bem

como na estagnação do valor da bolsa PQ nos últimos 15 anos. A pesquisadora precisa lidar com as inúmeras exigências de excelência científica, sem a contrapartida adequada em termos de recursos, condições de trabalho e suporte institucional.

O estudo de Brandão e Coelho (2020) permite uma avaliação aprofundada acerca dessa questão quando apontam a necessidade de situarmos tanto a universidade quanto a ciência e tecnologia como campos de disputas, principalmente, após a implementação de políticas neoliberais que corrompem os ideais de autonomia científica crítica e impõem lógicas mercadológicas no cotidiano de trabalho das(o) professoras(e)-pesquisadoras(e), provocando efeitos deletérios em seus processos de saúde física e psíquica. Para avaliar como essas questões aparecem no cotidiano das bolsistas PQ/CNPq da Psicologia, apresentaremos alguns indicadores de adoecimento físico e de sofrimento psíquico, bem como a rotina alimentar, de exercícios e lazer dessas profissionais (Tabela 15).

6.2. Indicadores de adoecimento físico e sofrimento psíquico, da rotina alimentar, de exercício físicos e de lazer das bolsistas PQ do CNPq da Psicologia das Bolsistas PQ da Psicologia

A maioria das pesquisadoras PQ da Psicologia afirma ter experienciado algum tipo de adoecimento físico e/ou psíquico em razão das exigências da excelência acadêmica. Na Tabela 16 esses dados são apresentados de modo detalhado, juntamente com informações acerca da busca de auxílio profissional, de atendimento médico, bem como sobre sua rotina em termos de atividades físicas, alimentação e lazer.

Tabela 16

Indicadores de adoecimento físico e sofrimento psíquico, da rotina alimentar, de exercício físicos e de lazer das bolsistas PQ do CNPq da Psicologia (n, frequência, % porcentagem)

	Sim	Não	NI	Total
Adoecimento Físico	39 (45,88%)	32 (37,65%)	14 (16,47%)	85 (100%)
Auxílio profissional	35 (89,74%)	4 (10,26%)	-	39 (45,88%)
	Sim	Não	NI	Total
Sufrimento Psíquico	46 (54,12%)	25 (29,41%)	14 (16,47%)	85 (100%)
Auxílio profissional	32 (69,57%)	14 (30,43%)	-	46 (100%)
	Sim	Não	NI	Total
Atendimento médico na universidade em caso de mal-estar físico	25 (29,41%)	46 (54,12%)	14 (16,47%)	85 (100%)
	Sim	Não	NI	Total
Rotina alimentar saudável	64 (75,29%)	7 (8,24%)	14 (16,47%)	85 (100%)
	Sim	Não	NI	Total
Prática de atividades físicas	62 (72,94%)	9 (10,59%)	14 (16,47%)	85 (100%)
	Sim	Não	NI	Total
Realização de atividades de lazer	62 (72,94%)	9 (10,59%)	14 (16,47%)	85 (100%)

NI = Não Informado

Os dados demonstrados na tabela 16 revelam que 39 (45,88%) bolsistas PQ da área apresentaram indicadores de sofrimento e/ou adoecimento físico em algum momento de suas trajetórias acadêmicas e científicas. Sobre esse aspecto, as pesquisadoras indicaram uma variedade de situações, desde insônia, dores de cabeça (enxaqueca), dores musculares e nas articulações, problemas respiratórios (crise alérgica e sinusite), dores na coluna, tendinite,

descontrole das taxas de colesterol, deficiência de vitamina D; até câncer, glaucoma, cálculo renal, gastrite, crise epiléptica, doença autoimune, lesão por esforço repetitivo (LER), gastrite, hipertensão e herpes zoster, apontando para uma variedade de doenças ocupacionais constatadas por estudos anteriores desenvolvidos em diferentes áreas do conhecimento (Neme & Limongi, 2020; Moura et al., 2019; Araújo, Pinho & Masson, 2019; Souza et al., 2017; Sanchez et al. 2017; Ribeiro, 2015).

Em razão dessas condições de adoecimento, as pesquisadoras PQ da Psicologia afirmaram identificar uma articulação entre as (atuais) condições do trabalho acadêmico-científico e o sofrimento e/ou adoecimento físico, o que as impulsionaram a buscar diferentes profissionais da saúde, dentre eles, neurologistas, gastroenterologistas, oncologistas, cardiologistas e ortopedistas. Surpreende que 25 das 39 mulheres buscaram atendimento médico na própria universidade, indicando para a possível gravidade de algumas situações. Na experiência das profissionais (nº 16 e nº 31), notamos como essas pesquisadoras associam determinados sofrimentos físicos a algumas tarefas que compõe o trabalho acadêmico e científico:

(Tive) Hipertensão e uma vez herpes zoster ao assumir o cargo de Diretora de Assuntos Estudantis” (Bolsista PQ/CNPq, formulário eletrônico nº 16).

Sinto dores nas costas, ombros, decorrentes da digitação e tempo no computador” (Bolsista PQ/CNPq, formulário eletrônico nº 31).

Embora a ocorrência de doenças ocupacionais na esfera física do corpo tenha sido inicialmente abordada pela maioria das respondentes sem relação direta ao sofrimento psíquico, identificamos uma diferença significativa ($X^2 = 19,02$, $gl=1$ $t < 0,001$) entre essas duas variáveis que aponta para uma íntima associação entre esses sofrimentos e/ou adoecimentos, visto que das 39 (45,88%) que afirmaram sofrer e/ou ter vivenciado sofrimento físico, 34 (87%) também indicaram a existência simultânea de sofrimento psíquico.

Essa constatação corrobora, a análise apresentada pelos estudos de Neme e Limongi (2020), Campos, Taís e Araújo (2020) e Araújo e Martins (2015), quando alertam que apesar dos adoecimentos físicos serem continuamente aludidos pela literatura acerca da relação trabalho docente-pesquisador(a) e saúde, o cenário atual exige uma atenção às manifestações e/ou sintomas psíquicos, hoje mais destacados por esse(a)s profissionais, tal como indicado por Brandão e Coelho (2020).

Em nosso estudo, ao serem questionadas especificamente sobre a vivência de sofrimento psíquico em razão das exigências do trabalho acadêmico-científico, 46 das 85 (54,12%) bolsistas afirmaram ter adoecido e 32 (89%) que buscaram auxílio de um ou mais profissionais para tratar de problemas relacionados à angústia, ansiedade, depressão, Burnout, distúrbio do sono e do humor, estresse e exaustão, dentre outros sintomas.

No que se refere ao tipo de profissional que buscaram, as 46 (54,12%) pesquisadoras destacam psicólogas(o), psiquiatras, psicanalistas, psicoterapeutas, neurologistas, acupunturistas e homeopatas. Algumas pesquisadoras (nº 23 e nº 08) indicam que a motivação pela busca dessas(e) profissionais decorreu das seguintes condições e experiências:

[Sofri] crises de ansiedade, visão turva, queda de cabelos, Burnout, palpitações e falta de ar, dores de cabeça e crises de enxaqueca” (Bolsista PQ/CNPq, formulário eletrônico nº 23).

[Tive] ansiedade em relação aos prazos, às defesas dos alunos, publicações. O pesquisador nunca descansa dessas obrigações (Bolsista PQ/CNPq, formulário eletrônico nº 08).

As queixas relacionadas ao sofrimento psíquico ou/e esgotamento profissional têm sido apontadas como causa importante de afastamentos das atividades laborais por parte das(o) docentes brasileiras(o) (Costa, 2016; Leite & Nogueira, 2017). No entanto, conforme Fiuza (2019), a análise da condição da saúde mental dessas(e) profissionais na atualidade ainda é um

fenômeno pouco discutido se comparado aos estudos que se concentram na situação das(o) estudantes, sujeitas(o) também impactadas(o) em sua saúde mental.

O estudo de Brandão e Coelho (2020), levanta a hipótese de que a invisibilidade dessa questão quando relacionada aos docentes resulta da subnotificação do sofrimento mental existente entre as(o) professoras(e) universitárias(o) brasileiras(o). Essas autoras identificaram que na realidade de professoras(e)-pesquisadoras(e) de uma determinada IES pública, tratar do sofrimento mental produz um desconforto entre esses profissionais, salvo quando em condições agravadas, quando o quadro de adoecimento da(o) professor já estabeleceu-se de forma grave, indicando que há um silenciamento prolongado até o estágio de afastamento das atividades laborais. A razão da invisibilidade dos episódios de sofrimento psíquico de professoras(e)-pesquisadoras(e), está relacionado à ideia de vulnerabilidade e incapacidade, indesejadas na realidade institucional.

Desse modo, o desligamento de um(a) professor(a)-pesquisador(a) da pós-graduação ou a saída de um(a) bolsista do sistema PQ/CNPq devido às inúmeras demandas de produtividade é fonte de sofrimento impacta diretamente na autoestima e confiança de muitos profissionais. Embora os impactos dessas condições sejam manifestados na esfera pessoal, como algo estritamente individual, sabemos que estão associadas à realidade atual da universidade pública brasileira (Brandão & Coelho, 2020) e às exigências direcionadas às mulheres de uma maneira geral.

A pesquisa de Oliveira, Pereira e Lima (2017) alertou que a realidade do trabalho acadêmico impacta a vida das(o) professoras(e)-pesquisadoras(e), na medida em que se veem cotidianamente confrontadas(o) com lógicas e regras de produção advindas da lógica do setor privado, o que acaba expondo essas(e) trabalhadoras(e) a cargas de trabalho exorbitantes, ao acirramento de conflitos e disputas dentro das instituições e menor tempo para lazer e convívio

familiar, o que pode torná-lo mais susceptível ao sofrimento, bem como, ao adoecimento, tanto físico quanto psíquico (Moura et al., 2019).

Submergidas em tais condições e envoltas em uma sensação de débito crônico, essas(e) profissionais acabam se sentindo constantemente pressionadas a produzir conhecimento em rápidas velocidades e a empreender uma rotina de trabalho ininterrupto e perpétua, conforme os modos de subjetivação forjados no neoliberalismo contemporâneo (Kastrup, 2010).

Sobre esse último aspecto, faz-se imprescindível destacar a problematização de Han (2017) sobre novos regimes de poder que vem se construindo desde o início do século XXI. Hoje, segundo o autor, vive-se na sociedade do desempenho. Nesse sentido, “seus habitantes não são denominados “sujeitos da obediência”, mas sujeitos de desempenho e da (auto)produção. São empresários de si mesmos” (p. 14), ou seja, na atualidade, os indivíduos deixaram de operar enquanto ‘sujeitos da obediência’ como foi identificado por Foucault na análise da sociedade disciplinar e passaram a atuar enquanto ‘sujeitos de poder’. Com a mudança de paradigma da sociedade disciplinar para a sociedade de desempenho, estabelece-se modos de existir marcados por um excesso da positividade, convocando os sujeitos a superar-se em relação as suas metas, estabelecidas por essa nova ordem mundial.

Com isso, são determinados modos de subjetivação e de sociabilidade que por um lado cultuam a realização de multitarefas e, por outro, provocam culpas e frustrações, já que diante das cobranças exorbitantes (auto)impostas, os indivíduos tendem a sofrer diante das limitações que necessariamente se apresentam. Embora, ocasionem sofrimento psíquico, esses indivíduos continuam a desejar superar-se, principalmente por se sentirem sujeitos autônomos, empreendedores e livres. A eficácia desse processo é mérito do neoliberalismo:

O neoliberalismo é um sistema muito eficiente, diria até inteligente na exploração da liberdade. Se explora tudo aquilo que pertence às práticas e às formas de expressão da liberdade, como a emoção, o jogo e a comunicação. Não é eficiente explorar alguém contra a sua própria vontade. Na exploração de outros, o produto final é insignificante. Só a exploração da liberdade produz o maior lucro (Han, 2018, p. 8).

Porém, o ritmo estressante e a busca implacável pelo empreendimento de si, próprio da lógica de controle neoliberal não se restringe ao ambiente de trabalho, uma vez que na sociedade do desempenho, a(o) proprietária(o) do corpo motivado e eficiente deve demonstrar sua disposição para buscar um corpo belo e saudável “pois essa capacidade é o sinal do seu sucesso e da sua adesão à ordem dominante; seu esgotamento é a prova do seu triunfo sobre as necessidades básicas dos simples mortais” (Vergès, 2020, p. 19). Essa análise fez-nos atentar que embora as bolsistas PQ da Psicologia apontem as consequências físicas e psicológicas determinadas pelo mecanismo exploratório do atual modo de trabalho acadêmico-científico, a maioria demonstra ainda manter-se dedicadas a uma rotina composta por hábitos alimentares considerados saudáveis e realização cotidiana de exercício físicos.

A análise dos dados relacionados a esses aspectos da vida dessas profissionais identificou que 62 das 71 pesquisadoras respondentes (87%) consideram ter uma rotina e alimentação saudáveis. O restante das profissionais (45%) divide-se entre a casa, a universidade e/ou restaurantes. Quando questionadas acerca da realização de atividades físicas, 62 (87%) afirmaram realizar com frequência, sozinha e/ou acompanhadas. Todavia, 58% (n = 41) delas considera que essas atividades não são suficientes e, unanimemente, afirmam que a dificuldade em realizar tais atividades está associada à dura rotina de trabalho (Tabela 16).

Além da preocupação com os hábitos alimentares e a realização de exercícios físicos, as participantes evidenciaram esforçar-se em reservar tempo para participar de momentos de lazer, principalmente na companhia dos familiares. Em relação ao lazer, a maioria (n = 62; 87%) realiza/participa de atividades como festas, praia, viagens, visitas e passeios culturais, em companhia dos filhos (as) e/ou companheiros, outros familiares e/ou com amigas do trabalho. Somente, 31% (n = 22) realiza sozinha. Essas atividades de lazer ocorrem semanalmente (55%; n = 39). Apesar disso, para 54% (n = 38) das mulheres tais atividades ainda não são suficientes

e 48% (n = 34) consideram que o ritmo e as exigências do trabalho as impedem de realizá-las (Tabela 16).

Diante disso, faz-se imprescindível questionar de que forma o modo neoliberal marca e produz sofrimento psíquico das mulheres, em geral mais expostas à desvalorização e exploração do que os homens? Oportuniza-se destacar que na relação entre os corpos eficientes da realidade neoliberal, as violentas sequelas que interseccionam raça, gênero, classe, sexualidade necessitam ser problematizadas, afinal, o corpo eficiente dessa ordem econômica e social, segundo Vergès (2020), tem como medida o corpo branco e masculino, o que impõe condições ainda mais deletérias para as mulheres, uma vez que essa economia do esgotamento dos corpos está historicamente ancorada na violência contra elas, principalmente, as deferidas contra as mulheres negras e demais não-brancas.

6.3. Violências de gênero e saúde mental

A partir dos dados apresentados, observa-se que as bolsistas PQ/CNPq da área Psicologia consideram-se saudáveis em termos dos hábitos alimentares, mas realizam atividades físicas e de lazer aquém do desejado. A maioria apresentou problemas físicos e/ou psíquicos em razão das exigências do trabalho, tal como vem sendo identificado pela literatura, a qual destaca as imposições neoliberais que incidem na configuração do trabalho da(o) pesquisador(a), alterando-o de modo precário (Moura et al., 2019; Oliveira, Pereira & Lima, 2017).

A bolsista PQ vê-se imersa em jornadas de trabalho extenuantes, passíveis de privação do convívio familiar e de horas de lazer. Porém, há desequilíbrios de gênero persistentes que impõe às mulheres pesquisadoras desafios ainda maiores. A ciência se institucionalizou em uma estrutura que privilegia o modelo “masculino” de carreira, o qual envolve compromissos de

tempo integral e a valorização de certas atividades que, em certa medida, dificultam, restringem e direcionam a participação das mulheres na ciência (Velho, 2006; Tabak, 2002).

No campo de estudos sobre Gênero e Ciência, a contribuição trazida pela crítica feminista ao conhecimento científico tem demarcado os principais desafios a serem enfrentados pelas mulheres, a saber: a) desvelar as razões que justificam o menor quantitativo de mulheres na ciência, de modo geral; b) destacar as contribuições das mulheres cientistas e das epistemologias feministas, a fim de denunciar o androcentrismo na forma de produzir conhecimento (Lima, 2013) e; c) desmontar a lógica sexista que permanece na organização social do trabalho científico (Harding, 1996). Esses três aspectos estão presentes nas diversas áreas do conhecimento, no seio dos distintos ramos de saberes e no cotidiano das universidades e das instituições de pesquisa. Sobre esse último aspecto, a pesquisa realizada por Rosa et al. (2020) demonstra que as mulheres são mais assediadas - moral e sexualmente - no ambiente universitário, incluindo as discentes, técnico-administrativas e as professoras.

O assédio moral e/ou sexual no cotidiano das universidades e das instituições de pesquisa é disparador de muito sofrimento e agrava as condições de adoecimento físico e psíquico das mulheres. A respeito dessas questões, algumas das bolsistas PQ entrevistadas destacaram que necessitaram buscar acompanhamento profissional em diferentes etapas da carreira acadêmica-científica.

(Busquei) psicoterapia, durante um período sofri assédio (moral) da chefia, durante minha segunda gravidez e na volta ao trabalho. Fiquei muito mal” (Bolsista PQ/CNPq, formulário eletrônico nº 12).

Eu tive um choque muito grande porque eu comecei no departamento de [suprimido] e levo a Psicologia lá para dentro [...] Quando eu vou viver a primeira renovação do contrato começo a ser assediada pelo meu chefe que além do meu chefe era meu orientador [...] Ele chegou para mim, me fechou na sala e disse assim: “ou você dá ou você desce” e eu disse: “eu não dou, nem desço e nós vamos pro pau”. Ali eu comprei uma briga que marca a minha trajetória porque eu sou desde então a briguenta [...] foram vinte anos de assédio moral, deixou de ser assédio sexual para ser assédio moral,

que culmina no meu exame de titular ano passado, depois de uma reprovação eu fico em segundo lugar [...] (Bolsista PQ, entrevista nº 23).

Embora a discussão em torno da ocorrência de violências moral e/ou sexual dentro do universo laboral não seja recente, observa-se que o silêncio acerca de condutas abusivas e humilhantes nos relacionamentos interpessoais que vitimam, principalmente mulheres dentro das universidades e demais instituições acadêmicas-científicas, tem sido historicamente presente. Para as bolsistas PQ (nº 07, 14 e 02), essas e outras violências no cotidiano da vida acadêmica-científica revelam o quão é desigual esse cenário para elas:

Eu me sinto muito injustiçada, sabe? [...] isso me provoca tensão, me provoca irritação e cansaço, né? É muito cansaço. Então o cansaço também contribui para essa indignação ficar mais forte, a irritação fica mais forte, é o perder a linha em alguns momentos [...] (Bolsista PQ, entrevista nº 14).

Se eu tivesse como principal objetivo de vida ser bolsista pesquisadora eu me sentiria bastante excluída, bastante oprimida. Porque o ambiente acadêmico é muito doentio, se tu não cuidar e começar a se comparar com a régua da normalidade, se tu começar a te medir pelos seus colegas você adocece, experiência própria [...] Todas as vezes que de alguma forma eu me comparei com alguém foi adoecedor. Então, hoje eu adotei o seguinte mecanismo: vou seguir o meu caminho, fazer o que eu acho certo, produzir conhecimento de acordo com as minhas identificações e se é pra eu ser um dia bolsista PQ1, vou ser, mas assim eu vou seguir o meu coração [...] (Bolsista PQ, entrevista nº 02).

Os relatos das participantes remontam a diversos obstáculos e às violências impostas às mulheres historicamente perpetradas no cotidiano da vida acadêmica-científica. Porém, só recentemente a violência contra os corpos femininos e feminizados passou a ser questionada em algumas instituições universitárias do país (Rosa et al., 2020; D'oliveira, 2019; Bellini, 2018; Maito, 2017). O estudo de D'oliveira (2019), aborda que a violência de gênero na universidade tem particularidades, com grande presença de piadas misóginas ou machistas, assédio moral, ameaças, humilhações e violência sexual e que ocorrem em salas de aula, laboratórios, reuniões de grupos de pesquisa e de agências de pesquisa, dentre outros cenários

institucionais. Essas desigualdades estão expressas também entre as bolsistas PQ da Psicologia (nº 16, 20 e 03):

Às vezes, diante de alguns discursos de falas de colegas, de "brincadeiras" dá uma revolta, né? Porque não é só o discurso do machismo ele não é só produzido pelos homens, ele também é produzido pelas mulheres, então é triste você ver uma colega também reproduzindo um discurso machista numa reunião de pós-graduação, né? E se souber que tem filho pequeno? [...] uma vez quando organizei um concurso [...] a pessoa que passou estava grávida e uma professora da instituição falou assim para mim: como assim vocês aprovam uma grávida? Fiquei chocada [...] não tive nem reação (Bolsista PQ, entrevista nº 16).

Eu acho que quando os homens chegam, eles já chegam chegando por ser homem né? [...] As mulheres são muito mais encabuladas para apresentar o trabalho, os homens são muito mais soltos, mais seguros, às vezes uma porcária, às vezes são bons também, sempre com uma segurança que poucas mulheres têm [...] você termina tendo que trabalhar três vezes mais para ter o mesmo reconhecimento. E coisas do tipo coisas do cotidiano: "ah que mulher braba'", sabe? [...] quando você é mais incisiva, você é doida, histérica, é "braba" [...] Numa roda de colegas, você fala e ninguém ouve e de repente o homem vai, usa a tua ideia, fala a mesma coisa e ele é super aplaudido. Você fica: "Pô, quem falou fui eu" [...] (Bolsista PQ, entrevista nº 20).

[...] Às vezes participo de bancas só com homens e uma vez ou outra, eu tenho que me impor. Agora recentemente, eu vivi um episódio meio esquisito. A (nome suprimido) me convidou para avaliar um edital de pesquisador. Eu fui a presidente da sessão. E eu era, além de ser mulher, era mais nova da turma e tinha dois professores mais velhos. Todos eram das áreas humanas. A gente se sentou e começou a eleger os critérios antes de avaliar. E eles, tudo que eu falava, eles me espetavam. Tudo que eu falava [...] eles começaram a me confrontar, e eu gastei um tempo a entender que era um episódio machista (Bolsista PQ, entrevista nº 03).

Além desse cenário nas universidades e demais instituições de pesquisa, as mulheres pesquisadoras enfrentam sérios desafios na tentativa de conciliar o trabalho acadêmico-científico com a esfera familiar. Equilibrar a carreira acadêmica com o trabalho doméstico, no âmbito da família, sobretudo, se forem mães, é ainda mais desafiador para as mulheres, como é amplamente conhecido. Staniscuaski et al. (2020) alertam que no contexto de pandemia da Covid-19, esse equilíbrio está insustentável. O deslocamento da vida acadêmica para o espaço doméstico tem interferido drasticamente nessa equação. Conciliar trabalho remoto, cuidado da

casa e acompanhamento dos filhos, em regime de isolamento, tudo isso tem reverberado negativamente em muitos aspectos, especificamente, na produção científica (Macedo, 2020).

Pesquisa realizada por Staniscuaski et al. (2020) investigou como os fatores gênero e raça têm interferido na produção de cientistas brasileiros durante a pandemia da Covid-19 e concluiu que a produção masculina tem sido pouco afetada, diferentemente das mulheres negras, com ou sem filhos e das brancas com filhos em idade escolar, que são duramente impactadas, nessa ordem.

As pesquisadoras(o) que assumem a função de cuidadoras(e) de familiares idosos têm enfrentado responsabilidades adicionais. Embora mulheres e homens possam compartilhar funções de cuidado e tenham sido impactadas(os) pelas mudanças impostas pelo cenário atual de pandemia, historicamente, as mulheres vivem uma sobrecarga de trabalho. De acordo com as estatísticas sociais divulgadas esse ano pela agência de notícias do IBGE, as mulheres dedicam, em média, 10,4 horas a mais do que os homens, ao cuidado, aos afazeres domésticos e/ou ao cuidado de pessoas (IBGE, 2020). Para as pesquisadoras, a condição de adoecimento, resultante da jornada de trabalho no âmbito acadêmico-científico, se intensifica quando associada à carga horária exercida na esfera doméstica e familiar, sobretudo, no que diz respeito ao cuidado dos filhos em fase de desenvolvimento infantil:

(Tive) crises epiléticas causadas em parte pelo estresse decorrente do excesso de atividades acadêmicas e atividades domésticas, em especial cuidar de filhos pequenos” (Bolsista PQ/CNPq, formulário eletrônico nº 4).

Eu tive lesão por esforço repetitivo durante o doutorado [...] eu passava muitas horas digitando e analisando dados e amamentando a minha filha. Adoeci devido ao excesso de esforço físico e sobrecarga de trabalho” (Bolsista PQ/CNPq, formulário eletrônico nº 6).

O impacto das exigências de excelência científica na situação de saúde das mulheres pesquisadoras, portanto, é enorme. Borsoi e Pereira (2011) há tempos indicam que as

professoras tendem a apresentar mais queixas de sofrimento e adoecimento que os docentes do sexo masculino. Em estudo de 2013, os autores apontam a formação de mestres e doutores como uma das atividades que têm mais desencadeado Síndrome de Burnout entre docentes-pesquisadores. Mas, destacam que as mulheres são as que mais sofrem e adoecem nas atividades acadêmicas de orientação e supervisão. As atividades realizadas em contato direto com alunos, em particular, aquelas que implicam atendimento individualizado, têm relação mais acentuada com as queixas de mal-estar das pesquisadoras (Borsoi & Pereira, 2013), o que pode indicar a influência dos valores e estereótipos de gênero impostos às mulheres sobre a formação de seus sintomas e/ou sofrimentos (Zanello, 2014).

De acordo com Zanello (2018), ao contrário dos homens, as mulheres são subjetivamente constituídas com uma ampla disposição para pensar no bem-estar dos outros, mesmo que tenham para renunciar a si mesmas. Como sabemos, desde a infância há um controle social sobre os corpos femininos com vistas a assegurar um ideal naturalizado da feminilidade subserviente (Del Priore, 2000) que reproduziu culturalmente performances que criam para elas caminhos particulares de subjetivação e reverberam nas múltiplas dimensões de suas vidas, bem como na saúde mental (Zanello, 2014, 2018).

Dessa forma, a precarização cada vez mais acentuada das condições em que se realiza o trabalho acadêmico, a sobrecarga do trabalho doméstico, o grande volume de atividades extraclasses, os rumos das políticas educacionais e de pós-graduação no país, o sexismo institucional, o “ethos” masculinista da ciência” (Bandeira, 2008, p. 211), são alguns dos inúmeros fatores que vêm ampliando os coeficientes de vulnerabilização e adoecimento físico e psíquico das mulheres pesquisadoras na Psicologia. Se considerarmos que 71 pesquisadoras correspondem a 34% do total de mulheres bolsistas na área, nota-se a emergência de um contexto propício ao adoecimento, típico da “sociedade do cansaço” (Han, 2017). Segundo o autor, a vida humana na contemporaneidade está marcada pela hiperatividade e pelo

esgotamento excessivo com características alienantes e individualizantes, que implicam em modos específicos de subjetivação e que afetam as mulheres de maneira muito particular, na medida em que essas se veem como autônomas e capazes de superar todos os obstáculos que lhes são impostos (Rago, 2019; Oksala, 2013).

Eu [...] acho que deveria ter mais oportunidade, mais atenção às particularidades do feminino, mas ao mesmo tempo isso me instiga muito a mostrar que a gente pode, né? E assim, mostrar que essa diferença existe, mas mostrar também que a gente pode fazer pesquisa com a mesma qualidade, ou mais qualidade do que homens. Não é o gênero que vai definir a qualidade do pesquisador, né? E que exatamente porque a gente dá conta de muito mais coisa do que os homens, eu acho que a gente acaba fazendo um trabalho de muito mais qualidade (Bolsista PQ, entrevista nº 07).

É preciso, pois, operar um deslocamento no entendimento dos processos de adoecimento e sofrimento das mulheres, na medida em que a ênfase na excelência e eficiência acadêmica presente no sistema PQ/CNPq, pode ser entendida como parte das tecnologias contemporâneas de dominação e de empresariamento de si, onde as mulheres são auto responsabilizadas pelo seu fracasso ou sucesso, tecnologias que estão associadas diretamente ao colapso experimentado em várias dimensões de suas vidas. Como disse Pinheiro (2020, p. 112), “tais discussões apontam para uma figura subjetiva muito contemporânea, que é o professor endividado, que busca consumir qualidade de vida para se manter produtivo e competindo com os outros e, principalmente, consigo mesmo”. A autora nos convoca a pensar as condições psicossociais e a estreita relação entre “essa maquinaria de adoecimento e endividamento docente” (p. 128), as desigualdades de gênero, o processo saúde-doença e a medicalização do corpo feminino.

Nesse sentido, destacamos a complexa sinergia entre gênero, classe social e raça/etnia na produção das desigualdades sociais e, consequentemente, nos modos de adoecer das mulheres. Como foi destacado, na Psicologia, há um predomínio de bolsistas PQ brancas, sendo necessário estudos futuros que analisem a relação da exigência de excelência acadêmica-

científica e as condições de saúde a partir de outros perfis étnico-raciais, uma vez que muitas mulheres negras, apesar de se inserem no ensino superior, não têm alcançado os altos níveis de formação, como mestrado e doutorado e/ou conseguido integrar o grupo de bolsistas PQ do CNPq (Malpighi et al., 2020). E aquelas que já fazem parte do sistema PQ, podem viver uma potencialização das inúmeras vulnerabilidades existentes.

De modo geral, nossos achados demonstraram que essas mulheres identificam processos de adoecimento em razão das exigências do trabalho acadêmico e de pesquisa. Consideram que sustentar-se em uma carreira científica em nível de excelência em um contexto machista e patriarcal reverbera em muitos âmbitos da vida, especialmente, na saúde. Ressaltamos que as exigências acadêmicas se articulam às desigualdades de gênero, criando um ambiente propício à expansão dos gradientes de vulnerabilidade e intensificação do sofrimento psíquico, bem como de adesão das mulheres à racionalidade individualizante hegemônica que desconecta a produção de adoecimento do gerenciamento da vida e das imposições de gênero.

Ademais, destacamos que a sub-representação de mulheres negras e a inexistência de mulheres indígenas entre as bolsistas PQ da Psicologia participantes, inviabilizou uma análise quanto aos efeitos da excelência científica na saúde de mulheres pesquisadoras não-brancas. Apesar disso, reforçamos a necessidade dessa avaliação em novos estudos, já que na articulação entre as atuais exigências acadêmicas e a racionalidade neoliberal, mulheres negras (e demais não-brancas) são as mais exploradas e, em consequência disso, são produzidas a partir de mecanismos psíquicos ainda mais autodestrutivos.

No estudo V, buscamos analisar o agravamento das desigualdades de gênero na ciência, tomando em consideração o contexto atual do país, a partir da rotina das mulheres bolsistas PQ da Psicologia.

Tabela 17

Síntese do Estudo ‘O impacto da excelência científica na saúde de pesquisadoras PQ/CNPq da Psicologia’

Objetivo	Material e Métodos	Resultados	Considerações
Investigar os impactos das exigências de excelência científica na dinâmica doméstica e familiar, bem como na saúde das mulheres bolsistas PQ/CNPq da Psicologia	Etapa II: ▪ Formulário eletrônico ▪ 85 bolsistas PQ da Psicologia, das 204 cadastradas no sistema PQ (julho de 2019)	<u>Principais indicadores:</u> ▪ Adoecimento físico e sofrimento psíquico ▪ Rotina alimentar e prática de exercício físico	▪ Vida contemporânea marcada pelo esgotamento ▪ Ampla disposição para pensar no bem-estar dos outros ▪ Excelência acadêmica pode ser entendida como parte das tecnologias contemporâneas de dominação e de empresariamento de si
	Etapa III: ▪ Entrevista semiestruturada (online) ▪ 24 bolsistas PQ da Psicologia, das 85 bolsistas (etapa I)	<u>Violência de gênero e saúde mental:</u> ▪ Assédio moral e/ou sexual; ▪ Conciliação da ciência e casa; ▪ Pandemia: equilíbrio insustentável	

7. Estudo V – Desigualdades de gênero no trabalho científico: permanências e dismantelamentos em processo

Em março de 2020 uma nova realidade sanitária e social foi instalada em nível mundial com a pandemia da Covid-19. Esse cenário pandêmico implicou na adoção de medidas que tinham como foco a redução da propagação do vírus e a prevenção do colapso do sistema de saúde. As atividades acadêmicas e de pesquisa desenvolvidas nas Instituições de Ensino Superior no país foram diretamente afetadas com a suspensão das aulas presenciais e adoção do trabalho remoto, realidade que perdura até o início de 2022, pelo menos nas instituições públicas.

Diante dessa realidade desafiadora e com base nos resultados previamente discutidos nos capítulos anteriores, nos propomos a investigar possíveis efeitos da pandemia no recrudescimento das desigualdades de gênero e hierarquias de classe/raça na ciência brasileira a partir da realidade de bolsistas PQ/CNPq da Psicologia. Para tanto, é imprescindível relembrar de que mulher e de que contexto de trabalho estamos falando.

Conforme apresentamos nos estudos I, II, III e IV, o perfil das mulheres bolsistas PQ/CNPq é muito particular. A maioria é de classe média e apenas uma pequena parcela provém de famílias das camadas superiores ou da alta classe média. Entre as 85 bolsistas PQ respondentes - das 204 pesquisadoras ativas no sistema PQ/CNPq - há mais mulheres brancas (82,35%) do que pretas (4,71%), pardas (10,59%), amarelas (1,18%), não havendo registro de mulheres indígenas. Além disso, pertencem ao estrato médio da população, tendo em vista que a maioria (n = 79) recebe acima dos 9 salários-mínimos (sm), com média em torno de 12 a 15

sm (n = 25; 29,4%), obtido mediante salário (ou aposentadoria), juntamente com a bolsa de produtividade em pesquisa e, em alguns casos, somado ao recebimento de honorários pela prestação de serviços profissionais ou recebimento de aluguel de imóveis (Cunha, Dimenstein & Dantas, 2021a).

Da análise realizada, notamos que as cientistas da Psicologia fazem parte de uma geração que se beneficiou da entrada vertiginosa de mulheres nos cursos de pós-graduação, especialmente entre 1996 e 2015 (CGEE, 2020), assim como da ampliação dos concursos em IES públicas e das cotas de bolsas PQ/CNPq até 2016, quando teve início um processo intenso de cortes de verbas na ciência nacional. Enquanto docentes de IES públicas e bolsistas PQ/CNPq se consideram bem-sucedidas profissionalmente. Os benefícios do emprego público no magistério superior como a estabilidade e o salário - embora defasado e desproporcional às exigências da carreira - garantem acesso à moradia e a outros benefícios sociais básicos. Tal como constatado por Maia (2021) em seu estudo sobre mulheres brancas da classe média de Salvador/BA, essas cientistas valorizam a independência feminina e defendem a construção da carreira profissional baseada no esforço e mérito pessoal no âmbito público. Estão distantes dos ideais de donas de casa voltados exclusivamente para o trabalho reprodutivo e de cuidado. Ao contrário, desejam ter ‘poder’ tanto dentro, quanto fora de casa.

Nesse sentido, estamos falando de mulheres cujas subjetividades e afetos foram sendo modulados a partir do ideário neoliberal da mulher empreendedora de si. Com base em Foucault (2010), entendemos que a governamentalidade neoliberal se organiza em um conjunto de táticas e estratégias de captura de todos nós, forjando processos de subjetivação, o modo como nos tornamos sujeitos, como nos autorregulamos, nos relacionamos consigo próprio e nos tornamos personagens do tempo presente. Não à toa nos encontramos em um contexto discursivo fincado no modelo de feminilidade “empoderada” e bem-sucedida.

No entanto, conforme discutimos anteriormente, essa independência se estabelece, em muitos casos, em função da existência de outras mulheres, majoritariamente negras e pobres, que realizam o serviço doméstico e de cuidado. Foi o que detectamos nas famílias de várias pesquisadoras PQ da Psicologia onde é comum a presença de empregadas domésticas e/ou diaristas e babás, boa parte das vezes denominada como “a moça que me ajuda”. Como argumentamos no estudo III, sem a estrutura do trabalho de empregadas domésticas e/ou outras profissionais do cuidado, seria pouco provável que as pesquisadoras da Psicologia tivessem tempo para investir na carreira científica, sobretudo, na atual configuração produtivista de organização do trabalho acadêmico. Contudo, isso passa despercebido ou é ignorado por muitas das cientistas da área que se subjetivam nessa ordem onde o racismo, as desigualdades de gênero e de classe social ficam silenciadas.

Como efeito dessa racionalidade neoliberal-empREENDEDORA, várias profissionais acreditam que o sucesso alcançado na carreira científica decorre de conquistas pessoais e não é resultante de um sistema "em que a disputa se dá a partir de lugares desigualmente pré-determinados na estrutura social, facilitando o sucesso de algumas mulheres e não de outras" (Maia, 2021, p. 65). Para justificar seus esforços e a posição alcançada na ciência, algumas rememoram os desafios superados nesse campo de trabalho. Porém, quando relembrem determinadas situações, ficam capturadas em redes discursivas, em uma espécie de silêncio que as impede de contestar que enquanto mulheres brancas, independente das condições sociais de vida, elas têm privilégios e vantagens em diversos setores sociais (Schucman, 2012).

[...] estava tendo um movimento de mulheres negras e eu fui apoiar [...] E uma mulher (negra) foi muito direta comigo e disse: você não fala nada porque você é branca [...] você não pode falar de desigualdade, porque você fala de um lugar que você desconhece, você tá só repetindo um discurso [...] ela disse: eu aceito que você fale em desigualdade quando você abrir mão da sua vaga, para uma negra que não está aqui na universidade [...] eu pensei: ‘não estou disposta’ [...] acho que eu cheguei aqui com muita dificuldade e eu não venho de elite e sim, eu estudei em escola particular porque tive bolsa [...] (Bolsista PQ, entrevista nº 17).

Segundo Souza (2017), as classes alta e média são constituídas de pessoas predominantemente brancas que acessam uma educação de qualidade e, em função disso, conseguem construir trajetórias profissionais competitivas no mercado de trabalho formal. Por outro lado, sem gozar das mesmas condições educacionais e de renda da classe média, os mais pobres e desprivilegiados, majoritariamente negros(as), na disputa por emprego, enfrentam muito mais desvantagens. Para esses últimos, sobram os trabalhos mais desvalorizados e mal remunerados. São essas circunstâncias que permitem à classe média (alta e massa) “não só roubar o tempo da classe dos(a) trabalhadoras(o) (mais pobres) – ocupando funções repetitivas e desgastantes de serviço doméstico e do serviço pesado [...] como usá-los depois em tarefas melhor pagas em benefício próprio” (p. 64) – como no caso do investimento na carreira acadêmica-científica.

[...] não se trata de uma apropriação ainda que legalizada do tempo de outra classe comprando a baixo custo, a fim de dedicar ao estudo e atividades profissionais mais bem remuneradas e valorizadas, o tempo que seria gasto com cuidado com filhos, no preparo da comida, na limpeza da casa. Os privilégios de uma classe condenam uma outra classe a uma precariedade eterna, já que não lhe sobra tempo para nada (Souza, 2017, p. 65).

A partir da chegada da pandemia da Covid-19 em 2020, a vida dessas pesquisadoras sofre alterações importantes. Entretanto, notamos diferenças marcantes entre as mulheres quanto ao grau de interferência dessa nova realidade no seu cotidiano de trabalho. Entre as pesquisadoras PQ pertencentes à alta classe média, o desempenho na produção de artigos, capítulos de livros e de outras atividades acadêmicas, indispensáveis para se obter sucesso e reconhecimento na carreira científica, aconteceu sem grandes intercorrências. Na opinião da bolsista a seguir, independentemente do contexto atual (pandêmico e de crise social, política e institucional), seu trabalho científico ‘*não pode parar*’ e, por esse motivo, suas(seus) empregadas(o) domésticas(o) (mesmo que vulneráveis ao risco de contaminação pela Covid-19), devem continuar ‘*trabalhando normalmente*’. Do contrário, ela argumenta que se

submeteria ao ‘ardor ideológico de determinados pesquisadores do país’ que operam continuamente ‘pelo desejo de fazer assistência social’ e não de desenvolver ‘uma ciência pelo mérito’:

[...] não presto como dona de casa, eu sou a dona da casa, né? Eu tenho funcionários. Eu organizei a rotina deles para protegê-los do transporte público, pago Uber, motorista vai buscar e todos estão trabalhando normalmente com todos os cuidados, máscara, luva, álcool em gel, higiene, né? Ninguém pegou a doença, todo mundo mora em comunidade, são quase três meses e aqui não aconteceu nada e todos continuam me ajudando e entendendo que eu tenho que trabalhar, que eu preciso que eles me ajudem a trabalhar e eu começo a trabalhar às sete e meia da manhã e só vou parar as sete da noite, todos os dias [...] (Bolsista PQ, entrevista nº 01).

Já entre as bolsistas PQ da massa da classe média, esse período de pandemia e de crise institucional no país são credores de uma realidade ‘desastrosa’ (Bolsista PQ, entrevista nº 19). No caso delas, a ausência do suporte de empregadas, diaristas e/ou cuidadoras e a condição de confinamento, tudo isso interferiu diretamente o seu desempenho no trabalho acadêmico-científico, já que foi necessário assumir o trabalho doméstico, seja executando diretamente todo o serviço de casa, seja supervisionando as tarefas realizadas por cada familiar na habitação.

Na percepção dessas bolsistas PQ, essa rotina de trabalho doméstico e de cuidado, a atual situação da ciência brasileira, marcada pelo sufocamento de verbas e violência contra pesquisadoras(es) e o medo de contrair a Covid (estávamos no ápice da primeira onda de infecção no Brasil, em julho de 2020), provocaram intenso sofrimento psíquico. Nessas condições, elas se sentiram esgotadas e desestimuladas para desempenhar as demandas do trabalho acadêmico-científico com alta performance. O desejo era, tão logo fosse possível, que suas condições de vida, tal como antes desse período, fossem retomadas: [...] *eu quero minha vida de volta* [choro] [...] (Bolsista PQ, entrevista nº 23).

Observa-se então que a Psicologia se evidencia como uma área científica constituída de pesquisadoras brancas e de classe média, cujos pertencimentos sociais diferentes derivam para experiências cotidianas desiguais, apesar de se tratar de um conjunto de mulheres, brancas e

empreendedoras. Destacam-se dois aspectos: há uma certa naturalização das desigualdades de raça e classe entre elas e as mulheres pretas/pardas/pobres e periféricas que viabilizam seu trabalho acadêmico. Outra evidência é que a pandemia reforçou as desigualdades de gênero e as imposições de papéis sociais tradicionais no âmbito doméstico e do trabalho, produzindo conflitos e sofrimento entre as bolsistas PQ por não conseguirem atender às demandas produtivistas e expectativas do mundo acadêmico. Há, então, um silenciamento das desigualdades entre homens e mulheres na ciência que empurra essas mulheres a uma incessante e desgastante busca de superação. É sobre esse aspecto que vamos tratar a seguir.

7.1. A pandemia e o recrudescimento das desigualdades de gênero entre pesquisadoras PQ/CNPq

De acordo com a Organização das Nações Unidas - ONU Mulheres (2020), a pandemia impactou de maneira mais severa as mulheres. Apesar de ser uma questão mundial que atinge todas as pessoas, os efeitos da abrupta modificação do cotidiano em decorrência das medidas de enfrentamento à Covid-19 incidiram fortemente nas mulheres de todas as regiões do mundo, expondo-as em maior proporção à contaminação pelo vírus, ao desemprego, à violência e ao trabalho esgotante no espaço doméstico-familiar. No entanto, alguns estudos nacionais têm apontado que as mulheres brasileiras, especialmente negras e pobres, experimentaram esse momento pandêmico acrescidas de atenuantes particulares (Melo & Morandi, 2021).

No Brasil, a pandemia da Covid-19 foi deflagrada em um cenário de intensificação dos efeitos da crise estrutural do capitalismo e de instabilidade política que são profundamente deletérias para negros(a), indígenas e pobres (Faustino, 2020). O atual desmonte das políticas públicas e de precarização dos serviços públicos de saúde, educação, ciência, bem como das relações de trabalho (Oliveira & Pochmann, 2020) empurraram um grande contingente de

mulheres (em especial não-brancas e demais grupos minoritários) para um ritmo produtivo intenso, informal e intermitente (Furno et al., 2021). Entretanto, muitas mulheres ficaram desempregadas durante a pandemia: 747 mil postos de trabalho no setor de cuidado, onde são majoritárias, foram extintos em 2020 (IBGE, 2020). Desempregadas ou não, inúmeras mulheres assumiram uma carga de trabalho ainda maior no ambiente doméstico-familiar, em razão da impossibilidade de utilizar as redes de apoio, como instituições escolares ou outros membros da família e/ou vizinhas(os), para a terceirização do trabalho de cuidado. Assim, passaram a dedicar mais tempo na preparação da alimentação, na limpeza e no cuidado com as crianças e adolescentes (incluindo o auxílio em aprendizado à distância), de pessoas doentes e idosas (Melo & Morandi, 2021).

Essa reviravolta no âmbito doméstico-familiar foi profundamente sentida pelas mulheres pesquisadoras do país (Macêdo, 2020). Ficar como a principal responsável pelas funções reprodutivas e do cuidado tem impactado o desempenho do trabalho científico de muitas pesquisadoras. Segundo Staniscuaski (2020), elas têm tido mais dificuldade de trabalhar no regime de *home office*, por exemplo. No nível da pós-graduação, dentre mestrandas(os) e doutorandas(os), somente 27% das mulheres e 36,4% dos homens conseguem manter as atividades acadêmicas-científicas em dia no formato remoto. No caso das(os) pós-doutorandas(os), esse número cai um pouco: 13,9% das mulheres e 27,9% dos homens. Já entre as(os) docentes-pesquisadoras(es), esse índice é ainda mais preocupante, sendo de 8% das mulheres e de 18,3% dos homens que conseguem trabalhar remotamente.

Por conta disso, as pesquisadoras produziram e submeteram um menor número de artigos em periódicos científicos em relação aos homens. Isso é problemático porque, no que se refere as(o) pesquisadoras(es) PQ/CNPq - líderes na condução das atividades de C & T no país - todas(os) são avaliadas(os), principalmente, pela produção científica qualificada. Assim, na medida que as cientistas não conseguem manter o ritmo anterior de submissão e publicação,

poderão ter mais dificuldades para acessar recursos financeiros para pesquisa científica e renovar a bolsa PQ. De acordo com diversos estudos, esse cenário incide diretamente em suas carreiras e em suas aspirações por promoção, remuneração e reconhecimento, ampliando as desvantagens já enfrentadas pelas cientistas na carreira científica brasileira (Oliveira et al., 2021; Staniscuaski, 2020; Valentova et al., 2017).

No caso das mulheres bolsistas PQ da Psicologia, essa realidade pode ser ainda mais desafiadora. Como apresentamos no estudo II - tal como nas demais áreas do conhecimento – na Psicologia, as mulheres estão proporcionalmente em desvantagem nos níveis mais privilegiados do sistema PQ (bolsas PQ1-A e PQ-1B) e que essa desvantagem é ainda maior para as bolsistas negras e indígenas. As autoras apontam que esse desequilíbrio de gênero (e sua intersecção de raça e região) está relacionado a uma estrutura sexista e racista que tem tomado contornos mais complexos na atual configuração do trabalho acadêmico e no cenário de disputa e concorrência interna da C&T do país. Os agravos dessas condições têm gerado impactos diretos na vida doméstica-familiar, os quais se agudizaram na pandemia, provocando danos à saúde física e psíquica das profissionais.

Além disso, elas precisam lidar com as consequências da crescente desvalorização e dos ataques diretos aos cientistas e instituições de pesquisa pelos atuais órgãos governamentais do país. Na percepção das pesquisadoras PQ/CNPq da Psicologia, o cenário de cortes de bolsas de pesquisa e de ameaça de apagão da ciência brasileira é uma catástrofe. O CNPq, o Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT), ligados ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), ligada ao Ministério da Educação, principais instituições de incentivo e regulação da ciência nacional, têm funcionado, cada vez mais, com menos recursos (SBPC, 2021). Situação resultante de uma sangria progressiva iniciada em 2016 e que tomou proporções desmedidas nos últimos anos (Negri & Koeller, 2019).

Segundo as pesquisadoras, as ações adotadas pelo atual governo federal, assim como, a ausência de programas destinados a combater as desigualdades de gênero na ciência no Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI) e no Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MDH), como o Programa Mulher e Ciência (atualmente sem ações), dão indícios de *“aumento da desigualdade em relação à distribuição de recursos [...] das incertezas em relação às possibilidades da pesquisa, aumento de pressão e insegurança em relação à liberdade de pensamento e medo de repressão política”* (Bolsista PQ da Psicologia, formulário nº 37), de maneira especial em áreas com maior participação de mulheres e com abertura para discussões que visem à equidade de gênero como as Ciências Humanas, Sociais Aplicadas, Letras, Linguística e Artes (CHSSALLA) e, ademais, dão indicativos de crescimento de *“uma narrativa [...] que colocam as mulheres em condições de subalternidade e inferioridade”* (Bolsista PQ da Psicologia, formulário nº 03) e, portanto, distantes de espaços de poder, como o campo científico.

A análise desses aspectos, ao nosso ver, merece destaque por estarem associados à retomada do discurso conservador de viés patriarcal que vem impulsionando políticas e ações antidemocráticas no Brasil, incluindo discursos que objetivam o controle das mulheres, de seus corpos e de suas ações, como observou-se nitidamente, dentre tantos exemplos, no processo de destituição (*impeachment*) da primeira presidente mulher do país em 2016 (Araújo, 2018). Segundo Rita Segato (2016) em todos os países latino-americanos e, principalmente no Brasil, a atual pressão empreendida para demonizar e até punir todos os interesses destinados a uma equidade de gênero em nome da defesa de um ideal de família e de mulher, *“longe de ser residual, minoritária e marginal [...] é a pedra angular [...] do edifício de todos os poderes”* (p. 15-16) e sua atual expressão apoia-se em uma mutação histórica das relações de gênero (e raça) desses territórios que se estruturaram, desde a colonização, a partir de um caráter binário que se dividiu entre a esfera pública (aquela dotada de política e de interesse geral), espaço de

enunciação do homem (branco) modelo universal de humano e a esfera doméstica (privada), como lugar residual, esvaziado de politicidade e restrito as mulheres (principalmente não-brancas).

Segundo a autora, a partir da ‘modernidade-colonial’ – expressão que adota para seguir a compreensão de Aníbal Quijano (2000) acerca do acontecimento latino-americano como condição da modernidade, do eurocentrismo e do capitalismo – essa organização passou de hierárquica à superhierárquica. Nesses termos, foram determinantes a supervalorização dos homens colonizados, desde então elevados à função de representantes públicos no intermédio entre os homens colonizadores e a vida comunal e a minorização e o cerceamento das mulheres aos temas do âmbito íntimo e doméstico.

Nessa lógica, a dualidade do mundo-aldeia – aquela em que “o espaço público, habitado pelos homens com suas tarefas, política e mediação (negócios, parlamento e guerra)” se diferencia, mas não destitui o espaço doméstico, “habitado por mulheres, famílias e seus muitos tipos de tarefas e atividades compartilhada” – é capturada pela estrutura binarizada da modernidade (Segato, 2016, p. 93). No mundo dual, caracterizado pela ação coletiva e comunitária, a natureza de cada esfera (pública ou doméstica) é irreduzível a outra, uma vez que, são ontologicamente completas. Assim, não há espaço para existência de um Sujeito universal, cujo enunciado é capaz de representar a todos da comunidade. Contudo, quando essas esferas são binarizadas e superhierarquizadas o outro (doméstico) do Um (público) é destituído de sua plenitude ontológica e reduzido a cumprir função subserviente ao Um, único representante da totalidade da comunidade e do humano (Segato, 2016).

Com base em Segato (2016), pode-se verificar que é justamente a partir do papel desse *Outro* (feminino, não-branco, colonial, periférico) que tornou possível a existência e o domínio do *Um* (masculino, branco, cisgênero, ocidental, heterossexual) e as condições para tratar como menor todos os aspectos relacionados à posição das mulheres e/ou do que é feminino ou

feminizado. Com a transição da vida comunal para a sociedade moderna na América Latina, primeiramente conduzida pela colonização das metrópoles ultramarina e mais tarde, pela administração dos Estados, as experiências e os modos de existência das mulheres (e do que se relaciona a elas) passaram a ser identificadas como questões de interesse particular ou questões de ‘minorias’ e por isso, sem legitimidade para se ter atenção no espaço público.

Essa esfera pública, ou ágora estatal, se tornará o *locus* de enunciação de todo discurso que aspira revestir-se de valor político [...] O sujeito natural dessa esfera pública, herdeira do espaço político do homem na comunidade, será, por marca de origem [...] do: homem; branco; proprietário; letrado; patriarca [...] Apesar de seus atributos particulares, todos os enunciados do sujeito paradigmático da esfera pública serão considerados de interesse geral e terão valor universal [...] É a partir desse processo que se pode afirmar que a história dos homens é o DNA do Estado (Segato, 2016, p. 94, tradução nossa).

A compreensão das transformações das relações de gênero que se estabeleceram na passagem para o Estado moderno são imprescindíveis para a análise dos desafios e dificuldades que são impostas às mulheres até hoje na carreira científica. O campo científico estabelecido a partir da experiência dos homens, brancos e europeus, enquanto esfera pública (Kilomba, 2019; Harding, 1986) se valeu justamente dessa hierarquização entre o espaço público (masculino e supervalorizado) e o doméstico (feminino e minorizado) para invisibilizar a produção de conhecimento de mulheres e minorizar a participação dessas em todas as fases acadêmicas e científicas.

Isso afeta todas as mulheres que optam pela carreira acadêmica-científica, tal como as bolsistas PQ da Psicologia. Contudo, maior prejuízo é conferido às mulheres negras (e demais não-brancas), já que nas condições estruturais em que se estabelecem a destituição ontológica do *Outro* (feminino e doméstico) em *Nome do Um* (masculino, branco e público), as mulheres negras são o *Outro do Outro* (Kilomba, 2019). Na lógica binária de gênero da modernidade, mulheres brancas foram normatizadas em posição associada à fraqueza (tanto corporalmente

quanto cognitivamente) em relação ao homem (branco) e a elas se delegou a reprodução da família burguesa.

Por outro lado, as mulheres negras foram consideradas animais no sentido de serem marcadas sexualmente como fêmeas, sem as características da feminilidade (atribuídas às brancas) (Lugones, 2008) e a elas se direcionou a exploração de sua força de trabalho e o castigo, na mesma medida conferida aos homens negros escravizados. Também à elas se imputou um cotidiano desumano de exploração sexual para fins da reprodução de outros escravizados. Em função dessas condições, a mulher branca se constituiu hierarquicamente como a *Outra-do Um* (homem branco, sujeito universal, isto é, humano) e a mulher negra se estabeleceu como a *Outra da Outra* (mulher branca, que apesar de inferior ao homem branco, também é reconhecida como humana) e, portanto, foi posicionada em lugar de mais difícil reciprocidade a esse *Um* (Kilomba, 2019).

Como apresentado anteriormente, no campo científico, os efeitos dessa hierarquia racial entre as mulheres brancas e negras (e todas não-brancas) se efetivam no predomínio de brancas na carreira científica, que para se manter produzindo conhecimento científico, delegam inteiramente ou compartilham partes do trabalho doméstico e de cuidado com outras mulheres, geralmente, pretas, pardas, pobres e periféricas. Esses efeitos se concretizam também na sub-representação das mulheres negras dentre as(o) cientistas e na sistemática desqualificação de suas produções acadêmicas (Kilomba, 2019).

Apesar dessas particularidades entre as pesquisadoras, dentre os estudos que abordam a participação das mulheres na carreira científica em diferentes regiões do mundo e no Brasil, predominam enfoques analíticos que tomam a experiência da mulher (branca e das classes alta ou média alta) para ‘explicar’ as condições desvantajosas de todas as mulheres nas instituições acadêmicas-científicas. Esses estudos, comprometidos com as reivindicações dos feminismos hegemônicos, ou seja, branco e burguês, omitem que, sob a lógica da matriz de opressão

colonialista, as mulheres são posicionadas em diferentes lugares sociais (Akotirene, 2019). Assim, desconsiderando as intersecções entre o gênero, a classe, a heterossexualidade e a raça, tais produções e, principalmente, suas(seus) autoras(autores), não analisam a si mesmas(os) em termos interseccionais, ou seja, se desconhecem “na intersecção de raça, gênero e outras potentes marcas de sujeição ou dominação” (Lugones, 2008, p. 95).

O desconhecimento da relação entre o gênero, a raça e outras formas de dominação também são comuns no discurso das bolsistas PQ da Psicologia brasileira. Quando questionadas acerca dos obstáculos que enfrentaram ou ainda enfrentam sendo mulheres brancas na carreira acadêmica-científica (perfil étnico-racial majoritário do estudo), boa parte delas afirma que a única desigualdade à qual estão submetidas é a relacionada ao gênero. Parte das bolsistas PQ da Psicologia chega a estranhar que para além do gênero, existem outras formas de dominação em seus cotidianos enquanto cientistas: [...] *moro* (cidade e estado suprimido) [...] *pelo meu biotipo dá para ver que eu faço jus ao meu sobrenome* (suprimido) [...] *então assim, me diluo muito na maioria da região* [...] *nunca passei* (se referia à outras formas de desigualdades) (Bolsista PQ, entrevista, nº 15).

Dentre as pesquisadoras PQ da área, as bolsistas nordestinas mencionaram que além das implicações das desigualdades de gênero nas universidades e instituições de pesquisa, sofrem os efeitos dos preconceitos regionais: [...] *na defesa de meu primeiro orientando* [...] *chamei uma pessoa* (estado suprimido) [...] *e a primeira frase dela foi: ‘fiquei surpresa ao saber que o Nordeste faz pesquisa de qualidade’* [...] *ali morreu para mim, sabe?* (Bolsista PQ, entrevista nº 09). Algumas profissionais do Sul e do Sudeste sentiram preconceitos apenas quando frequentaram instituições acadêmicas em outros países e uma única cientista destacou que apesar de ser uma mulher branca, sofreu por pertencer a classe social mais empobrecida: [...] *sofri preconceito por ser filha de agricultores, por já ter cortado cana, por já ter trabalhado*

como operária de fábrica [...] meu único privilégio é ser branca [...] (Bolsista PQ, entrevista, nº 02).

Apesar desses relatos, a maior parte das pesquisadoras, quando questionadas sobre como se sentem enquanto mulheres brancas diante dos desafios da carreira científica, ao invés de avaliarem suas experiências, optaram por destacar a difícil situação das mulheres negras nas instituições acadêmicas-científicas: [...] *a mulher negra [...] sofre muito mais do que uma mulher branca [...] gostaria de viver num mundo em que isso fosse bem mais amenizado, sabe?* [...] (Bolsista PQ, entrevista, nº 03). Embora seja indispensável o entendimento de que as mulheres negras (e também indígenas) enfrentam desafios ainda mais tortuosos na ciência brasileira, do nosso ponto de vista, a convocação (imediata) de um saber (de mulheres brancas) sobre a experiência das mulheres negras na carreira acadêmica-científica, em primeiro lugar, aparenta reproduzir o processo de objetificação de pessoas negras, historicamente comum entre acadêmicas(o) brasileiras(o) (Carneiro, 2005) e, em segundo lugar, demonstra como sujeitas(os) brancas(os), ao partirem da concepção (consciente ou não) de que são seres ‘naturais’ e ‘normais’ (Nogueira, 1988), dispensam com frequência uma autoanálise étnico-racial (Piza, 2002).

Porém, no caso das bolsistas PQ da Psicologia brasileira, de maioria branca, mas pertencente à *massa da classe média* do país – estrato social que tem privilégio, sobretudo, por acessar um conhecimento mais valorizado do que o das classes populares, mas que também é explorada pela classe burguesa (Souza, 2017) – essa posição é no mínimo problemática pois à medida que desconhecem o gênero e a classe como racializados, também deixam de reparar as fissuras existentes na branquitude (Schucman, 2012) e, assim, deixam de notar que suas realidades podem se diferenciar de outras mulheres brancas (como a de pesquisadoras brancas da *alta classe média*, minoria na ciência psicológica do país) ou até se aproximar de mulheres negras e demais não-brancas.

7.2. O trabalho científico em tempos de Covid-19 e os efeitos no cotidiano das pesquisadoras PQ/CNPq

No Brasil, a pandemia foi deflagrada em um cenário político de ampliação das desigualdades de gênero e raça, onde as medidas de restrição sanitária e isolamento social, necessárias para contenção do vírus, intensificou o trabalho doméstico das mulheres em geral. No caso das pesquisadoras, fez também com que a produtividade científica, principalmente das que são mães, entrasse em declínio (Staniscuaski et al., 2020). Diante dessas questões, propomos nesse tópico abordar como o agravamento das desigualdades estruturais de gênero rebateram na vida e na posição social das bolsistas PQ/CNPq da Psicologia.

Para tanto, em primeiro lugar é preciso situar o sucateamento das universidades públicas e da própria agência CNPq pelo atual governo, incluindo a perseguição e ataques diretos a cientistas, impondo-lhes uma situação de descrédito e desprestígio diante da sociedade brasileira. Soma-se a isso, a deterioração das condições de trabalho, do valor da bolsa pesquisador e dos salários do funcionalismo público nos últimos anos. O congelamento de salários e outras medidas impostas pela Emenda Constitucional nº 241/2016 – PEC do Teto de gastos públicos – uma das primeiras medidas do pós-golpe – com os cortes sem precedentes nos recursos do MCTI e, sobretudo, do CNPq (em outubro de 2021, 515 milhões que seriam destinados ao CNPq foram realocados pelo Ministério da Economia para a dívida pública, ou seja, bancos e investidores (SBPC, 2021) - provocou nelas “*um misto, de revolta, de indignação, de desesperança*” (Bolsista PQ, entrevista nº 22). Para boa parte delas, assistir ao desmonte do CNPq traz ainda apreensão pela possibilidade de perda da bolsa PQ, uma vez que com salários defasados e crescente custo de vida no país (IBGE, 2021), a bolsa tem funcionado

como um complemento financeiro que viabiliza o acesso a vários serviços pela classe média brasileira.

Em segundo lugar, não se pode desconsiderar a sobrecarga do trabalho acadêmico e doméstico, a qual interfere diretamente em todas as dimensões da vida e, em particular, em suas capacidades cognitivas e de confiança intelectual, afetando a produção de conhecimento em nível de excelência, tal como esperado para as pesquisadoras de alta performance, como as bolsistas PQ/CNPq. No auge da pandemia – período em que as desigualdades estruturais do país se agravaram - essas mulheres brancas e da massa da classe média assumiram o ‘serviço do lar’ outrora transferido para empregadas domésticas e/ou cuidadoras, no país com maior número de mulheres negras e pobres. Nesse processo, ocuparam-se integralmente da execução e/ou supervisão das tarefas domésticas e de cuidado e com isso tiveram menos tempo e menor disposição física e mental para o desempenho das demandas acadêmicas-científicas.

[...] [no início da pandemia] foi uma crise porque moro numa casa grande. Nós estamos com nove pessoas em casa, porque minha sogra veio pra cá e ela tinha três cuidadoras. A gente dispensou todos os auxiliares justamente com medo de contaminação e mantivemos o salário de todo mundo [...] foi uma grande revolução dentro de casa, inclusive para os filhos ajudarem a cumprir com todas as atividades [...] foi uma perda de identidade profissional que gerou muito, muito, muito problema [...] assim, eu fiquei muito dedicada a casa, a fazer a família se manter equilibrada, até que eu tive a minha primeira banca de qualificação [...] na primeira banca depois de um mês e meio sem fazer atividades acadêmicas. Aí eu desabei, eram pessoas conhecidas, ali eu desabei porque eu falei: olha, eu perdi a minha identidade profissional [...] eu quero minha vida de volta [...] eu não estava conseguindo escrever, não estava conseguindo ler, eu não estava conseguindo fazer nada! Nenhuma atividade acadêmica mesmo pra mim estava sendo possível. Eu não tinha capacidade de concentração [...] eu me sentia emburrecer [...] (Choro) (Bolsista PQ, entrevista nº 23).

Com a chegada da pandemia, as tarefas domésticas, antes delegadas a outras mulheres e distanciadas da sua realidade cotidiana, passam a organizar temporal e espacialmente o trabalho acadêmico, acarretando mudanças significativas na gestão da vida, provocando, inclusive, a sensação de perda de identidade profissional. Ou seja, a presença inesperada no mundo doméstico e a centralidade que passa a ter nas suas vidas é uma fonte de desânimo e

geradora de muito sofrimento para as pesquisadoras. Dessa forma, consideramos que a imersão compulsória dessas pesquisadoras em uma rotina sobrecarregada de trabalho, tanto em relação às tarefas domésticas, quanto acadêmicas, trouxe uma certa perda de distinção social, de prestígio e até de autonomia, já que mesmo temporariamente, impediu que suas produções científicas e seus saberes fossem produzidos.

Embora isso demonstre uma reconfiguração da posição social das cientistas da ciência psicológica, a compreensão desse cenário passa despercebida por muitas delas. Na análise da bolsista PQ a seguir, o mais difícil do atual cenário é manter-se focada e produtiva entre as tarefas domésticas e as acadêmicas, as primeiras tratadas como menos nobres (marcas da destituição de poder do espaço doméstico) e as últimas como merecedoras de prestígio:

[...] acho que o mais difícil é o foco [...] porque às vezes estou fazendo feijão e aí você tem que parar [...] de repente mergulha na tela de um computador para discutir uma coisa muito nobre e daqui a pouco eu tenho que ir para uma reunião com um professor para elaborar um artigo [suprimido] [...] então é essa coisa estranha que de você está fazendo faxina outra hora você tá discutindo uma coisa nobre [...] Já aconteceu de eu acordar de pijama e chegar a nove horas da noite eu ainda estou de pijama, né? Eu acho que essa é a parte mais difícil. Não é nem a tarefa em si. É a flexibilidade de ter que ter foco uma hora em alguma coisa e outra hora está fazendo outra (Bolsista PQ, entrevista nº 09).

A forma como as pesquisadoras descrevem a necessidade dessa conciliação, mostra, segundo Mbembe (2017), que o neoliberalismo traz um maquinário psíquico-alucinatório, ou seja, uma racionalidade própria que manipula a subjetividade dos indivíduos para assim regular suas necessidades e seus desejos, seja pelo consumo da mercadoria ou seja pelo apeço ao prestígio. Nesse sentido, tomadas por essa racionalidade hegemônica e principalmente, apegadas à crença de distinção social por estarem situadas em estratos mais privilegiados da hierarquia social brasileira, deixam de notar os efeitos da atual realidade em suas vidas.

Embora a percepção das desigualdades de gênero, de classe e de raça na ciência ainda não sejam tão evidentes para algumas pesquisadoras, o mal-estar vivenciado desde a eclosão da

pandemia tem provocado fissuras nas concepções instituídas e naturalizadas que sustentam as hierarquizações entre homens e mulheres e entre brancos e não brancos. Isso aponta, mesmo de forma embrionária, para a potência da desconstrução de ilusões quanto à igualdade de gênero entre pesquisadores e pesquisadoras de todas as áreas científicas, em particular, da Psicologia e que no mundo acadêmico as regras de excelência são orientadas por padrões masculinos que não levam em conta as diferentes realidades de vida de homens e mulheres. Conforme indicado por Olinto (2011, p. 69), “dois tipos de mecanismos são geralmente identificados para descrever as barreiras enfrentadas pelas mulheres: a segregação horizontal e a segregação vertical”. Assim, para algumas pesquisadoras da psicologia se descortina o fato de que as mulheres são, por um lado, levadas a escolher determinadas áreas e profissões, e por outro, a permanecer sempre em posições subordinadas, como é o fato de ocuparem menos cotas PQ de maior prestígio no CNPq.

Dessa maneira, dão-se conta que as mulheres enfrentam muitos mais obstáculos para o desempenho da carreira de pesquisadora PQ e em função disso, têm mais dificuldade de atingir as metas estabelecidas em termos de produção bibliográfica, formação de recursos humanos e as posições de maior destaque na área, assim como maior risco para o desenvolvimento de ansiedade, depressão, estresse e outros tipos de sofrimento. Notam também que no cenário desigual da ciência estão vulneráveis a pelo menos três situações: renunciar e/ou deixar de investir na carreira acadêmica-científica em detrimento do cuidado com os filhos e/ou demais membros da família; abdicar da maternidade e/ou de relações afetivo-conjugais tradicionais (se for uma escolha da pesquisadora) para se dedicar ao trabalho científico ou decidir conciliar a produtividade acadêmica e as atribuições familiares, tendo assim que realizar um esforço desumano.

Para a bolsista PQ (entrevista nº 03) ficar restrita às limitações dessas condições causam “muita indignação [...] “especialmente dentro da universidade [...] lugar que deveria existir

mais oportunidade”. O que ocorre na prática é que sem o devido apoio, muitas acabam com suas trajetórias na ciência prejudicadas. Porém, como defende uma parcela das bolsistas, a superação dessas barreiras requer a compreensão que os desequilíbrios de gênero se dão na academia interseccionados às desigualdades estruturais de raça e classe e, portanto, as pesquisadoras brancas precisam reconhecer que os piores obstáculos à participação na universidade e demais instituições de pesquisa são experimentados pelas mulheres negras e demais não-brancas.

Essas rachaduras também mostram que as mulheres estão mais sensíveis em relação à detecção das desigualdades entre mulheres de diferentes classes e raças, as quais são perpetuadas no *modus operandi* do trabalho doméstico no Brasil. Muitas pesquisadoras estão se dando conta que a experiência de sucesso de algumas não pode ser desconectada dos seus pertencimentos de classe e de raça. Nesse sentido, percebem que não à toa, há mais mulheres pesquisadoras brancas do que não brancas na Psicologia, as quais dependem do suporte doméstico de outras mulheres, geralmente pretas, pardas, pobres e periféricas. Essas, por sua vez, não só ficam responsáveis pelo trabalho considerado menos nobre, como ficam praticamente impedidas de serem incluídas nos diversos campos profissionais e no campo científico, como também, mantendo-se em posição social subalterna.

Segundo Carneiro (2005) essa operação tem profunda relação com o estatuto do Outro (considerado não-humano) e trata-se do epistemicídio. O epistemicídio para além da destruição do conhecimento do Outro (pessoa negra) pela cultura branca/ocidental, refere-se a um processo de “indigência cultural”, seja pela negação do acesso educacional de qualidade, ou seja, pela ininterrupta produção de sua deslegitimação enquanto produtor de conhecimento, mediante múltiplas estratégias que alvejam sua racionalidade e/ou mutila sua capacidade de aprender. Nesse mecanismo, que parte de estratégias do Estado sob a lógica do biopoder – modo de exercício sobre a vida e que institui a função do racismo para poder decidir sobre morte

(Foucault, 2005) – há um interesse de proteger os saberes e os sujeitos que compõem o grupo hegemônico (branco) em detrimento daqueles que são abandonados à morte, indivíduos negros. Carneiro (2005) aponta que nesse processo, o sucateamento da educação pública se faz imprescindível, pois sendo um instrumento que possibilita os sujeitos participarem de oportunidades sociais básicas, a exclusão das pessoas negras da escola e da ciência e “a afirmação social de uma classe média branca que pode [...] pagar pela qualidade da educação que receberá” determinará quem acessará e permanecerá em espaços de poder (p. 144).

Os posicionamentos das pesquisadoras quanto à perpetuação das iniquidades entre as próprias mulheres (e demais sujeitos negros) no âmbito da educação e da ciência dão pistas de que algo se move na direção da desnaturalização das estruturas hierárquicas que fazem parte da formação histórica da estrutura social do país. Tais desigualdades se manifestam nas universidades e demais instituições científicas a partir de estereótipos e intolerância em torno da diversidade de raça, gênero e classe. Como se sabe, a organização do trabalho científico, sobretudo nos moldes neoliberais, beneficia a produção acadêmica de homens brancos, de classes mais privilegiadas, sem filhos. Essa mesma organização impede o acesso, a permanência e a própria segurança e saúde das mulheres, especialmente das mulheres não-brancas, no campo científico.

Porém, a busca pela superação dessas barreiras exige uma reconfiguração da academia, a começar pelo rompimento com a [...] *perspectiva capitalista, racista, capacitista e colonialista da ciência ocidental* [...] (Bolsista PQ, entrevista nº 02). Diante do desmantelamento da ciência nacional e do recrudescimento das iniquidades de gênero, raça e classe, essa reestruturação deve ser estabelecida como ponto de partida, pois como afirma a pesquisadora a seguir: [...] *a gente não pode se entregar. Se a gente ficar esperando o barco correr, a gente vai desaparecer. A ciência como um todo [...] (Mas,) primeiro vai desaparecer as mulheres. Não tenho a mínima dúvida* (Bolsista PQ, entrevista nº 04) [...]. A certeza de que

as mulheres, e em maior medida, as mulheres negras e demais não-brancas, serão as principais afetadas com as consequências do recrudescimento das desigualdades no país, nos impulsiona a resgatar a noção de precariedade apresentada por Butler (2015). Conforme destaca a referida autora, embora todo o ser humano esteja exposto à vulnerabilidade e à contingência da sua condição, a atual realidade do mundo demonstra que as pessoas, a depender da intersecção dos fatores de classe, raça, gênero e orientação sexual, estão expostas assimetricamente a cenários de fome, pobreza, violência, morte e a outras condições degradantes.

Tabela 18

Síntese do Estudo 'Desigualdades de gênero no trabalho científico: permanências e dismantelamentos em processo'

Objetivo	Material e Métodos	Resultados	Considerações
Analisar o recrudescimento das desigualdades de gênero na ciência brasileira, no atual cenário de intensificação das relações patriarcais e racistas, a partir da realidade das bolsistas PQ/CNPq da Psicologia.	Etapa III: Entrevista semiestruturada (online por meio de softwares)	▪ Recrudescimento das desigualdades de gênero, raça e classe	▪ Percepção das desigualdades de gênero, de classe e de raça na ciência ainda não são tão evidentes ▪ Potência da desconstrução de ilusões quanto à igualdade de gênero entre pesquisadores e pesquisadoras de todas as áreas científicas
		▪ Sucateamento das universidades públicas e da própria agência CNPq pelo atual governo	
		▪ Sobrecarga do trabalho acadêmico e doméstico	
		▪ Impacto na produção científica das pesquisadoras da massa da classe média	
		▪ Racionalidade neoliberal e a desnaturalização das concepções tradicionais	

8. Considerações Finais

Nessa pesquisa buscou-se analisar os impactos das exigências de excelência científica no cotidiano das bolsistas PQ da Psicologia brasileira, a partir das epistemologias feministas decoloniais. Para o alcance desse objetivo, inicialmente analisei a distribuição das bolsas PQ entre as grandes áreas do conhecimento e na Psicologia e em seguida realizei um mapeamento acerca do perfil sociodemográfico, do acadêmico-científico e da rotina de trabalho dessas profissionais. A partir desse perfil, analisei os rebatimentos da jornada de trabalho no âmbito da excelência científica em Psicologia no cotidiano doméstico-familiar, bem como, na saúde delas. E, por fim, busquei entender os efeitos do recrudescimento das desigualdades no dia a dia dessas cientistas, tomando em consideração o atual cenário do país.

Os achados encontrados nesse processo, apontam para algumas questões: em primeiro lugar, permitem afirmar que as pesquisadoras da Psicologia do país enfrentam desigualdades de gênero no campo científico, como constatado em várias outras áreas do conhecimento. Na análise acerca da distribuição das bolsas PQ/CNPq na área, os dados demonstraram que elas ocupam menos posições entre as bolsas PQ com maior prestígio, embora seja uma área com marcante presença de mulheres.

Dentre as que acessam esse grupo de excelência científica, há um predomínio de mulheres brancas, cis, de classe média, casadas, heterossexuais e pertencentes à região sudeste do país. Na excelência científica, essas profissionais enfrentam uma jornada de trabalho desgastante e com múltiplas atividades, compreendidas desde tarefas administrativas até atividades de ensino, pesquisa e de orientação a estudantes de iniciação científica, mestrado, doutorado e de pós-doutorado.

Com esse padrão de múltiplas tarefas acadêmicas-científicas, o impacto no cotidiano doméstico-familiar, esfera em que outras responsabilidades lhes são conferidas, é inevitável. Para conciliar as demandas acadêmicas em conjunto das domésticas, essas cientistas contam, com o apoio de suas mães e irmãs e/ou contratam trabalhadoras domésticas/babás. Para elas, a maternidade não se configura como um obstáculo à excelência científica, mas, os conflitos gerados nas relações amorosas-conjugais, pelo menos em algum momento, já tornaram o desempenho das produções acadêmicas-científicas mais desafiador.

O conjunto das exigências desse espaço doméstico com o acadêmico e além disso, sexismo institucionalizado, a discriminação e as hierarquias de poder nas universidades e instituições de pesquisa, são fatores determinantes para sofrimento e adoecimento para maioria delas. Porém, apesar de reconhecerem que os desafios existentes em ambas as esferas as deixam mais vulneráveis, elas mantêm uma autoexigência tanto para serem boas mães, quanto para serem cientistas produtivas. Essa busca de reconhecimento no mundo acadêmico e doméstico está associada à adesão dessas profissionais à racionalidade neoliberal que impõe modos de subjetivação que fomentam a ideia de que elas ‘podem’ ou conseguem tudo. É justamente a adesão a essa racionalidade hegemônica que impede que as pesquisadoras da Psicologia brasileira reconheçam que atualmente ser professora do magistério federal e pesquisadora PQ/CNPq não garante necessariamente um lugar de destaque na sociedade ou a garantia de privilégios, já que são trabalhadoras submetidas a níveis de exploração e precarização cada vez mais ampliados.

No entanto, os achados encontrados apontam que diante das repercussões das desigualdades do trabalho acadêmico no período de pandemia, duas forças distintas estão em operação: por um lado, entre algumas pesquisadoras, a invisibilidade das desigualdades de gênero na ciência permanece escamoteada na racionalidade neoliberal de mulher empreendedora que tenta se superar a todo custo, tanto quanto as desigualdades raciais entre as

mulheres brancas e não-brancas. Por outro, entre outras pesquisadoras PQ, notou-se um deslocamento nas concepções que naturalizam as disparidades entre homens e mulheres e entre as diversas mulheres. Desse modo, notamos que as pesquisadoras enfrentam um tensionamento de forças que reposicionam seu lugar subjetivo em direção ao questionamento das desigualdades de gênero, classe e raça na Psicologia.

Nesse processo de desnaturalização, as pesquisadoras PQ da Psicologia brasileira – mulheres brancas da classe média, terão muito a aprender com as mulheres negras, que ao serem historicamente (e atualmente) desencorajadas por um cotidiano de epistemicídio, seja pela deslegitimação de sua intelectualidade, seja pela imposição de trabalhos repetitivos e pesados, lutam diariamente, desde a margem, “contra a asfixia de suas vidas e de suas ideias” (Xavier, 2021, p. 52). E o fazem a partir de dois aspectos imprescindíveis: em primeiro lugar reconhecem o âmbito doméstico como espaço de ação política e de saber científico e em segundo, compreendem que as desigualdades no âmbito científico só cessarão quando os juízes (masculino e branco) e as regras que as sustentam forem completamente modificadas, afinal, como nos ensina Audre Lorde (2013), “as ferramentas do mestre não irão dismantelar a casa do mestre [...] e este fato é somente ameaçador àquelas mulheres que ainda definem a casa do mestre como única fonte de apoio” [...] (n.p.).

Referências

- Abreu, Alice Rangel de Paiva, Hirata, Helena, & Lombardi, Maria Rosa (orgs.). (2016). *Gênero e trabalho no Brasil e na França: perspectivas interseccionais*. São Paulo: Boitempo.
- Akotirene, Carla. (2019). *Interseccionalidade* (Coleção Feminismos Plurais). São Paulo: Pólen Livros.
- Almeida, Silvio. (2019). *Racismo Estrutural* (Coleção Feminismos Plurais). São Paulo: Pólen Livros.
- Alonso, Alba, Diz, Isabel, Lois, Marta. (2016). Is gender mainstreaming helping women scientists? Evidences from research policies in Spain. *Investigaciones Feministas*, 7(2), 273-91. Recuperado de <https://revistas.ucm.es/index.php/INFE/article/download/52963/50023>.
- Anzaldúa, Gloria. (2000). Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo (Édina de Marco, Trad.). *Revista Estudos Feministas*, 8(1), 229-236. Recuperado de <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880>.
- Aquino, Estela M. L. (2006). Gênero e ciência no Brasil: contribuições para pensar a ação política na busca da equidade. In Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (Org.), *Pensando gênero e ciência* (pp. 11-25). Brasília: Presidência da República, Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres.
- Araujo Seabra, Mayara Mirella, & Martins Silva e Dutra, Fabiana Caetano. (2015). Intensificação do trabalho e percepção da saúde em docentes de uma Universidade pública Brasileira. *Ciencia & trabajo*, 17(54), 212-218. <https://dx.doi.org/10.4067/S0718-24492015000300010>.

- Araújo, Clara. (2018). Incongruências e dubiedades, deslegitimação e legitimação: o golpe contra Dilma Rousseff. In Linda Rubim, & Fernanda Argolo (Orgs.), *O golpe na perspectiva de gênero* (pp. 35-52). Salvador: EDUFBA.
- Araújo, Tânia Maria de, Pinho, Paloma de Sousa, & Masson, Maria Lucia Vaz. (2019). Trabalho e saúde de professoras e professores no Brasil: reflexões sobre trajetórias das investigações, avanços e desafios. *Cadernos de Saúde Pública*, 35(Suppl. 1), e00087318. Epub May 30, 2019. <https://doi.org/10.1590/0102-311x00087318>.
- Assis, Carolina de. (2018). Infográfico: Os caminhos de mulheres e homens na ciência brasileira. *Gênero e Número*. Recuperado de <http://www.generonumero.media/infografico-os-caminhos-de-mulheres-e-homens-na-ciencia-brasileira/>.
- Badinter, Elisabeth. (1985). *Um Amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bagilhole, Barbara, & Goode, Jackie. (2001). The Contradiction of the Myth of Individual Merit, and the Reality of a Patriarchal Support System in Academic Careers: A Feminist Investigation. *European Journal of Women's Studies*, 8(2), 161–180. <https://doi.org/10.1177/135050680100800203>.
- Bandeira, Lourdes. (2008). A contribuição da crítica feminista à ciência. *Revista Estudos Feministas*, 16 (1), 207-228. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2008000100020>.
- Barros, Suzane Carvalho da Vitória, & Mourão, Luciana. (2019). Desenvolvimento na carreira de bolsistas produtividade: uma análise de gênero. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 71(2), 68-83. <https://dx.doi.org/10.36482/1809-5267.ARBP2019v71i2p.68-83>.
- Barros, Suzane Carvalho da Vitória, & Mourão, Luciana. (2020). Trajetória Profissional De Mulheres Cientistas à luz dos Estereótipos de Gênero. *Psicologia em Estudo*, 25, e46325. Epub June 19, 2020. <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v25i0.46325>.
- Bellini, Daniela. Mara. Gouvêa. (2018). *Violência contra mulheres nas universidades: contribuições da produção científica para sua superação (SciELO e Web of Science 2016 e*

- 2017) (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos). Recuperado de <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/9942>.
- Biroli, Flávia. (2018). Uma mulher foi deposta: sexismo, misoginia e violência política. In Linda Rubim, & Fernanda Argolo (Orgs.), *O golpe na perspectiva de gênero* (pp. 77-83). Salvador: EDUFBA.
- Bock, Ana M. B. Psicologia e sua ideologia: 40 anos de compromisso com as elites. In Ana M. B. Bock (Org.), *Psicologia e o compromisso social* (pp. 15-28). São Paulo: Cortez Editora.
- Borsoi, Izabel Cristina Ferreira, & Pereira, Flavilio Silva. (2012). Mulheres e homens em jornadas sem limites: docência, gênero e sofrimento. *Temporalis*, 11(21), 119-145.
- Borsoi, Izabel Cristina Ferreira, & Pereira, Flavilio Silva. (2013). Professores do ensino público superior: produtividade, produtivismo e adoecimento. *Universitas Psychologica*, 12(4), 1213-1235. Recuperado de http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1657-92672013000400018&lng=en&tlng=pt.
- Brandão Goulart, Maria Stella, & Antunes, Juliana Coelho (2021). Professores: sofrimento mental na universidade pública?. *Trabalho & Educação*, 29(3), 95–112. <https://doi.org/10.35699/2238-037X.2020.21962>
- Butler, Judith. (2010). Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In Guacira Lopes Louro (Org.), *O corpo educado – pedagogias da sexualidade* (pp. 151-172). Belo Horizonte: Autêntica.
- Butler, Judith. (2015). *Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Campos, Taís, Vêras, Renata Meira, & Araújo, Tânia Maria de. (2020). Trabalho docente em universidades públicas brasileiras e adoecimento mental: uma revisão bibliográfica. *Revista Docência do Ensino Superior*, 10, 1–19. <https://doi.org/10.35699/2237-5864.2020.15193>.

- Carneiro, Aparecida Sueli. (2005). *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser* (Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo). Recuperado de <https://repositorio.usp.br/item/001465832>.
- Carneiro, Sueli. (2011). *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro.
- Carrasco, Cristina. (2011). La economía del cuidado: planteamiento actual y desafíos pendientes. *Revista de Economía Crítica*, 11, 205-225. Recuperado de http://revistaeconomiacritica.org/sites/default/files/REC11_9_intervenciones_CristinaCarrasco.pdf.
- Carvalhoes, Flavio, & Ribeiro, Carlos Antônio Costa. (2019). Estratificação horizontal da educação superior no Brasil: Desigualdades de classe, gênero e raça em um contexto de expansão educacional. *Tempo Social*, (31)1, 195-233. <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2019.135035>
- Castro, Mary Garcia. (2018). O golpe de 2016 e a demonização de gênero. In Linda Rubim, & Fernanda Argolo (Orgs.), *O golpe na perspectiva de gênero* (pp. 129-147). Salvador: EDUFBA.
- Castro-Gómez, Santiago. (2007). Decolonizar la universidad. La hybris del punto cero y el diálogo de saberes. In Ramón Grosfoguel y Santiago Castro-Gómez (eds.), *El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global* (pp. 79-91). Bogotá: Siglo del Hombre Editores.
- Catani, Afrânio Mendes, Oliveira, João Ferreira de & Michelotto, Regina Maria (2011). As políticas de expansão da educação superior no Brasil e a produção do conhecimento. *Fundamentos en Humanidades*, 23, 47-64. Recuperado de <https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/12877/5/Artigo%20-%20Afr%C3%A2nio%20Mendes%20Catani%20-%202011.pdf>.
- Centro de Gestão e Estudos Estratégicos - CGEE (2020). *Diagnóstico das Ciências Humanas, Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes (CHSSALLA) no Brasil*. Brasília, DF: CGEE. Recuperado de <https://www.cgEE.org.br/documents/10195/734063/CGEE-2020-CHSSALLA.pdf>.

- Collins, Patricia Hill. (2019). *Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo.
- Comissão Especial de Acompanhamento do PNPG-2011-2020. (2017). *Relatório final 2016, Sumário Executivo*. Brasília: Ministério da Educação (MEC)/ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Recuperado de <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/231117-relatorio-pnpg-final-2016-cs-pdf>.
- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq. (2019). Dados abertos. [Planilha de investimento em bolsas de produtividade de pesquisa de 2001 a 2015 do CNPq]. Recuperado de <http://www.cnpq.br/web/guest/apresentacao1>.
- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. (2017). Avaliação Quadrienal 2017: expansão da pós-graduação no Brasil é destaque para coordenadores de área. Brasília: Ministério da Educação. Recuperado de <http://www.capes.gov.br/sala-de-imprensa/noticias/8474-expansao-da-pos-graduacao-no-brasil-e-destaque-para-coordenadores-de-area>.
- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES & Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq. (2020). *Anexo I – Critérios dos Comitês de Assessoramento [2018-2020]*. Brasília: CAPES, CNPq. Recuperado de <http://ppgee.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/editais/Anexo+I.pdf>.
- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. (2018). Discentes da Pós-Graduação *stricto sensu* do Brasil [2017 a 2020]. Brasília: Ministério da Educação/CAPES. Recuperado de <https://dadosabertos.capes.gov.br/dataset/2017-2020-discentes-da-pos-graduacao-stricto-sensu-do-brasil>.
- Costa, Camila Furlan da, & Silva, Sueli Maria Goulart. (2019). Novo neoliberalismo acadêmico e o ensino superior no Brasil. *REAd, Revista Eletrônica de Administração (Porto Alegre)*, 25(3), 6-35. Epub November 25, 2019. <https://doi.org/10.1590/1413-2311.251.89569>.
- Costa, Danielle Loren. (2016). *Análise da relação entre saúde mental e trabalho de docentes universitários* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal). Recuperado de

https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/21921/1/DanielleLorenCosta_DISSERT.pdf.

Crenshaw, Kimberle. (1989). Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. *University of Chicago Legal Forum*, 1, 139-167. Recuperado de <https://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8>.

Cresswell, John W. & Plano Clark, Vicki L. (2011). *Designing and conducting mixed methods research* (2ª ed). Los Angeles: SAGE Publications.

Creswell, John W. (2016). *Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto* (2ª ed.). Porto Alegre. Editora: Artmed.

Curiel, Ochy (2014). Construyendo metodologías feministas desde el feminismo decolonial. In Irantzu Mendia Azkue, Marta Luxán, Matxalen Legarreta, Gloria Guzmán, Iker Zirion, Jokin Azpiazu Carballo (eds.), *Otras formas de (re)conocer. Reflexiones, herramientas y aplicaciones desde la investigación feminista*. Gipuzkoa: Universidad del País Vasco/Gipuzkoako Foru Aldundia.

D'Oliveira, Ana Flávia. (2019). Invisibilidade e banalização da violência contra as mulheres na universidade: reconhecer para mudar. *Interface*, 23, 1-5. <https://doi.org/10.1590/Interface.190650>

Davyt, Amilcar, & Velho, Léa. (2000). A avaliação da ciência e a revisão por pares: passado e presente. Como será o futuro?. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 7(1), 93-116. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702000000200005>

Del Priore, Mary. (2009). *Ao sul do corpo. Condição feminina e mentalidade no Brasil Colônia*. São Paulo: Unesp.

Dimenstein, Magda. (2000). A cultura profissional do psicólogo e o ideário individualista: implicações para a prática no campo da assistência pública à saúde. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 5(1), 95-121. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2000000100006>.

- Diniz, Rosa Virgínia & Goergen, Pedro L. (2019). Educação Superior no Brasil: panorama da contemporaneidade. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)*, 24(3), 573-593. <https://doi.org/10.1590/s1414-40772019000300002>.
- Elsevier (Amsterdam). (2017). *Gender in the Global Research Landscape Report*. Amsterdam: Elsevier. Recuperado de <https://www.elsevier.com/research-intelligence/resource-library/gender-report>.
- Faustino, Deivison M. (2020, 11 de julho). Os condenados pela Covid-19: uma análise fanoniana das expressões coloniais do genocídio negro no Brasil contemporâneo. *Combate Racismo Ambiental*. <https://racismoambiental.net.br/2020/07/11/os-condenados-pela-covid-19-uma-analise-fanoniana-das-expresso-es-coloniais-do-genocidio-negro-no-brasil-contemporaneo/>.
- Federici, Silvia. (2019). *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista* (Coletivo Sycorax, Trad.). São Paulo: Elefante.
- Fiuza, Leandro. Henrique. Silva. (2019). *Saúde Mental de Estudantes Universitários: “Tecnologias Leves em Saúde” como instrumento de cuidado* (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Foucault, Michel. (2012). *A Arqueologia do saber* (8ª ed). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Fox, Mary Frank. (2001). Women, Science, and Academia: Graduate Education and Careers. *Gender and Society*, 15(5), 654-666. Recuperado de <https://doi.org/10.1177/089124301015005002>.
- Frankenberg, Ruth. (1999). *White women, race masters: The social construction of whiteness*. Cidade: Minnesota. University of Minnesota.
- Fraser, Nancy. (2016). Contradictions of capital and care. *New Left Review [online]*, 100, 99-117. Recuperado de <https://newleftreview.org/issues/ii100/articles/nancy-fraser-contradictions-of-capital-and-care>.

- Furno, Juliane, Fogo, Daniel, Toneto, Lígia, Cardomingo, Matias R., & Paes, Tania. (2021). *Boletim especial gênero: as mulheres na pandemia* [Boletim]. São Paulo: Instituto para Reforma das Relações entre Estado e Empresa - IREE - Centro de Estudos de Economia. <https://iree.org.br/wp-content/uploads/2021/03/BOLETIM-ESPECIAL-DO-IREE-SOBRE-GE%CC%82NERO-V2.pdf>.
- Gamboa, Flor de María, & Pérez, Adriana Migueles. (2017). Tiempo de academia y el poder ‘poder’ de las mujeres en el desafío familia-trabajo. Las académicas de la Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo. *La ventana. Revista de estudios de género*, 5(45), 241-268. Recuperado de http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1405-94362017000100241&lng=es&tlng=es.
- Garcia-Santos, Seille C., Almeida, Leandro da S. & Werlang, Blanca Susana G. (2012). Excelência Humana: A contribuição da personalidade. *Paidéia*, 22(5), 251-259. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2012000200011>.
- Gaskell, George. (2018). Entrevistas individuais e grupais. In Martin W. Bauer & George Gaskell, *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (13ª ed.). Petrópolis: Editora Vozes.
- Gonzales, Lélia. (1984) Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, 223-244. Comunicação apresentada na Reunião do Grupo de Trabalho “Temas e Problemas da População Negra no Brasil”, IV Encontro Anual da Associação Brasileira de Pós-graduação e Pesquisa nas Ciências Sociais. Recuperado de [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira%20281%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo%20e%20Sexismo%20na%20Cultura%20Brasileira%20281%29.pdf).
- González Ramos, Ana M., & Benavente, Beatriz Revelles. (2017). Excelencia en la ciencia: una reflexión crítica afirmativa. *Cadernos de Pesquisa*, 47(166), 1372-1394. <https://doi.org/10.1590/198053144233>

- Grosfoguel, Ramón. (2006). La descolonización de la economía política y los estudios postcoloniales: transmodernidad, pensamiento fronterizo y colonialidad global. *Tabula Rasa*, (4), 17-46. Recuperado em <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=39600402>.
- Grosfoguel, Ramón. (2007). Dilemas dos estudos étnicos norte-americanos: multiculturalismo identitário, colonização disciplinar e epistemologias descoloniais. *Ciência e Cultura*, 59(2), 32-35. Recuperado em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252007000200015&lng=en&tlng=pt.
- Grosfoguel, Ramon. (2010). The epistemic decolonial turn: beyond political economy paradigms. In Walter D. Mignolo, & Arturo Escobar (Ed.), *Globalization and the decolonial option* (pp. 65-77). Londres: Routledge.
- Guedes, Moema de Castro, Azevedo, Nara, & Ferreira, Luiz Otávio. (2015). A produtividade científica tem sexo? Um estudo sobre bolsistas de produtividade do CNPq. *Cadernos Pagu*, (45), 367-399. <https://doi.org/10.1590/18094449201500450367>.
- Guimarães Neto, Leonardo. (1997). Trajetória econômica de uma região periférica. *Estudos Avançados*, 11(29), 37-54. <https://doi.org/10.1590/S0103-40141997000100003>.
- Gupta, Namrata, & Sharma, Arun K. (2002). Women Academic Scientists in India. *Social Studies of Science*, 32(5-6), 901-915. <https://doi.org/10.1177/030631270203200505>.
- Han, Byung Chul. (2018). *Psicopolítica – o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Belo Horizonte: ÂYINÉ.
- Han, Byung-Chul. (2017). *Sociedade do cansaço* (2. ed., Enio Paulo Giachini, Trad.). Petrópolis: Petrópolis.
- Haraway, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, (5), 7–41. Recuperado de <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>.
- Harding, Sandra. (1986). *The science question in feminism*. Ithaca: Cornell University Press.

- Harding, Sandra. (1996). *Ciencia y feminismo* (Pablo Manzano, Trad.). Madrid: Ediciones Morata.
- Harding, Sandra. (2019). A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. In Heloisa Buarque de Holanda (Org.), *Pensamento Feminista: conceitos fundamentais* (pp. 95-118). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.
- Hirata, Helena, & Guimarães, Nadya Araujo (Org.). (2012). *Cuidado e cuidadoras: as várias faces do trabalho do care*. São Paulo: Atlas.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2019). *Desigualdades sociais por raça ou cor no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE. Recuperado de https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2019). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua: 2019*. Rio de Janeiro: IBGE.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2020). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: outras formas de trabalho 2019*. Rio de Janeiro: IBGE. Recuperado de https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101722_informativo.pdf.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2020). *Resultados pesquisa PNAD Covid-19 – indicadores mensais: mercado de trabalho*. Rio de Janeiro: IBGE. Recuperado de http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10472/6/CC_50_mt_trabalho_remoto_e_a_pandemia.pdf.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2021). *Índice nacional de preços ao consumidor amplo*. Rio de Janeiro: IBGE. Recuperado de <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/precos-e-custos/9256-indice-nacional-de-precos-ao-consumidor-amplo.html?t=destaques>.
- Kastrup, Virgínia. (2010). Pesquisar, formar, intervir. In Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (Org.), *XIII Simpósio de Pesquisa e Intercâmbio Científico*

- em Psicologia - Pesquisa em Psicologia: formação, produção e intervenção. Anais* (pp. 172-186). Fortaleza: ANPEPP.
- Keller, Evelyn Fox, & Longino, Helen E. (Eds.). (1996). *Feminism & Science*. Oxford: Oxford University Press.
- Kilomba, Grada. (2019). *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó.
- Lander, Edgardo. (2000). ¿Conocimiento para qué? ¿Conocimiento para quién? Reflexiones sobre la universidad y la geopolítica de los saberes hegemónicos. *Estudios latino-americanos*, 7(12-13), 25-46. <http://dx.doi.org/10.22201/cela.24484946e.1999.12-13.52369>
- Lander, Edgardo. (2008). A Ciência Neoliberal. *Tabula Rasa*, 9, 247-283. <https://doi.org/10.25058/20112742.347>.
- Leitão, Cláudia. (2018). Imaginário, mulher e poder no Brasil: reflexões acerca do impeachment de Dilma Rousseff. In Linda Rubim, & Fernanda Argolo (Orgs.), *O golpe na perspectiva de gênero* (pp. 53-66). Salvador: EDUFBA.
- Leite, Andrea Ferreira, & Nogueira, Júlia Aparecida Devidé. (2017). Fatores condicionantes de saúde relacionados ao trabalho de professores universitários da área da saúde: uma revisão integrativa. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 42(e6), 2317-6369. <http://dx.doi.org/10.1590/2317-6369000010116>.
- Leite, Janete Luzia. (2017). Publicar ou perecer: a esfinge do produtivismo acadêmico. *Revista Katálisis*, 20(2), 207-215. <https://doi.org/10.1590/1982-02592017v20n2p207>.
- Leta, Jacqueline. (2003). As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. *Estudos Avançados*, 17(49), 271-284. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142003000300016>
- Lhullier, Louise A. (org.). (2013). Quem é a Psicóloga brasileira? Mulher, Psicologia e Trabalho. Brasília: Conselho Federal de Psicologia – CFP. Recuperado de <https://site.cfp.org.br/publicacao/quem-e-a-psicologa-brasileira>.

- Lima, Betina Stefanello. (2013). O labirinto de cristal: as trajetórias das cientistas na Física. *Revista Estudos Feministas*, 21(3), 883-903. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000300007>
- Lino, Tayane Rogéria. (2019). *Psicólogas, Cientistas e Feministas: a produção de si e de uma ciência psicológica posicionada*. (Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte). Recuperado de <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/30945>.
- Lloyd, Genevieve. (1996). Reason, Science and the Domination of Matter. In Evelyn Fox Keller & Helen Longino, *Feminism & Science* (pp. 41-53). Oxford: Oxford University.
- Lopes, Marcia Cavalcanti R. (2006). "Universidade produtiva" e trabalho docente flexibilizado. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 6(1), 35-48. Recuperado de <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/11080/8757>.
- Lorde, Audre. (1979/2013). *As ferramentas do mestre nunca vão dismantelar a casa grande* (Renata, Trad.). Comunicação apresentada no Second Sex Conference, The Personal and the Political Panel, New York. Recuperado de <https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-as-ferramentas-do-mestre-nunca-irao-desmantelar-a-casa-do-mestre/>.
- Löwy, Ilana. (2009). Ciências e gênero. In Helena Hirata, Françoise Laborie, Hélène Le Doaré, Danièle Senotier, *Dicionário crítico do feminismo* (pp. 40-44). São Paulo: Editora UNESP.
- Lugones, María. (2008). Colonialidad y género. *Tabula Rasa*, (9), 73-101. Recuperado de <https://www.revistatabularasa.org/numero-9/05lugones.pdf>.
- Lugones, María. (2014). Rumo a um feminismo descolonial. *Revista Estudos Feministas*, 22(3), 935-952. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2014000300013>.
- Ma, Ying, Zhao, Yandong, Gong, Xu, Sun, Li, Zheng, Yonghe. (2018). Close the gender gap in Chinese science. *Nature*, 557(7703), 25-27. Recuperado de <https://www.nature.com/articles/d41586-018-04996-3>.
- MacDonald, Paul L., & Gardner Robert C. (2000). Type I Error Rate Comparisons of Post Hoc Procedures for I j Chi-Square Tables. *Educational and Psychological Measurement*, 60(5), 735-754. Recuperado de <https://doi.org/10.1177/00131640021970871>.

- Macêdo, Shirley. (2020). Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia COVID-19: tecendo sentidos. *Revista do NUFEN*, 12(2), 187-204. <https://dx.doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol12.nº02rex.33>.
- Machado, Letícia, Perlin, Marcelo, Soletti, Rossana, Silva, Livia, Schwartz, Ida, Seixas, Adriana, Ricachenevsky, Felipe, Tamajusuku, Alessandra, & Staniscuaski, Fernanda. (2019). *Parent in Science: The Impact of Parenthood on the Scientific Career in Brazil*. Comunicação apresentada no 2nd International Workshop on Gender Equality in Software Engineering. Texto completo recuperado de <https://ieeexplore.ieee.org/document/8819567>.
- Maia, Suzana. (2021). Branquitude, classe, gênero e política: engendrando o corpo neoliberal. *Confluenze. Rivista Di Studi Iberoamericani*, 13(1), 56–76. <https://doi.org/10.6092/issn.2036-0967/13086>.
- Maito, Deíse Camargo, Panúncio-Pinto, Maria Paula, Severi, Fabiana Cristina, & Vieira, Elisabeth Meloni. (2019). Construção de diretrizes para orientar ações institucionais em casos de violência de gênero na universidade. *Interface*, 23, 1-15. <https://doi.org/10.1590/Interface.180653>.
- Maldonado-Torres, Nelson. (2007). Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In Santiago Castro-Gómez y Ramón Grosfoguel (eds.), *El giro decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global* (pp. 127-167). Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana–Siglo del Hombre.
- Malpighi, Vanessa Cristina da Silva, Barreyro, Luz Amparo López, Marigliano, Rilza Xavier, & Leopoldo, Kae. (2020). Negritude feminina no Brasil: uma análise com foco na educação superior e nos quadros executivos empresariais. *Revista Psicologia Política*, 20(48), 325-338. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2020000200006&lng=pt&tlng=pt.
- Mancebo, Deise, & Lopes, Marcia Cavalcanti R. (2004). Trabalho docente: Compressão temporal, flexibilidade e prazer? *Revista de Educação Pública*, 13(24), 138-152.

- Mancebo, Deise. (2010). Trabalho docente na educação superior brasileira: mercantilização das relações e heteronomia acadêmica. *Revista Portuguesa de Educação*, 23(2), 73-91. Recuperado de <https://revistas.rcaap.pt/rpe/article/view/13987>.
- Mason, Mary Ann, & Ekman, Eve Mason. (2007). *Mothers on the fast track: How a new generation can balance family and careers*. New York: Oxford University Press. Recuperado de <https://oxford.universitypressscholarship.com/view/10.1093/acprof:oso/9780195182675.001.0001/acprof-9780195182675-chapter-005>.
- Mattos, Amana. (2015). Feminist psychology - researches, interventions, challenges. In Ian Parker (Ed.), *Handbook of Critical Psychology* (pp. 329-338). East Sussex/ New York: Routledge.
- Mayorga, Claudia. (2014). Algumas contribuições do feminismo à Psicologia social comunitária. *Athenea Digital*, 14(1), 221-236. <http://dx.doi.org/10.5565/rev/athenead/v14n1.1089>
- Mbembe, Achille. (2017). *Crítica da Razão Negra*. Lisboa: Antígona.
- Meira, Cláudia Hyala Mansilha Grupe, & Nunes, Maria Lúcia Tiellet. (2005). Psicologia clínica, psicoterapia e o estudante de Psicologia. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 15(32), 339-343. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2005000300003>.
- Mello, Sylvia Leser. (1975). *Psicologia e profissão em São Paulo*. São Paulo: Ática.
- Melo, Hildete P. de, & Morandi, Lucilene. (2021). A divisão sexual do trabalho no contexto da pandemia. *Revista Trabalho Necessário*, 19(38), 105-125. <https://doi.org/10.22409/tn.v19i38.45884>.
- Mena, Ana Marcela Montanaro (2017). *Una mirada al feminismo decolonial em América Latina*. Madrid: Editorial Dykinson.
- Mendoza, Breny (2021). A colonialidade do gênero e poder: da pós-colonialidade à decolonialidade (Letícia Pilger da S. Silva, & Sueliton de O. Silva Filho, Trad.). *Revista X*, 16(1), 290-318. Recuperado de <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/78214/43072>.

- Menicucci, Eleonora. (2018). O golpe e as perdas de direitos para as mulheres. In Linda Rubim, & Fernanda Argolo (Orgs.), *O golpe na perspectiva de gênero* (pp. 67-75). Salvador: EDUFBA.
- Mignolo, Walter. (2003). *Historias Locales/Diseños Globales: Colonialidad, Conocimientos Subalternos y Pensamiento Fronterizo*. Madrid: Ediciones Akal.
- Minayo, Maria Cecília de Souza & Costa, António Pedro. (2018). Fundamentos Teóricos das Técnicas de Investigação Qualitativa. *Revista Lusófona de Educação*, 40, 139-153. Recuperado de <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/6439>.
- Minella, Luzinete Simões. (2013). Temáticas prioritárias no campo de gênero e ciências no Brasil: raça/etnia, uma lacuna?. *Cadernos Pagu*, (40), 95-140. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332013000100003>.
- Ministério da Educação (Brasil). (2016). Notas Estatísticas - Censo da Educação Superior 2016. Brasília: INEP. Recuperado de http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2016/notas_sobre_o_censo_da_educacao_superior_2016.pdf.
- Moreira, Danielle de Araújo, Tibães, Hanna Beatriz Bacelar, & Brito, Maria José Menezes. (2018). Prazer e sofrimento de docentes na Pós-Graduação *stricto sensu* em enfermagem. *Rev Rene*. 19: e 33328. Recuperado de <http://periodicos.ufc.br/rene/article/view/33328/pdf>.
- Moreira, Lisandra E., Alves, Júlia S., Oliveira, Renata G. de, & Natividade, Cláudia. (2020). Mulheres em tempos de pandemia: um ensaio teórico-político sobre a casa e a guerra. *Psicologia & Sociedade*, 32, e020014. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32240246>.
- Moura, Juliana da Silva; Ribeiro, Júlia Cecília de Oliveira Alves; Castro Neta, Abília Ana de Nunes, Claudio Pinto. (2019). A precarização do trabalho docente e o adoecimento mental no contexto neoliberal. *Profissão Docente*, 19(40), 01-17. Recuperado de <http://www.revistas.uniube.br/index.php/rpd/article/view/1242>.

- Mundim, Maria Célia Bruno, Wechsler, Solange Muglia, & Almeida, Leandro da Silva. (2019). Dimensões Pessoais e Contextuais da Excelência: Estudo com Cientistas Brasileiros. *Avaliação Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment*, 18(4), 438-447. <https://dx.doi.org/10.15689/ap.2019.1804.18578.12>
- Musselin, Christine. (2008). *Les universitaires*. Paris: La Découverte.
- Narvaz, Martha Giudice & Koller, Sílvia Helena. (2007). Feminismo e terapia: uma terapia feminista da família - por uma Psicologia comprometida. *Psicologia Clínica*, 19 (2), 117-131. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652007000200009>.
- Negri, Fernanda De, & Koeller, Priscila. (2019). *O Declínio do investimento público em ciência e tecnologia: uma análise do orçamento do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações até o primeiro semestre de 2019*. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA.
- Neme, Gláucia Guimarães de Souza, & Limongi, Jean Ezequiel. (2020). O trabalho docente e a saúde do professor universitário: uma revisão sistemática. *Hygeia - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde*, 16, 1-10. <https://doi.org/10.14393/Hygeia16049861>.
- Neves, Sofia, & Nogueira, Conceição. (2003). A Psicologia feminista e a violência contra as mulheres na intimidade: a (re)construção dos espaços terapêuticos. *Psicologia e Sociedade*, (15)2, 43-64. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822003000200004>
- Nogueira, Conceição. (2017). *Interseccionalidade e Psicologia Feminista*. Salvador: Editora Devires.
- Nogueira, Isildinha Batista. (1998). *Significações do corpo negro* (Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo). Recuperado de <http://www.ammapsique.org.br/baixar/corpo-negro.pdf>.
- Núcleo de Operações e Inteligência em Saúde (NOIS). (2021). *Análise socioeconômica da taxa de letalidade da COVID-19 no Brasil: Inteligência computacional aplicada à predição da evolução da COVID-19 e ao dimensionamento de recursos hospitalares*. Nota Técnica 11 – 27/05/2020. Rio de Janeiro: NOIS. Recuperado de <https://ponte.org/wp-content/uploads/2020/05/NT11-An%C3%A1lise-descritiva-dos-casos-de-COVID-19.pdf>.

- Oksala, Johanna. (2013). Feminism and neoliberal governmentality. *Foucault Stud*, 16, 32-53. <https://doi.org/10.22439/fs.v0i16.4116>.
- Olinto, Gilda. (2012). A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. *Inclusão Social*, 5(1), 68-77. Recuperado de <http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1667>.
- Oliveira Amurabi., Melo, Marina. Félix. de, Rodrigues, Quemuel. Baruque. de, & Pequeno Mayres. (2021). Gênero e desigualdade na academia brasileira: uma análise a partir dos bolsistas de produtividade em pesquisa do CNPq. *Configurações*, 27, 75-93. <https://doi.org/10.4000/configuracoes.11979>.
- Oliveira, Adriano de. (2003). *Política científica no Brasil: análise das políticas de fomento à pesquisa do CNPq* (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis). Recuperado de <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/85078>.
- Oliveira, Amanda da Silva Dias, Pereira, Maristela de Souza, & Lima, Luana Mundim de. (2017). Trabalho, produtivismo e adoecimento dos docentes nas universidades públicas brasileiras. *Psicologia Escolar e Educacional*, 21(3), 609-619. <https://doi.org/10.1590/2175-353920170213111132>.
- Oliveira, Anita. (2020). A espacialidade aberta e relacional do lar: a arte de conciliar maternidade, trabalho doméstico e remoto na pandemia da Covid-19. *Revista Tamoios*, 16(1), 154-166. <https://doi.org/10.12957/tamoios.2020.50448>.
- Oliveira, Dalila. Andrade., & Pochman, Marcio. (Orgs.). (2020). *A Devastação do trabalho: a classe do labor na crise da pandemia*. Brasília: Gráfica e Editora Positiva.
- Organização das Nações Unidas – ONU Mulheres/UN Women. (2020). *Whose time to care: Unpaid care and domestic work during COVID-19* [Informativo]. Recuperado de https://data.unwomen.org/sites/default/files/inline-files/Whose-time-to-care-brief_0.pdf.
- Paranhos, Ranulfo, Figueiredo Filho, Dalson Britto, Rocha, Enivaldo Carvalho da, Silva Júnior, José Alexandre da, & Freitas, Diego. (2016). Uma introdução aos métodos mistos. *Sociologias*, 18(42), 384-411. <https://dx.doi.org/10.1590/15174522-018004221>

Paredes, Julieta. (2008). *Hilando Fino (Desde el feminismo comunitario)*. La Paz: CEDEC.

Parent in Science. (2020). *Produtividade acadêmica durante a pandemia: efeitos de gênero, raça e parentalidade*. Levantamento realizado pelo movimento Parent in Science durante o isolamento social relativo à Covid-19, 2020. Recuperado de https://327b604e-5cf4-492b-910b-e35e2bc67511.filesusr.com/ugd/0b341b_81cd8390d0f94bfd8fcd17ee6f29bc0e.pdf?index=true.

Parent in Science. (2021). *Mulheres e maternidade no ensino superior no Brasil* [Informativo]. Recuperado de https://327b604e-5cf4-492b-910b-e35e2bc67511.filesusr.com/ugd/0b341b_6ac0cc4d05734b56b460c9770cc071fc.pdf.

Pinheiro, Jaqueline Marafon. (2020). *Os discursos do adoecimento no Brasil: uma problematização do endividamento docente* (Tese de doutorado, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo). Recuperado de <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/9171>.

Pinheiro, Luana, Lira, Fernanda, Rezende, Marcela, & Fontoura, Natália. (2019). *Os desafios do passado no trabalho doméstico do século XXI: reflexões para o caso brasileiro a partir dos dados da PNAD contínua*. Brasília/Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Recuperado de http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9538/1/td_2528.pdf.

Piza, Edith. (2002). Porta de vidro: uma entrada para branquitude. In Iray Carone & Maria. Aparecida Bento (Orgs.), *Psicologia Social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil* (pp. 59-90). Petrópolis: Vozes.

Prado, Renata Muniz, & Fleith, Denise de Souza. (2012). Pesquisadoras brasileiras: conciliando talento, ciência e família. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 64(2), 19-34. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672012000200003&lng=pt&tlng=pt.

Probert, Belinda. (2012). 'I Just Couldn't Fit It In': Gender and Unequal Outcomes in Academic Careers. *Gender, Work and Organization*, 12(1), 50-72. Recuperado de <https://doi.org/10.1111/j.1468-0432.2005.00262.x>.

- Quijano, Aníbal. (2000). Colonialidad del Poder y Clasificación Social. *Journal of World-Systems Research*, 6 (2), 342-386. <https://doi.org/10.5195/jwsr.2000.228>
- Quijano, Aníbal. (2005). Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In Edgardo Lander (org), *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas* (Colección Sur Sur, pp. 118-142). Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - Clacso.
- Rago, Margareth. (2019). “Estar na hora do mundo”: subjetividade e política em Foucault e nos feminismos. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 23, e180515. <https://doi.org/10.1590/interface.180515>.
- Reis, Edna A &, Reis Ilka A. (2002). *Análise Descritiva de Dados*. Belo Horizonte: Departamento de Estatística da UFMG. Recuperado de <http://www.est.ufmg.br/portal/arquivos/rts/rte0202.pdf>.
- Resolução normativa nº 028. (2015, 21 de dezembro). Estabelece normas gerais e específicas para as modalidades de bolsas individuais no País. Brasília: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Recuperado de http://www.cnpq.br/web/guest/view/-/journal_content/56_INSTANCE_0oED/10157/2958271.
- Ribeiro, Lúcia Helena. (2015). *Ambiente sonoro e qualidade de vida vocal de professores universitários* (Dissertação de mestrado, Universidade de Tuiuti do Paraná, Curitiba). Recuperado de <http://tede.utp.br:8080/jspui/handle/tede/1442>.
- Rosa, Bruna Silveira, Barbosa, Marcia Cristina, Pavani, Daniela Borges, Costa, Angelo Brandelli, Nardi, Henrique Caetano & Brito, Carolina. (2020). *Pesquisa sobre percepção de assédio moral e sexual relativo a gênero na UFRGS*. Porto Alegre: UFRGS. Recuperado de https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5530870/mod_resource/content/0/RelatorioAssedioUFRGS.pdf
- Rose, Nikolas. (2011). *Inventando nossos selves: Psicologia, poder e subjetividade*. Petrópolis: Vozes.

- Rossi, Alice S. (1965). Women in Science: Why So Few?: Social and psychological influences restrict women's choice and pursuit of careers in science. *Science*, 148(3674), 1196- 1202. Recuperado de <https://doi.org/10.1126/science.148.3674.1196>.
- Saavedra, Luísa, & Nogueira, Conceição. (2006). Memórias sobre o feminismo na Psicologia: para a construção de memórias futuras. *Memorandum*, 11, 113-127. Recuperado de <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a11/saavedranogueira01.htm>.
- Salgado, Martha Patricia Castañeda et al. (2019). Perspectivas y aportes de la investigación feminista a la emancipación. In Martha Patricia Castañeda Salgado (Org.), *Otras formas de (des)aprender: investigación feminista en tiempos de violencia, resistencias y decolonialidad*. Biscay: Universidad del País Vasco.
- Sanchez, Hugo Machado, Sanchez, Eliane Gouveia de Moraes, Barbosa, Maria Alves, Guimarães, Ednaldo Carvalho, & Porto, Celmo Celeno. (2019). Impacto da saúde na qualidade de vida e trabalho de docentes universitários de diferentes áreas de conhecimento. *Ciência & Saúde Coletiva*, 24(11), 4111-4123. <https://doi.org/10.1590/1413-812320182411.28712017>.
- Santos, Fabiano Antonio dos, & Marques, Hellen Jaqueline. (2018). A avaliação da Pós-Graduação Brasileira e a produção do consenso ativo. *Revista de Pós-Graduação em Educação*, 24(1), 123-145. Recuperado de <https://periodicos.ufms.br/index.php/intm/article/view/5907/4365>.
- Santos, João Henrique de Sousa, & Kind, Luciana. (2016). Produtividade acadêmica e modulações no trabalho do pesquisador em Psicologia. *Psicologia em Revista*, 22(1), 223-244. <https://dx.doi.org/DOI-10.5752/P.1678-9523.2016V22N1P223>.
- Santos, Vívian Matias dos. (2006). As origens do processo de marginalização das mulheres na ciência: uma análise das influências culturais nas teorias que legitimaram uma educação desigual entre os sexos. *Emancipação*, 1, 69-96.
- Santos, Vívian Matias dos. (2012). *Mulheres e homens na política de ciência e tecnologia*. Fortaleza: UECE/Edmeta.

- Santos, Vívian Matias dos. (2018). Notas desobedientes: decolonialidade e a contribuição para a crítica feminista à ciência. *Psicologia & Sociedade*, 30, e200112. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30200112>.
- Santos, Vívian Matias dos. (2016). Uma "perspectiva parcial" sobre ser mulher, cientista e nordestina no Brasil. *Revista Estudos Feministas*, 24 (3), 801-824. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2016v24n3p801>.
- Sardenberg, Cecília Maria Bacellar. (2002). Da Crítica Feminista à Ciência a uma Ciência Feminista? In Ana Alice Alcântara Costa & Cecilia Maria Bacellar Sardenberg (Orgs.), *Feminismo, ciência e tecnologia* (pp. 89-120). Salvador: REDOR/NEIM-FFCH/UFBA.
- Schmidt, Maria Luisa Sandoval. (2011). Avaliação acadêmica, ideologia e poder. *Psicologia USP*, 22(2), 315-334. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642011005000017>.
- Schucman, Lia Vainer. (2012). *Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana* (Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo). Recuperado de https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-21052012-154521/publico/schucman_corrigida.pdf.
- Segato, Rita Laura. (2012). Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. *E-cadernos CES (Online)*, 18, 1-5. Recuperado de <http://journals.openedition.org/eces/1533>; DOI: <https://doi.org/10.4000/eces.1533>
- Segato, Rita Laura. (2015). La norma y el sexo: frente estatal, patriarcado, desposesión, colonialidad. In Marisa Belausteguigoitia, & Josefina Saldaña (orgs.), *Des/posesión: Género, Territorio y luchas por la naturaleza* (pp. 125-162). México, DF: Universidad Nacional Autónoma de México.
- Segato, Rita Laura. (2016). *La guerra contra las mujeres*. Madrid: Traficantes de sueños.
- Sguissardi, Valdemar, & Silva Júnior, João dos Reis. (2009). *Trabalho intensificado nas federais: pós-graduação e produtivismo acadêmico*. São Paulo: Xamã.

- Shavinina, Larisa V. (2009). Scientific talent: The case of Nobel Laureates. In Larisa V. Shavinina (Ed.), *International handbook on giftedness* (pp. 649-669). New York: Springer.
- Silva, Fabiane Ferreira da, & Ribeiro, Paula Regina Costa. (2014). Trajetórias de mulheres na ciência: "ser cientista" e "ser mulher". *Ciência & Educação (Bauru)*, 20(2), 449-466. <https://doi.org/10.1590/1516-73132014000200012>
- Silveira, Susana Sarmento, & Bendassolli, Pedro Fernando. (2018). Estratégias de conciliação trabalho-família de professores universitários em uma capital do Nordeste brasileiro. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 18(3), 422-429. <https://dx.doi.org/10.17652/rpot/2018.3.14299>
- Siqueira, Maria Juracy Toneli (2008). A(s) Psicologia(s) e a categoria gênero: anotações para discussão. In Andréa Zanella et al. (Org.), *Psicologia e práticas sociais* (pp. 251-259). São Paulo: Centro Edelstein de Pesquisas. Recuperado de <http://books.scielo.org/id/886qz/pdf/zanella-9788599662878-24.pdf>.
- Siqueira, Maria Juracy Toneli. (2008). A(s) Psicologia(s) e a categoria gênero: anotações para discussão. In Andréa V. Zanella, Maria Juracy T. Siqueira, Louise A. Lhullier, & Susana I. Molonorg, *Psicologia e práticas sociais* (pp. 251-259). Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.
- Sistema de Informações Georreferenciadas (Geocapes). (2019). *Distribuição de programas de pós-graduação no Brasil*. Brasília: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. Recuperado de <https://geocapes.capes.gov.br/geocapes/>.
- Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - SBPC. (2021). *É preciso evitar o colapso da Ciência em 2021!* [Carta]. Recuperado de <https://www.sbc.org.br/noticias/10-slideshow-noticias/2299-sbc-subscrive-carta-e-preciso-evitar-o-colapso-da-ciencia-em-2021>.
- Souza, Cláudia Daniele de, Filippo, Daniela de, & Casado, Elías Sanz. (2018). Crescimento da atividade científica nas universidades federais brasileiras: análise por áreas temáticas. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)*, 23(1), 126-156. <https://doi.org/10.1590/s1414-40772018000100008>.

Souza, Jessé. (2017). *A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato*. Rio de Janeiro: LeYa.

Souza, Katia Reis, Mendonça, André Luis Oliveira, Rodrigues, Andrea Maria Santos, Felix, Eliana Guimarães, Teixeira, Liliane Reis, Santos, Maria Blandina Marques, & Moura, Marisa. (2017). A nova organização do trabalho na universidade pública: consequências coletivas da precarização na saúde dos docentes. *Ciência & Saúde Coletiva*, 22(11), 3667-3676. <https://doi.org/10.1590/1413-812320172211.01192016>.

Staniscuaski, Fernanda et al. (2018). *Projeto: Parent in Science*. Comunicação apresentada no 1º Simpósio Brasileiro sobre Maternidade e Ciência, Porto Alegre, Brasil. Recuperado de <https://www.parentinscience.com/inicio>.

Staniscuaski, Fernanda et al. (2020). Impact of COVID-19 on academic mothers. *Science*, 368(6492), 724-725. <https://doi.org/10.1126/science.abc2740>. Recuperado de <https://science.sciencemag.org/content/368/6492/724.1>.

Staniscuaski, Fernanda et al. (2021). Maternity in the Brazilian CV Lattes: when will it become a reality?. *Anais da Academia Brasileira de Ciências*, 93(1), e20201370. <https://doi.org/10.1590/0001-3765202120201370>.

Tabak, Fanny. (2002). *O Laboratório de Pandora: estudos sobre a ciência no feminino*. Rio de Janeiro: Garamond.

Tiburi, Marcia. (2018). A máquina misógina e o fator Dilma Rousseff na política brasileira. In Linda Rubim, & Fernanda Argolo (Orgs.), *O golpe na perspectiva de gênero* (pp. 107-119). Salvador: EDUFBA.

Trost, Günter. (2000). Prediction of excellence in school, higher education, and work. In Kurt A. Heller, Franz J. Mönks, Robert J. Sternberg, & Rena F. Subotnik (Eds.), *International Handbook of Giftedness and Talent* (pp. 317-327). Oxford, UK: Elsevier.

United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization - Unesco. (2020). *Women in Science*. Paris: Unesco Institute for Statistics. Recuperado de <http://uis.unesco.org/sites/default/files/documents/fs60-women-in-science-2020-en.pdf>.

- Valentova, Jaroslava V., Otta, Emma, Silva, Maria Luisa, & McElligott, Alan G. (2017). Underrepresentation of women in the senior levels of Brazilian science. *PeerJ Life & Environmen*, e4000. <https://doi.org/10.7717/peerj.4000>.
- Vasconcellos, Elza da Costa Cruz, & Brisolla, Sandra Negraes. (2009). Presença feminina no estudo e no trabalho da ciência na Unicamp. *Cadernos Pagu*, (32), 215-265. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332009000100008>.
- Velho, Léa, & León, Elena. (2012). A construção social da produção científica por mulheres. *Cadernos Pagu*, (10), 309–344. Recuperado de <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/4631474>
- Velho, Léa. (1997). A Ciência da Informação e seu público. *Transinformação*, 9(3), 15-32. Recuperado de <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/1575>.
- Velho, Léa. (2006). Prefácio. In Lucy Woellner dos Santos, Elisa Yoshie Ichikawa, & Doralice de Fátima Cargano (Org), *Ciência, tecnologia e gênero: desvelando o feminino na construção de conhecimento* (pp. xiii-xviii). Londrina: IAPAR.
- Vergès, Francoise. (2020). *Um feminismo decolonial* (Jamile Pinheiro Dias & Raquel Camargo, Trad.). São Paulo: Ubu Editora.
- Vergueiro, Viviane. (2016). Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. (Tese de doutoramento, Universidade Federal da Bahia, Salvador). Recuperado de <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/19685/1/VERGUEIRO%20Viviane%20-%20Por%20inflexoes%20decoloniais%20de%20corpos%20e%20identidades%20de%20genero%20inconformes.pdf>.
- Vieira, Regina Stela Corrêa. (2020). Trabalho e cuidado no Direito: perspectivas de sindicatos e movimentos feministas. *Estudos Avançados*, 34(98), 57-72. Epub May 08, 2020. https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142020000100057.
- Vivian, Chancarlyne, Trindade, Letícia de Lima, & Vendruscolo, Carine. (2020). Prazer e sofrimento docente: estudo na pós-graduação stricto sensu. *Revista Psicologia*

Organizações e Trabalho, 20(3), 1064-1071.
<https://dx.doi.org/10.17652/rpot/2020.3.18949>.

- Weber, João Luís Almeida, Ramos, Carine Capra, Mester, Ariela, Lindern, Daniele, Hörlle, Kyndze Rodrigues, Souza, Caroline dos Santos de, Pizzinato, Adolfo, & Rocha, Kátia Bones. (2015). Perfil dos pesquisadores bolsistas de produtividade científica em Psicologia do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 32(1), 1-11. <https://doi.org/10.1590/0103-166X2015000100001>.
- Wendt, Guilherme Welter, Lisboa, Carolina Saraiva de Macedo, DeSousa, Diogo Araújo, & Koller, Sílvia Helena. (2013). Perfil dos bolsistas de produtividade em pesquisa do CNPq em Psicologia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 33(3), 536-547. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932013000300003>.
- Xavier, Aline & Zanello, Valeska. Mães ofensoras: loucas? Más? Desconstruindo o mito da maternidade. In Valeska Zanello & Madge Porto (Org.), *Aborto e (não) desejo de maternidades: questões para a Psicologia* (pp. 123 – 142). Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2016.
- Xavier, Giovana. Ciência de Mulheres Negras: um experimento de insubmissão/Black Women Science: an experiment of insubmission. *Saúde em Debate*, 45(1), 0103-1104. <https://saudeemdebate.org.br/sed/issue/view/47>.
- Yamamoto, Oswaldo Hajime, & Oliveira, Isabel Fernandes de. (2010). Política Social e Psicologia: uma trajetória de 25 anos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(spe), 9-24. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722010000500002>.
- Zanello, Valeska. (2014). A saúde mental sob o viés do gênero: uma releitura gendrada da epidemiologia, da semiologia e da interpretação diagnóstica. In Valeska Zanello & Ana Paula M. Andrade (Orgs.), *Saúde mental e gênero: diálogos, práticas e interdisciplinaridade* (pp. 41-58). Curitiba: Appris.
- Zanello, Valeska. (2016). Saúde mental, gênero e dispositivos. In Magda Dimenstein, Jader Leite, João Paulo Macedo & Candida Dantas (Org.), *Condições de vida e saúde mental em contextos rurais*. São Paulo: Intermeios.

Zanello, Valeska. (2018). *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. Curitiba: Appris.

Apêndices

Apêndice A – Convite à participação em pesquisa e Termo de consentimento livre e esclarecido – TCLE



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Parte I – Convite à participação em pesquisa

Você está sendo convidada por Rocelly Cunha a participar da pesquisa de doutorado intitulada “Ciência e Gênero: o cotidiano de mulheres pesquisadoras em Psicologia”, a qual está sob orientação das professoras Magda Dimenstein e Candida Dantas, no PPGPsi/UFRN.

Este formulário eletrônico visa à coleta/produção de dados da minha pesquisa que objetiva analisar os impactos das desigualdades na relação ciência e gênero no cotidiano de mulheres pesquisadoras em Psicologia.

Na tela seguinte há um termo em que você manifesta seu consentimento para responder este formulário e fazer parte da pesquisa. Clique em PRÓXIMA para ler o Termo.

Parte II – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Informações

Este é um convite para você participar da pesquisa de doutorado intitulada “**Ciência e Gênero: o cotidiano de mulheres pesquisadoras em Psicologia**”, que tem como pesquisadora responsável a discente Rocelly Dayane Teotônio da Cunha Souza.

Esta pesquisa pretende analisar os impactos das desigualdades na relação ciência e gênero no cotidiano de mulheres pesquisadoras em Psicologia.

Você não pode esperar benefícios diretos da pesquisa. Possíveis desconfortos poderão ser sentidos, levando-se em conta que é uma pesquisa e que os resultados positivos ou negativos somente serão obtidos após a sua realização.

Você tem o direito de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum prejuízo para você.

Os dados que você irá fornecer são confidenciais e serão divulgados apenas em congressos e/ou publicações científicas, sempre de forma anônima. Esses dados serão guardados pelo pesquisador responsável por essa pesquisa em local seguro e por um período de 5 anos.

Durante todo o período da pesquisa, você poderá tirar suas dúvidas ligando para Rocelly Dayane Teotônio da Cunha Souza, pelo telefone (84) 99919-1988 ou enviando um e-mail para: rocellycunha@gmail.com

Qualquer dúvida sobre aspectos éticos dessa pesquisa você poderá ligar para o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, nos telefones (84) 3215-3135 / (84) 9.9193.6266, através do e-mail cepufrn@reitoria.ufrn.br. Você ainda pode ir pessoalmente à sede do CEP, de segunda a sexta, das 08:00h às 12:00h e das 14:00h às 18:00h, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Av. Senador Salgado Filho, s/n. Campus Central, Lagoa Nova. Natal/RN.

Consentimento Livre e Esclarecido

Após ter sido esclarecida sobre os objetivos, a importância e o modo como os dados serão coletados nessa pesquisa, além de conhecer possíveis desconfortos e benefícios que ela trará para mim e ter ficado ciente de todos os meus direitos, concordo em participar da pesquisa “Ciência e Gênero: o cotidiano de mulheres pesquisadoras em Psicologia”, e autorizo a divulgação das informações por mim fornecidas em congressos e/ou publicações científicas desde que nenhum dado possa me identificar.

Manifesto que estou:

() Ciente, e concordo com o Termo.

Apêndice B - Formulário eletrônico “O cotidiano de mulheres pesquisadoras em Psicologia”



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

Título da Tese: Ciência e Gênero: o cotidiano de mulheres pesquisadoras em Psicologia

Doutoranda: Rocelly Dayane Teotônio da Cunha Souza

Orientadora: Prof^a Dr^a Magda Diniz Bezerra Dimenstein

Co-orientadora: Prof^a Dr^a Candida Maria Bezerra Dantas

Parte I – Perfil sociodemográfico das pesquisadoras da área Psicologia

1. Qual a sua idade? _____

2. Qual seu estado civil?

- 1 - () Solteira
- 2 - () Casada
- 3 - () União estável
- 4 - () Separada
- 5 - () Divorciada
- 6 - () Viúva
- 7 - () Outro (especifique): _____

3. Como se auto-identifica quanto à etnia/raça?

- 1 - () Branca
- 2 - () Preta/Negra
- 3 - () Parda
- 4 - () Amarela
- 5 - () Indígena
- 6 - () Outra (especifique): _____

4. Qual a sua etnia, povo ou grupo indígena? (Especifique a(s) etnia(s) indígena(s) em até dois registros). _____

5. Qual a localização de sua residência?

- 1 - () No espaço urbano
- 2 - () No espaço rural

6. Com quem você mora? (É possível marcar mais de uma alternativa)

- 1 - () Moro sozinha
- 2 - () Somente filhas(os)
- 3 - () Cônjuge ou companheiro(a)
- 4 - () Enteadas(os)
- 5 - () Filhos(as), genros e/ou noras e/ou netos
- 6 - () Pais (família de origem)
- 7 - () Outros(as) parentes
- 8 - () Amigas(os)
- 9 - () Outros(as) (especifique): _____

7. Você tem filho/a(s)?

1 – () Sim

2 – () Não

8. Quanto/a(s) filho/a(s)?

1 – () Um

2 – () Dois

3 – () Três

4 – () Quatro

5 – () Cinco ou mais

9. Número de filhos(as) nas seguintes faixas etárias:

Até 1 ano: _____

Entre 1 e 5 anos: _____

Entre 5 e 10 anos: _____

Entre 10 e 15 anos: _____

Entre 15 e 20 anos: _____

Entre 20 e 40 anos: _____

Mais de 40 anos: _____

10. Você tem netos(as)?

1 – () Sim

2 – () Não

11. Número de netos(as) nas seguintes faixas etárias:

Até 1 ano: _____

Entre 1 e 5 anos: _____

Entre 5 e 10 anos: _____

Entre 10 e 15 anos: _____

Entre 15 e 20 anos: _____

Mais de 20 anos: _____

12. Qual sua renda mensal (individual):

- 1 - () De 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 3.135,00 até R\$ 6.270,00)
- 2 - () De 6 a 9 salários mínimos (de R\$ 6.270,01 até R\$ 9.405,00)
- 3 - () De 9 a 12 salários mínimos (de R\$ 9.405,00 até R\$ 12.540,00)
- 4 - () De 12 a 15 salários mínimos (de R\$ 12.540,00 até R\$ 15.675,00)
- 5 - () De 15 a 18 salários mínimos (de R\$ 15.675,00 até R\$ 18.810,00)
- 6 - () De 18 a 21 salários mínimos (de R\$ 18.810,00 de até R\$ 21.945)
- 7 - () Mais de 21 salários mínimos (Mais de 21.945)

13. Qual sua participação na renda familiar?

- 1 - () Única responsável
- 2 - () Principal responsável
- 3 - () Sua renda individual não é a principal do domicílio

14. Qual sua participação na renda familiar? (É possível marcar mais de uma alternativa)

- 1 - () Única responsável
- 2 - () Principal responsável
- 3 - () Responsável juntamente com o(a) companheiro(a) e/ou amigos
- 4 - () Outro(a) familiar (especifique): _____

15. Quais as fonte(s) da renda mensal (individual): (É possível marcar mais de uma alternativa)

- 1 – () Salário pago por instituições públicas de ensino
- 2 – () Salário pago por instituições privadas de ensino
- 3 – () Honorários por prestação de serviços
- 4 – () Aposentadoria
- 5 – () Instituições de fomento à pesquisa
- 6 – () Outra (especifique): _____

Parte II – Perfil acadêmico-científico das pesquisadoras da área Psicologia

16. Qual(is) graduação(ões) cursou?

- 1 – () Psicologia

2 – () Outras (especifique): _____

17. Em qual(is) instituição(ões) realizou seu(s) curso(s) de graduação?

Graduação em Psicologia: _____

Outra graduação: _____

Outra graduação: _____

18. Em que ano finalizou a(s) graduação(ões)? _____

19. Em qual(is) área(s) realizou seu(s) curso(s) de mestrado?

1 – () Psicologia

2 – () Outras (especifique): _____

20. Em qual(is) instituição(ões) realizou seu(s) curso(s) de mestrado? _____

21. Em que ano defendeu sua(s) dissertação(ões) de mestrado? _____

22. Contou com algum auxílio financeiro para realização do mestrado?

1 – () sim, com auxílio CAPES

2 – () sim, com auxílio CNPq

3 – () sim, com auxílio de Fundações Estaduais de Pesquisa

4 – () sim, com auxílio de órgãos internacionais de pesquisa

5 – () não, apenas com recursos próprios

6 – () Outros (especifique): _____

23. Em qual(is) área(s) realizou seu(s) curso(s) de doutorado?

1 – () Psicologia

2 – () Outra (especifique): _____

24. Em qual(is) instituição(ões) realizou seu(s) curso(s) de doutorado? _____

25. Em que ano defendeu sua(s) tese(s) de doutorado? _____

26. Contou com algum auxílio financeiro para realização do doutorado?

- 1 – () sim, com auxílio CAPES
- 2 – () sim, com auxílio CNPq
- 3 – () sim, com auxílio de Fundações Estaduais de Pesquisa
- 4 – () sim, com auxílio de órgãos internacionais de pesquisa
- 5 – () não, apenas com recursos próprios
- 6 – () Outros (especifique): _____

27. Fez doutorado sanduíche no exterior?

- 1 – () Sim
- 2 – () Não

28. Em que instituição e país? _____

29. Contou com algum auxílio financeiro para realização?

- 1 – () sim, com auxílio CAPES
- 2 – () sim, com auxílio CNPq
- 3 – () sim, com auxílio de Fundações Estaduais de Pesquisa
- 4 – () sim, com auxílio de órgãos internacionais de pesquisa
- 5 – () não, apenas com recursos próprios
- 6 – () Outro (especifique): _____

30. Fez estágio pós-doutoral?

- 1 – () Sim
- 2 – () Não

31. Em qual(is) áreas? _____

32. Quantos? _____

33. Em qual(is) instituições e países? _____

34. Contou com algum auxílio financeiro para realização?

- 1 – () sim, com auxílio CAPES
- 2 – () sim, com auxílio CNPq
- 3 – () sim, com auxílio de Fundações Estaduais de Pesquisa
- 4 – () sim, com auxílio de órgãos internacionais de pesquisa
- 5 – () não, apenas com recursos próprios
- 6 – () Outro (especifique): _____
35. Em que ano ingressou no magistério superior? _____
36. Em qual instituição de ensino? _____
37. Em qual(is) instituição(ões) de ensino superior trabalha atualmente? _____
38. A qual(is) programa(s) de pós-graduação está vinculada? _____
39. Qual a dependência administrativa da instituição que atua?
- 1 – () Pública
- 2 – () Particular
- 3 – () Confessional
40. Qual a classe e nível atual da carreira?
- 1 - () professora adjunta I
- 2 - () professora adjunta II
- 3 - () professora adjunta III
- 4 - () professora adjunta IV
- 5 - () professora associada I
- 6 - () professora associada II
- 7 - () professora associada III
- 8 - () professora associada IV
- 9 - () professora Titular
- 10 - () Outro (especifique): _____
41. Ocupou/ocupa função gratificada ou cargo de direção?
- 1 – () Sim

2 – () Não

42 Qual(is)? _____

43. Qual modalidade atual de Bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq?

1 – () PQ1A

2 – () PQ1B

3 – () PQ1C

4 – () PQ1D

5 – () PQ2

6 – () PQSR

44. Em que ano ingressou no sistema PQ/CNPq (pela primeira vez)? _____

45. Há quanto tempo está na modalidade de bolsa atual (em anos)? _____

46. Em qual das subáreas do CNPq você está vinculada?

1 - () Fundamentos e Medidas da Psicologia

2 - () Psicologia Experimental

3 - () Psicologia Fisiológica

4 - () Psicologia Comparativa

5 - () Psicologia Social

6 - () Psicologia Cognitiva

7 - () Psicologia do Desenvolvimento Humano

8 - () Psicologia do Ensino e da Aprendizagem

9 - () Psicologia do Trabalho e Organizacional

10 - () Tratamento e Prevenção Psicológica

Em qual das especialidades informadas abaixo se vincula sua atuação acadêmico-científica?

47. Fundamentos e Medidas da Psicologia História

- 1 - () Teorias e Sistemas em Psicologia
- 2 - () Metodologia, Instrumentação e Equipamento em Psicologia
- 3 - () Construção e Validade de Testes, Escalas e Outras Medidas Psicológicas
- 4 - () Técnicas de Processamento Estatístico, Matemático e Computacional em Psicologia

48. Psicologia Cognitiva

- 1 - () De acordo com a classificação proposta pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), na subárea Psicologia Cognitiva não há especialidades).

49. Psicologia Experimental

- 1 - () Processos Perceptuais e Motores
- 2 - () Processos de Aprendizagem, Memória e Motivação
- 3 - () Processos Cognitivos e Atencionais
- 4 - () Estados Subjetivos e Emoção

50. Psicologia do Desenvolvimento Humano

- 1 - () Processos Perceptuais e Cognitivos
- 2 - () Desenvolvimento
- 3 - () Desenvolvimento Social e da Personalidade

51. Psicologia Fisiológica

- 1 - () Neurologia, Eletrofisiologia e Comportamento
- 2 - () Processos Psico-Fisiológicos
- 3 - () Estimulação Elétrica e com Drogas e Comportamento
- 4 - () Psicobiologia

52. Psicologia do Ensino e da Aprendizagem

- 1 - () Planejamento Institucional
- 2 - () Programação de Condições de Ensino
- 3 - () Treinamento de Pessoal
- 4 - () Aprendizagem e Desempenho Acadêmicos
- 5 - () Ensino e Aprendizagem na Sala de Aula

53. Psicologia Comparativa

- 1 - () Estudos Naturalísticos do Comportamento Animal
- 2 - () Mecanismos Instintivos e Processos Sociais em Animais

54. Psicologia do Trabalho e Organizacional

- 1 - () Análise Institucional
- 2 - () Recrutamento e Seleção de Pessoal
- 3 - () Treinamento e Avaliação
- 4 - () Fatores Humanos no Trabalho
- 5 - () Planejamento Ambiental e Comportamento Humano

55. Psicologia Social

- 1 - () Relações Interpessoais
- 2 - () Processos Grupais e de Comunicação
- 3 - () Papéis e Estruturas Sociais; Indivíduo
- 4 - () Tratamento e Prevenção Psicológica

56. Intervenção Terapêutica

- 1 - () Programas de Atendimento Comunitário
- 2 - () Treinamento e Reabilitação
- 3 - () Desvios da Conduta
- 4 - () Distúrbios da Linguagem
- 5 - () Distúrbios Psicossomáticos

Inserção na área (nos últimos 10 anos/2010-2020):

57. Participou/participa de redes nacionais e/ou internacionais de pesquisa?

- 1 – () Sim
- 2 – () Não

58. Coordenou/coordena ou participou/participa de Grupos de Trabalho (GT) vinculados à Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP)?

1 – () Sim

2 – () Não

59. Coordenou/coordena ou participou/participa de grupo de pesquisa e/ou núcleo de excelência vinculados ao Diretório de Bases do CNPq?

1 – () Sim

2 – () Não

60. Coordenou/coordena ou participou/participa de projetos científicos financiados por agência nacional e/ou internacional?

1 – () Sim

2 – () Não

61. Quanto à sua atuação na formação de recursos humanos (nos últimos dez anos/2010-2020), ministrou/ministra aulas na Graduação?

1 – () Sim

2 – () Não

62. Esteve/está inserida em Programa de Pós-Graduação?

1 – () Sim

2 – () Não

63. Em qual(is) área(s)? (Poderá selecionar mais de uma opção)

1 – () Psicologia

2 – () Áreas afins (especifique): _____

64. Em qual(is) nível(is) está inserida? (Pode marcar mais de uma alternativa)

1 – () Mestrado

2 – () Doutorado

3 – () Mestrado Profissional

65. Em qual(is) níveis tem orientações concluídas? (Pode marcar mais de uma alternativa)

- 1 – () Mestrado
- 2 – () Doutorado
- 3 – () Mestrado Profissional
- 4 – () Pós-doutorado
- 5 – () Iniciação científica

66. Quanto à gestão científica-acadêmica (nos últimos dez anos/2010/2020), participou/participa de diretoria de Sociedade Científica?

- 1 – () Sim
- 2 – () Não

67. Foi/é membro de Comissões de Avaliação na Área (Capes e/ou outras instituições)?

- 1 – () Sim
- 2 – () Não

68. Foi/é membro de Comitê de Assessoramento de agência de fomento (CNPq e/ou Fundações estaduais)?

- 1 – () Sim
- 2 – () Não

69. Participou/participa de Editoria de periódicos qualificados?

- 1 – () Sim
- 2 – () Não

70. Foi/é coordenadora/vice coordenadora de Programas de Pós-Graduação e/ou chefe/vice de Departamento?

- 1 – () Sim
- 2 – () Não

Pesquisa e produção científica

As próximas perguntas se referem à sua atuação em pesquisa e produção científica dos últimos dez anos (2010-2020).

71. Você participou/participa de Conselho editorial?

1 – () Sim

2 – () Não

72. Participou de bancas de mestrado e doutorado (qualificação e defesa)?

1 – () Sim

2 – () Não

73. Participou de bancas de concurso público para docente?

1 – () Sim

2 – () Não

74. Participou da organização de eventos científicos nacionais e/ou internacionais?

1 – () Sim

2 – () Não

75. Apresentou trabalhos em eventos científicos nacionais e/ou internacionais?

1 – () Sim

2 – () Não

76. Publicou artigos científicos e/ou capítulos de livro?

1 – () Sim

2 – () Não

77. Elaborou produtos técnicos na área?

1 – () Sim

2 – () Não

78. Foi parecerista *ad hoc* para revista e/ou eventos científicos?

1 – () Sim

2 – () Não

Parte III – Jornada de Trabalho

79. Em qual local realiza sua jornada de trabalho acadêmico-científica?

1 – () Exclusivamente na universidade

2 – () Preferencialmente em casa

3 – () Parte na universidade e parte em casa

4 – () Outro local (especifique): _____

80. Por quê prefere realizar suas atividades neste(s) local(is)? _____

81. Horas semanais, aproximadamente, dedicadas à:

Docência presencial e/ou à distância: _____

Orientação de alunos de graduação e pós-graduação: _____

Atividade de extensão: _____

Atividade de pesquisa: _____

Função administrativa: _____

82. Destaque aspectos positivos e negativos da sua rotina de trabalho. _____

Parte IV – Interferência das dimensões sociais na excelência científica

1. Nunca	2. Raramente	3. Algumas vezes	4. Frequentemente	5. Sempre
----------	--------------	------------------	-------------------	-----------

83. Na sua formação pós-graduada , sentiu-se reconhecida pelos(as) colegas discentes e pelos(as) docentes por seu trabalho acadêmico ?	1	2	3	4	5
---	---	---	---	---	---

84. Na sua formação pós-graduada , sentiu-se discriminada e/ou assediada pela condição de ser mulher ?	1	2	3	4	5
85. Na sua formação pós-graduada , sentiu-se discriminada e/ou assediada por sua identificação étnico-racial ?	1	2	3	4	5
86. Na sua formação pós-graduada , sentiu-se discriminada e/ou assediada por sua orientação sexual e/ou identidade de gênero ?	1	2	3	4	5
87. Na sua formação pós-graduada , sentiu-se discriminada e/ou assediada por sua região de origem ?	1	2	3	4	5

88. Na sua **formação pós-graduada**, solicitou **adiamento de atividades acadêmicas** em função de demandas domésticas familiares (gestação, puerpério, cuidado com filhos(as) e/ou demais familiares, etc)?

1 – () Sim

2 – () Não

89. Nesse(s) caso(s) **recebeu apoio da(o) sua/seu orientadora/orientador** quanto ao adiamiento de atividades acadêmicas?

1 – () Sim

2 – () Não

90. De que forma se deu o apoio? _____

1. Nunca	2. Raramente	3. Algumas vezes	4. Frequentemente	5. Sempre
----------	--------------	------------------	-------------------	-----------

91. Na docência universitária , sentiu/sente-se reconhecida pela instituição em que atua?	1	2	3	4	5
92. Na docência universitária , sentiu/sente-se reconhecida pelos(as) alunos(as) e docentes da instituição que atua?	1	2	3	4	5

93. Na docência universitária , sentiu/ sente-se discriminada e/ou assediada pela condição de ser mulher na instituição que atua?	1	2	3	4	5
94. Na docência universitária , sentiu-se discriminada e/ou assediada por sua identificação étnico-racial ?	1	2	3	4	5
95. Na docência universitária , sentiu-se discriminada e/ou assediada por sua orientação sexual e/ou identidade de gênero ?	1	2	3	4	5
96. Na docência universitária , sentiu/sente-se desprivilegiada pela localização regional da instituição que atua ?	1	2	3	4	5

97. Já solicitou **ajuste das atividades acadêmicas** em função de demandas domésticas familiares (gestação, puerpério, cuidado com filhos(as) e/ou demais familiares, dentre outros aspectos)?

1 – () Sim

2 – () Não

98. Nesse(s) caso(s) recebeu **apoio da gestão universitária** quanto ao ajuste das atividades acadêmicas em função dessas demandas?

1 – () Sim

2 – () Não

99. De que forma se deu o apoio? _____

1. Nunca	2. Raramente	3. Algumas vezes	4. Frequentemente	5. Sempre
----------	--------------	------------------	-------------------	-----------

100. Como bolsista PQ do CNPq , sentiu/sente-se reconhecida pelo CNPq pelo trabalho científico que produz?	1	2	3	4	5
101. Como bolsista PQ do CNPq , acredita que a modalidade de bolsa de produtividade em pesquisa equivale aos seus esforços de trabalho?	1	2	3	4	5
102. Como bolsista PQ do CNPq , acredita que bolsistas mulheres	1	2	3	4	5

obtem o mesmo reconhecimento do que bolsistas homens no âmbito científico?					
103. Como bolsista PQ do CNPq , sentiu/sente-se discriminada por sua identificação étnico-racial para seleção/progressão da bolsa PQ?	1	2	3	4	5
104. Como bolsista PQ do CNPq , sentiu-se discriminada por sua região de origem para seleção/progressão da bolsa PQ?	1	2	3	4	5

105. **Solicitou adiamento de prazos** de inscrição de projetos de pesquisa e/ou entrega de relatórios finais em função de demandas domésticas e familiares (gestação, puerpério, adoecimento de filhos(as), etc)?

1 – () Sim

2 – () Não

106. Na ocasião dessa solicitação, sentiu-se/sente-se apoiada pelo CNPq?

1 – () Sim

2 – () Não

Parte V - Impactos da excelência científica na saúde

107. O cumprimento das exigências acadêmicas-científicas já provocou/provoca algum tipo de adoecimento físico?

1 – () Sim

2 – () Não

108. Você buscou ajuda de algum(a) profissional?

1 – () Sim

2 – () Não

109. Que tipos de adoecimento(s) e que profissional buscou? _____

110. O cumprimento das exigências acadêmicas e científicas já provocou/provoca algum tipo de sofrimento psíquico?

1 – () Sim

2 – () Não

111. Você buscou ajuda de algum(a) profissional?

1 – () Sim

2 – () Não

112. Que tipos de adoecimento(s) e que profissional buscou? _____

113. Já precisou de atendimento médico enquanto desenvolvia suas atividades na universidade?

1 – () Sim

2 – () Não

114. Por qual motivo? _____

115. Quanto aos hábitos alimentares, onde realiza suas refeições?

1 – () Na universidade

2 – () Em casa

3 – () Em restaurantes e/ou estabelecimentos congêneres

4 – () Outros (especifique): _____

116. Você considera que sua rotina alimentar saudável?

1 – () Sim

2 – () Não

117. A sua rotina alimentar tem relação com o seu cotidiano de trabalho?

1 – () Sim

2 – () Não

118. Você pratica atividades físicas?

1 – () Sim

2 – () Não

119. Costuma realizar atividades físicas na companhia de: (É possível marcar mais de uma alternativa)

1 – () sozinha

2 – () filhas(os)

3 – () companheira(o)

4 – () genitores

5 – () outros(as) familiares

6 – () amigas(os)

7 – () colegas de trabalho

8 – () outras pessoas

120. Realiza atividades físicas com que frequência?

1 – () semanalmente

2 – () mensalmente

3 – () esporadicamente

121. Você considera sua rotina de atividades físicas suficiente?

1 – () Sim

2 – () Não

122. A dificuldade em realizar satisfatoriamente as atividades físicas está associada ao cotidiano de trabalho?

1 – () Sim

2 – () Não

123. Costuma realizar/participar de atividades de lazer (festas, praia, viagens, visitas e passeios culturais, etc.)?

1 – () Sim

2 – () Não

124. Costuma realizar atividades de lazer na companhia de: (É possível marcar mais de uma alternativa)

- 1 – () sozinha
- 2 – () filhas(os)
- 3 – () companheira(o)
- 4 – () genitores
- 5 – () outros(as) familiares
- 6 – () amigas(os)
- 7 – () colegas de trabalho
- 8 – () outras pessoas

125. Realiza atividades de lazer com que frequência?

- 1 – () semanalmente
- 2 – () mensalmente
- 3 – () esporadicamente

126. Você considera que sua atividade de lazer é suficiente?

- 1 – () Sim
- 2 – () Não

127. A dificuldade de realizar satisfatoriamente atividades de lazer tem relação com seu cotidiano de trabalho?

- 1 – () Sim
- 2 – () Não

Parte VI - Modos de vida e excelência científica

128. Você é mãe?

- 1 – () Sim
- 2 – () Não

129. A maternidade impactou/impacta na sua carreira acadêmica e científica?

1 – () Sim

2 – () Não

130. Em qual(is) destas atividades acadêmicas e científicas?

1 – () Produção científica (artigos, livros e projetos de pesquisa)

2 – () Participação em eventos científicos locais e/ ou fora da cidade

3 – () Participação em reuniões acadêmicas-científicas

4 – () Viagens a trabalho (Bancas e eventos)

5 – () Cumprimento de prazos junto à universidade e agências de fomento

6 – () Atividades de gestão acadêmica-científica

7 – () Outra (especifique): _____

131. Quando estava/está trabalhando, com quem suas/seus filhas(os) ficavam/ficam prioritariamente?

1 – () Na Creche e/ou Escola

2 – () Com companheira(o)

3 – () Com as irmãs(o) mais velhas ou outros membros da família

4 – () Com outros familiares

5 – () Com profissional doméstico(a)

6 – () Outra pessoa (especifique): _____

132. Quando estava/está em casa, suas/seus filhas(os) geralmente ficavam/ficam com?

1 – () Com você

2 – () Na Creche e/ou Escola

3 – () Com companheira(o)

4 – () Com as irmãs(o) mais velhas ou outros membros da família

5 – () Com outros familiares

6 – () Com profissional doméstico(a)

7 – () Outra pessoa (especifique): _____

133. Você compartilhava/compartilha o cuidado dos seus/suas filhos(as) com alguém?

1 – () Sim

2 – () Não

134. Com quem? _____

135. Qual(is) desta(s) tarefa(s) na sua unidade doméstica estão sob sua responsabilidade (poderá marcar mais de uma das alternativas):

1 – () Cuidar da casa (limpeza, preparação das refeições, lavar, passar e guardar roupas, lavar louças, dentre outros)

2 – () Pagar contas, administrar o patrimônio e adquirir os bens de consumo necessários para a unidade doméstica

3 – () Cuidado das filhas(os) e/ou enteadas(os), netos(as) - (quando crianças e/ou adolescentes), e/ou auxílio das filhas(o) e/ou enteadas(o) e/ou noras/genros - (adultos que residam ou não na mesma unidade doméstica)

4 – () Cuidado ou auxílio de genitores e/ou responsáveis (família de origem) e/ou outros parentes

5 – () Nenhuma

6 – () Outras atividades (especifique): _____

136. Você compartilha essa(s) atividade(s) da gestão da unidade doméstica com alguém?

1 – () Sim

2 – () Não

137. Com quem compartilha? _____

138. Você considera que esse cotidiano impacta negativamente na excelência científica?

1 – () Sim

2 – () Não

139. Como impacta? _____

140. Nesse período de suspensão das atividades acadêmicas em consequência da pandemia do COVID-19, o cumprimento de seu trabalho acadêmico-científico tem sido afetado?

1 – () Sim

2 – () Não

141. De que forma? _____

142. Você dispõe das condições para realização do trabalho remoto em sua casa?

1 – () Sim

2 – () Não

143. Por quê? _____

Parte VII - Relações afetivas-conjugais e excelência científica

1. Nunca 2. Raramente 3. Algumas vezes 4. Frequentemente 5. Sempre

144. Os seus relacionamentos afetivos/conjugais afetaram/afetam negativamente seu rendimento acadêmico? (Assinale a opção que melhor se adeque a sua experiência)	1	2	3	4	5
145. Você precisou/precisa renunciar à oportunidades profissionais/acadêmicas por causa dos seus relacionamentos?	1	2	3	4	5
146. Já teve/tem conflitos em seus relacionamentos por se dedicar muito ao trabalho?	1	2	3	4	5

147. Caso tenha marcado algumas vezes, frequentemente ou sempre em uma das opções acima, pedimos que dê alguns exemplos: _____

Parte VIII - Participação política em defesa da ciência

148. Você participa de algum conselho, coletivo, movimento, associação ou entidade de luta em **defesa da ciência nacional**?

1 – () Sim

2 – () Não

149. Qual? _____

150. Você considera que na Psicologia a participação de mulheres pesquisadoras é representativa nos movimentos, associações ou entidades em defesa da ciência?

1 – () Sim

2 – () Não

151. Você participa de algum conselho, coletivo, movimento, associação ou entidade de luta pelos direitos das mulheres?

1 – () Sim

2 – () Não

152. Qual? _____

153. Para você, qual a importância das mulheres no âmbito acadêmico-científico? _____

154. Para você, quais os impactos das atuais políticas adotadas pelo governo no cotidiano de mulheres pesquisadoras? _____

Parte IX – Participação nesta pesquisa

155. Você gostaria de acrescentar alguma coisa que não abordamos? _____

156. Você se disponibiliza para uma entrevista (on-line)?

1 – () Sim

2 – () Não

157. Por favor, disponibilize seu endereço eletrônico e/ou contato telefônico: _____

Apêndice C – Roteiro de entrevista



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

Título da Tese: Ciência e Gênero: o cotidiano de mulheres pesquisadoras em Psicologia

Doutoranda: Rocelly Dayane Teotônio da Cunha Souza

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Magda Dimenstein

Co-orientadora: Prof.^a Dr.^a Candida Dantas

PARTE I

1. O que motivou a escolha da vida acadêmica-científica?
2. O que significa para você ser uma bolsista PQ do CNPq? Era algo desejado pelo qual você veio trabalhando? Alguma referência feminina orientou essa escolha?
3. Existem mulheres pesquisadoras que você admira? Quem são elas?
4. Que exigências e expectativas existem quanto à performance de uma mulher pesquisadora? É diferente em relação aos homens?

5. Quais são as atividades que compõem o seu cotidiano enquanto pesquisadora? Diante dessas atribuições acadêmicas e científicas, como você gerencia seu cotidiano em relação à sua vida pessoal, familiar, afetiva?
6. Como você se sente tendo que conciliar essas diferentes ocupações no dia a dia? Quais estratégias utiliza?

PARTE II

1. Como você avalia essa disparidade de gênero na ciência?
2. Como se sente disputando espaço em um cenário científico extremamente desigual para mulheres?
3. Você identifica obstáculos à vida acadêmica-científica pelo fato de ser mulher (negra, indígena, trans, etc)?
4. Você vê alguma especificidade da contribuição/atuação das mulheres no âmbito da ciência?
5. O que pode ser feito para combater essas desigualdades de gênero na ciência? Como seu trabalho pode contribuir para isso?
6. Como tem visto o cenário político atual e as repercussões à ciência brasileira? Como tem afetado seu trabalho?
7. Quais suas expectativas em relação ao futuro da ciência no Brasil e à participação das mulheres?